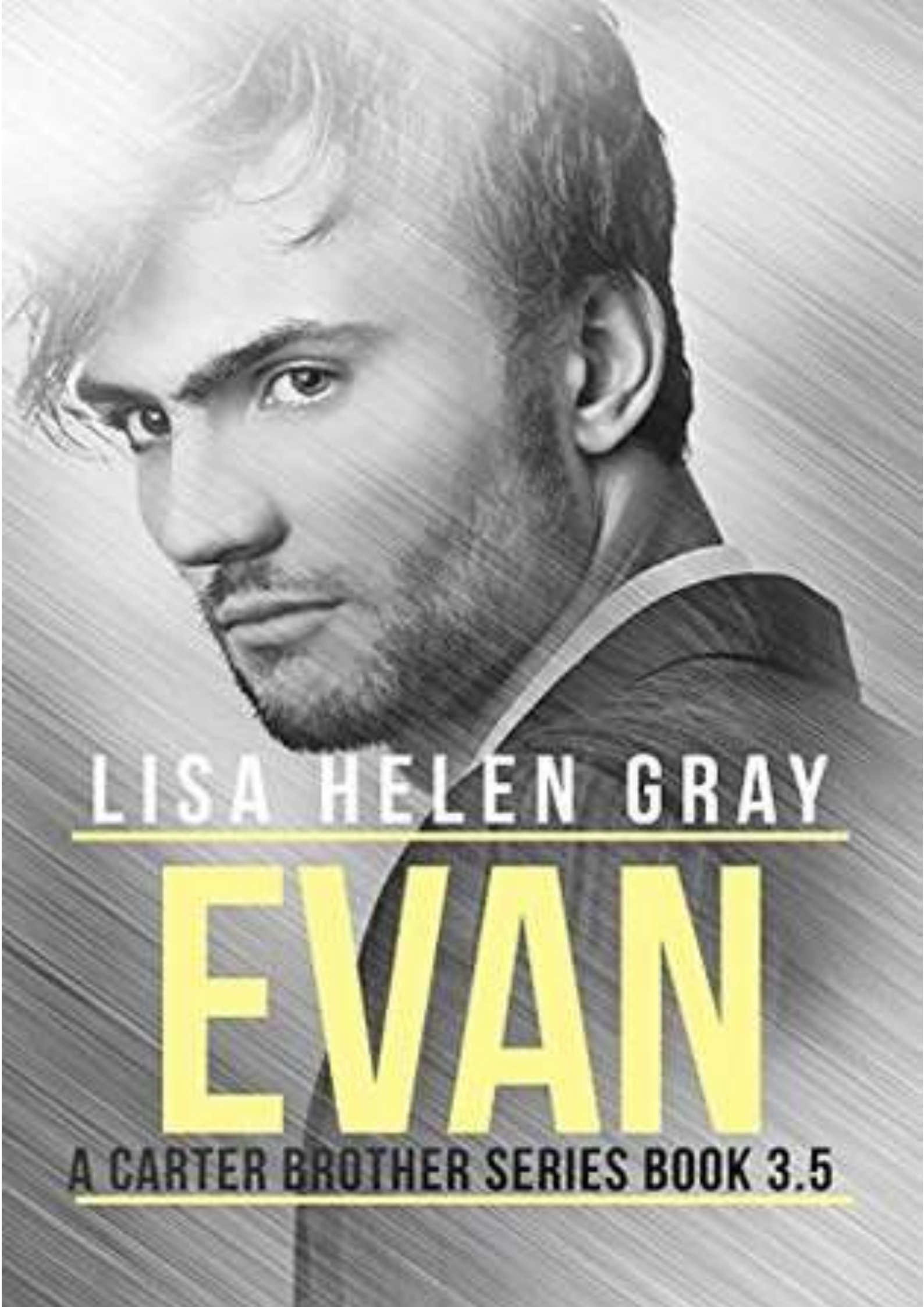
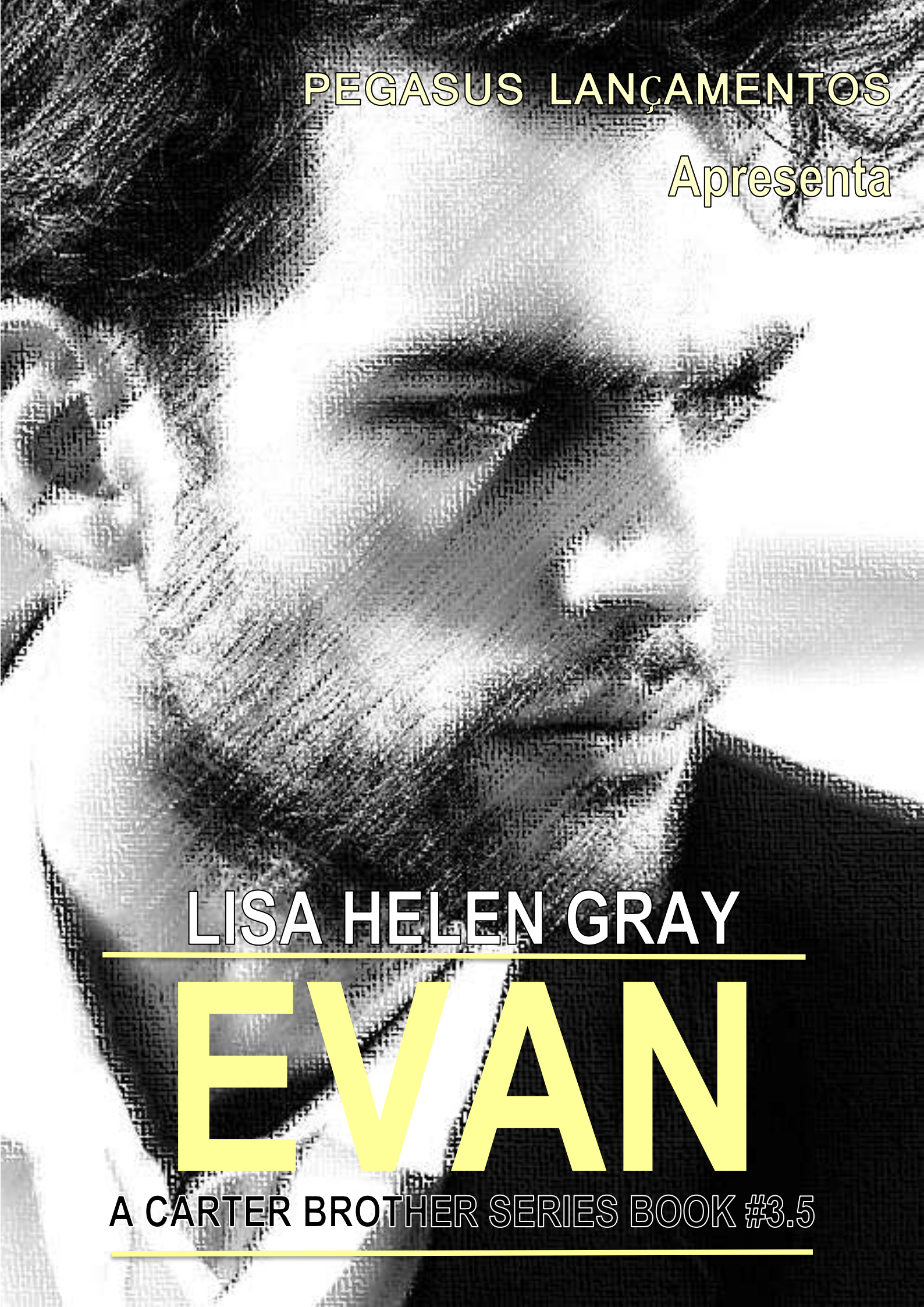

LISA HELEN GRAY
EVAN
A CARTER BROTHER SERIES BOOK 3.5


PEGASUS LANÇAMENTOS
Apresenta
LISA HELEN GRAY
EVAN
A CARTER BROTHER SERIES BOOK #3.5



Pégasus Lançamentos

Tradução: *Leticia Isquerdo; Re Rufino; Dri Guedes; Blackbird; Ma Nem Sei; Laila A.; Gis Cabot*

Revisão Inicial: *Ayanami*

Revisão Final: *Anna Azulzinha*

Leitura Final: *Silvia Helena*

Verificação: *Edilene, Sónia Campos*

Formatação: *Sónia Campos*

PL 8 anos de tradução

CARTER BROTHERS SERIES

Lançamento



Brevemente





Distribuídos







Aviso

"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Sinopse

Evan Smith teve sua vida planejada desde os doze anos de idade. Ele sabia o que queria e sabia como conseguir.

Somente quando sua irmã é sequestrada ele percebe que a vida que tem não é a que realmente quer.

Ele quer mais.

Evan começa a criar raízes e tudo parece estar indo bem até que uma morena pequena, sexy e com olhos redondos e castanhos aparece na sua porta.

Não apenas sua beleza deixa Evan fora de órbita, mas o que ela diz altera toda sua vida.

Kennedy pode ter dado notícias que o abalou mas também deu a ele a coisa que mais desejava.

Quando alguém ameaça destruir a vida que ele sempre quis, como lidará com isso? Será capaz de mantê-las seguras ou chegará tarde demais?

CAPÍTULO UM

EVAN

Descobrir que sua mãe não era sua genitora. Que sua progenitora foi morta pela mulher que fingiu ser sua mãe por vinte e oito anos, realmente ferra com sua cabeça.

Eu sempre soube que era adotado. Lembro-me de um velho casal antes de me mudar com meu pai. Eles eram amorosos e gentis, nada parecidos com a mãe com que eu cresci. Lembro de sempre pensar, *leve-me de volta para eles*. Esse pensamento persistiu até que me deixaram perto da minha irmã, então sabia que precisava ficar. Alguém tinha que protegê-la.

E falhei.

De muitas maneiras.

Não apenas da minha mãe, mas do mal que se encontrava fora das quatro paredes onde vivíamos. Quando não consegui protegê-la de uma das



gangues da nossa cidade, sabia que precisava melhorar. Fazer as escolhas certas ao invés de sempre fazer as coisas erradas.

Foi o que me trouxe aqui.

— Tem certeza de que não podemos fazê-lo mudar de idéia para que fique? — Meu agora, antigo chefe, William, pergunta. Ele apenas está chateado por não ter ninguém da minha idade em sua equipe para trabalhar disfarçado. Após os últimos nove anos fazendo a mesma coisa, quase perder minha irmã, para em seguida, descobrir que estava grávida. Eu literalmente preciso ter uma vida que seja minha para viver. Quero o que ela tem. Vai se casar em breve e terá um bebê. Quero isso. Não, preciso disso na minha vida. Não estou dizendo que estou pronto para crianças, nem um pouco, mas a parte do casamento, estabelecer-me, é o que eu quero. Para isso estou pronto.

— Não senhor. Preciso fazer isso. — Digo a ele pela décima vez esta tarde. Acabei de embalar minhas coisas no escritório quando me chamou para ir ao seu. Esteve em cima de mim durante um mês desde que entreguei meu aviso prévio. Tive que encerrar alguns casos que estavam abertos antes que pudesse sair. Não exigiram nada de mim, mas me senti na obrigação de não deixar nenhum caso pendente.

— Bem, estou triste por vê-lo partir, mas filho, se alguma vez e eu quero dizer, a qualquer momento, quiser voltar, sempre haverá um trabalho aqui esperando por você.



— Obrigado senhor, mas investirei em um novo negócio.

— Ah, o trabalho de segurança.

Eu rio. Ele não consegue entender. Não é apenas sobre segurança para ricos e famosos ou a instalação de sistemas de segurança, trata-se de algo que amo fazer. Sempre quis ficar deste lado do trabalho. Sim, ocasionalmente, ainda terei o trabalho chato, que provavelmente será espionar o cônjuge de alguém traindo, mas é tudo provisório. Um dia irei direcionar o negócio para o lugar onde ele deve estar. Simplesmente, fazendo um trabalho melhor do que a maioria das empresas como a nossa fazem nos primeiros meses de funcionamento. Temos alguns clientes que pagam muito bem, algumas instalações de segurança já alinhadas e alguns trabalhos aqui e ali.

— Sim. Bem, preciso ir, mas o verei esta noite? — Pergunto pegando minha caixa de pertences.

— Você irá? — Pergunta ele parecendo confuso. O cara não conseguia esconder um segredo nem se valesse sua vida. Como conseguiu este trabalho é um grande mistério.

— Ouvi você dizendo aos garotos que vai nos encontrar no Cavan às dez. — Digo ironicamente.

— Porra! Não deixe transparecer que você sabe. — Ele encolhe os ombros, esfregando as mãos pelo rosto. O cara realmente precisava treinar mais.



— Até mais. — Eu rio, saindo. Todo mundo olha por cima de suas mesas, me dando um leve aceno de cabeça. Dou a volta até chegar à recepção e desanimo. Esta é a parte do trabalho que eu nunca sentirei falta. Odeio entrar e ver seu rosto todos os dias.

— Evan. — Ela murmura, sorrindo. — Nós sentiremos sua falta por aqui. Que tal ficarmos juntos esta noite e eu te dar um presente de despedida adequado? Não temos mais nada que impeça.

Estremeço. Sem brincadeiras, a mulher é uma boneca Barbie em tamanho real. Na verdade, ela parece ser mais de plástico do que a própria Barbie.

— Sim, também não tenho que me preocupar em perder meu trabalho agora, então posso dizer o que penso. Vá se foder e importunar outra pessoa para trepar com você. — Eu a deixei de pé em sua mesa com a boca aberta. Embora, tenha certeza que está acostumada a deixar sua boca dessa maneira. Eu não ficaria surpreso se tivesse todo o tipo de DST conhecida pela humanidade. Ela é a definição da palavra *vagabunda*.

Chegar a casa não é muito melhor do que o meu tempo com Sally na recepção. Lexi está esperando e



trouxe seu encontro com ela.

Desde o sequestro da minha irmã, Lexi mudou. Pensei que estávamos chegando perto, você sabe, perto de nos tornarmos algo mais que amigos. Mas quando tentei beijá-la, recuou e me disse que estava namorando, que estava saindo com alguém.

Fale-me sobre levar um pontapé na bunda quando se está para baixo.

Nunca percebi, até então, que meus sentimentos por Lexi vieram apenas da minha necessidade de me estabelecer. E porque acreditava que Lexi era a pessoa mais fácil para fazer isso. Tudo, com ela é fácil. Nunca pensei profundamente sobre isso. Às vezes, o jeito que olhava para mim fazia-me pensar que eu era algo mais do que apenas um amigo. Todos os sinais estavam lá. Ela estava constantemente me ligando, falando comigo até a madrugada e sempre cozinhava algo quando sabia que eu estava voltando para casa direto de um trabalho.

Obviamente meu radar está quebrado porque, em suas exatas palavras, ela me vê como um irmão.

A porra de um irmão.

Nenhuma chance de que Denny me olhasse do jeito que ela olha quando entro em uma sala ou quando eu troco de roupa para colocar meu short de ginástica.

Precisando superar essa minha confusão o quanto antes, saio do



carro e pego minha caixa no banco traseiro. Ela chega até a calçada quando me aproximo.

— Ei. — Ela sussurra e vejo o idiota segurar sua mão. Meus olhos se estreitam e encaro as mãos dela. Mas conheço Lexi. Se esse imbecil estivesse a machucando, me diria. O ex-marido a espancava, então sei que não cairia na mesma armadilha. Demorou muito para conseguir sair daquele tipo de vida.

Vivi próximo a ela quando estava trabalhando em um caso, antes que toda a questão com a quadrilha Davis viesse à tona. Morei por lá, aproximadamente um ano antes que o caso fosse concluído. Foi o pior trabalho da minha vida. Outra razão pela qual quis sair da polícia.

Acabei ficando drogado e uma das prostitutas que pairavam ao redor da unidade entendeu isso como um convite para dormir comigo. Era a última noite que ficaria ali. Como porra consegui ficar duro ainda é uma incógnita. Fiz todos os testes para DST logo após o ocorrido e todos eles deram negativo.

— Ei. — Aceno, olhando para o idiota ao lado dela.

— Você se lembra do Simon, não é? — Ela pergunta, nos apresentando novamente.

— Ah, sim. Prazer em vê-lo novamente, Steve. Estava com um pouco de pressa na última vez. — Minto.



Apenas não queria uma apresentação estranha. Desde o quase beijo meu ego levou uma surra. Uma enorme surra.

— É Simon. — Ele responde. Eu não respondo. Em vez disso olho para Lexi e aceno antes de olhar de volta para casa.

— É melhor eu ir andando. Tenho que encontrar os rapazes em uma hora. — Minto novamente. Não tenho que encontrá-los até mais quatro ou cinco horas, mas eles não sabem disso.

— Ok, eu deixarei você ir e nos vemos mais tarde. Ah, antes que me esqueça. — Ela começa quando passo por ela para subir pela calçada. Paro de andar e me viro para encará-la. — Uma carta foi postada para mim há alguns meses por engano. Coloquei em sua cozinha. Eu me esqueci dela até hoje, quando verifiquei minha correspondência. — Ela sorri.

— Obrigado!

— Você tem uma chave do apartamento dele? — Steve pergunta.

— Sim, eu cuido da casa dele. — Ela começa a explicar, mas eu interrompo, não querendo causar uma discussão.

— Eu a vejo mais tarde. — Aceno novamente. — Vejo você mais tarde, Steve.

— É Simon. — Ele rosna novamente.

Bem, foda-se. Quem se importa? Poderia ser Peter, tanto faz. Tudo o que sei agora é que eu quero ir para dentro de casa e longe deles. Então é



isso que faço. Ignoro o que eles estão falando e caminho até a porta.

A carta é a primeira coisa que vejo quando entro, mas em vez de pegá-la, decido me esparramar no sofá. Ligo a TV e coloco imediatamente no canal de esportes.



CAPÍTULO DOIS

KENNEDY

Por que estou tão nervosa? Ele é um policial. Um detetive. Ele não ficará com raiva. Fez um juramento de servir e proteger, não culpar e envergonhar.

Talvez vá ficar radiante. Sim, ele poderia fazer isso.

Ou não.

Gemo. Estou sentada em minha Rover vermelha caindo aos pedaços. Ainda estou surpresa que consegui fazer meia hora de viagem até aqui. Ela precisa de um pequeno conserto. Ok, muitos consertos, mas vai me custar mais para arrumar a merda da peça antiga, do que seria para comprar uma nova.

Batendo a cabeça no volante, tento me acalmar.

Eu posso fazer isso. Você consegue fazer isso. Nós podemos fazer isso. Você não tem escolha, além de fazer isso.



Evan

Digo a mim mesma que estou fazendo a coisa errada, devo voltar, mas depois de semanas sem respostas ou telefonemas. Exijo uma razão. Imagem merece respostas.

A raiva que tenho reprimido desde o início, começou a se liberar. Saindo do carro, estremeço quando ouço a porta enferrujada protestar, acordando algumas crianças algures na Austrália. Deus, eu realmente devo fazer algo sobre isso em breve. Aplicar um pouco de [1]WD40 ou algo assim. Isso deve resolver.

Trancando a porta, percebo que me esqueci de fechar a janela. Estava tão nervosa que comecei a suar no trajeto até aqui. Gemendo, abro a porta outra vez, estremecendo novamente com o som. Começo a rolar a janela para cima, mas como sempre, fica presa. Não querendo ser vista ao lado de um carro caindo aos pedaços, rapidamente uso uma mão para levantar o vidro, enquanto a outra gira a manivela. Em um instante a janela é fechada e estou livre para trancar a porta e ir para a calçada.

Andar a pé até a porta é fácil. Bater? Isso é outra história. Mordo meu lábio inferior até que sinto gosto de sangue, finalmente encontro coragem para bater na porta, o som ecoando nos meus ouvidos.

Qualquer um pensaria que estava caminhando para a minha própria morte e não para o que estou prestes a fazer.



[1]**WD-40** é uma marca registrada largamente utilizada em diversas áreas como óleo de penetração (limpador, lubrificante e solução anticorrosiva).

Quando ninguém responde, eu bato novamente. Sei que ele está aqui. Estava esperando a alguns carros para baixo, para vê-lo voltar para casa.

Meus nervos dispararam, porque pensei que fosse outra pessoa. Ele não chegou muito tempo depois que eu. Ouvi-o falar ao telefone enquanto saía do carro, falando sobre esta noite ser *a noite* e alguns outros comentários grosseiros. Quando o homem começou a caminhar na direção de onde eu estava, meu estômago despencou. Então observei uma mulher bonita andando ao seu lado, sorrindo, comecei a relaxar. Mas foi por pouco tempo quando outro carro parou. Eu sabia, logo que saiu que era *ele.*

— Sim? — Uma voz profunda e rouca perguntou. Eu nem sequer percebi que a porta se abriu. Também nunca esperei que se parecesse com *isso.* Sim, quando ele saiu do carro, meu estômago deu uma cambalhota, mas realmente não dei uma boa olhada nele. Mas agora... Meu Deus do céu. Que porra minha irmã fez? Drogou-o? Eu sei que é ruim falar mal dos mortos, mas com toda a honestidade, morrer foi a melhor coisa que aconteceu com minha irmã, Vicky. Ela não foi capaz de se cuidar, desde que meus pais morreram. Bem, mesmo antes disso. Ela tomava uma ou duas pílulas se fosse mal a uma matéria e fazia muito isso. Depois que meus pais morreram, piorou. Ela se envolveu em coisas que não deveria e foi ficando fora de controle. Não houve salvação e acredite em mim, eu tentei.

— Posso ajudá-la? — A voz pergunta novamente e percebi que



estava olhando. Ele estava vestindo uma camisa branca, a gravata solta ao redor do pescoço, com a camisa para fora da calça e desabotoou alguns botões da parte superior com as mangas levantadas. Ele parecia apetitoso.

— Ela é sua. — Eu deixei escapar. Em seguida, fechei os olhos de vergonha. *Ela é sua,* sério? Que porra há de errado comigo?

— Desculpe-me? — Pergunta ele, olhando para mim como se eu fosse uma doente mental. O que poderia totalmente ser, pela maneira como estava agindo. Tenho a loucura para isso.

— Quer dizer, eu... Hum... Sou Kennedy Wright. — Eu me apresento, esquecendo minha raiva em relação ao homem impressionante e o discurso que ensaiei durante toda a semana.

— Oi, eu sou Evan, mas ainda não estou entendo. Quem é você? — Um pequeno sorriso aparece em seus lábios e os meus olhos são atraídos para ele. Minha barriga faz aquela coisa de revirar de novo e meu corpo começa a aquecer assim que olho seus lábios. Ele são carnudos, vermelhos e totalmente adoráveis. Acho que beijá-lo seria como as pessoas se beijam nos filmes. Você sabe quando os lábios demoram, totalmente contra os seus?

Sua língua desliza por seu lábio superior e eu suspiro. Sim, beijá-lo seria totalmente como beijar uma estrela de cinema.

Ele tosse, rompendo o feitiço em que seus lábios me prenderam e eu ruborizo furiosamente. Balanço a cabeça ignorando o quão incrivelmente sexy



ele fica quando sorri e como seus músculos parecem flexionando contra sua camisa branca.

— Foco. — Sussurro.

— Sinto muito, não entendi.

— Desculpa. Olhe, posso entrar?

— Não quero parecer rude, Kennedy, mas ainda não sei por que você está aqui ou porque está batendo na minha porta. Teria me lembrado de ver um rosto bonito como o seu antes.

Ele acha que eu sou bonita? *suspiro* aqui.

Dou-lhe um leve sorriso, mas logo o perco quando lembro por que estou aqui.

— Você se lembra de Vicky Wright? — Pergunto.

— Vicky Wright? Vicky... Vick... Vicky. Porra! — Ele diz, arregalando os olhos. Acho que ele se lembra dela. — Qualquer que seja a porra que aquela puta de merda quer, não quero saber. — Ele explode, tentando fechar a porta na minha cara. Minha mão se move rapidamente, impedindo-o de bater a porta. Estou chocada com a minha franqueza, mas agora ele está apenas me deixando puta.

— Espere apenas um maldito minuto. — Eu grito, empurrando seu peito duro. Mesmo através do tecido fino eu sinto o calor escaldante dele. — Não tenho que fazer isso. Você me ignorou por semanas. Teve a chance de fazer isso por



telefone ou por carta e não pessoalmente, então, irá me ouvir.

— Você é tão louca como ela, você está... Espere... Wright. Você disse que era Kennedy Wright. Por favor, não me diga que é sua irmã e que a fez você vir aqui para fazer seu trabalho sujo?

— Bem, como ela está morta, eu diria que é espantoso não. — Digo.

— Porra! Estou...

— Por favor, não diga que está arrependido, quando nós dois sabemos que você não está. — Respondo, sentindo meu temperamento subir. Ele levanta as mãos e recua um pouco, a porta se abre um pouco mais.

— Se ela está morta, então não vejo por que você está aqui. Se foi assassinada e você quer alguém para investigar sua morte, terá que enviar um relatório. — Ele me diz e eu inclino a cabeça para o lado, observando-o. Ele realmente não sabe. Imaginei que estivesse mentindo quando me disse que não sabia. Que ele não se importava.

— Você não entende. Eu... Hum... Nós temos que fazer isso aqui fora? — Pergunto nervosa. Minha raiva ferve. Se não fosse por Imogen, então eu não estaria aqui e por sua reação, suponho que ele não sabe e foi uma boa coisa eu ter vindo.

— Entre, mas se você não se apressar e me disser que porra está acontecendo, vou expulsá-la novamente.

— Imogen. — Deixo escapar nervosa. Eu fecho meus olhos



novamente desejando ter algum tipo de controle quando se tratava da minha boca. Realmente sei como dar notícias para as pessoas, eu juro.

— Como?

— Imogen. Ela é um bebê de cinco meses. — Digo-lhe.

— Isso é... Ótimo. — Ele me diz rispidamente. Ainda está olhando para mim como se eu tivesse duas cabeças e para um detetive ou o que quer que seja com certeza não sabe como ligar os pontos.

— Ela é de Vicky, faça as contas.

Ele olha para mim por alguns segundos. Então seus olhos se arregalam, ficando cinza tempestuoso e causando um arrepio em minha espinha. Dou um passo para trás, minhas costas batendo na porta da frente.

— Que porra... Se você está insinuando o que acho que está, você precisará de um teste de DNA, porque essa puta abria as pernas por centavos.

— Você deve saber. — Eu grito, odiando a lembrança do que ela era. A maioria das pessoas não via o quão ruim ela estava, mas eu sim.

— Eu deveria saber? Eu deveria saber. — Grita, puxando seu cabelo. Não entendo. Porque está tão irritado? Ele era realmente apaixonado por ela?



Acho que estava bem, de certa forma. Não sei. Tudo o que via quando olhava para ela, era uma usuária de drogas, de baixo peso que não tinha auto-estima ou qualquer cuidado com sua própria vida e bem-estar. — Aquela porra de vagabunda me drogou. Ok não sei se foi ela que realmente colocou as drogas na minha bebida, mas tão certo como a merda, foi a prostituta que montou meu pau, enquanto eu estava inconsciente. — Ele grita.

Meus olhos se arregalam. Oh meu Deus. Está dizendo o que acho que está dizendo? Não admira que tenha problemas e explodiu em mim quando ouviu seu nome. Ele foi estuprado. Por minha irmã. Oh meu Deus! A mãe de Imogen era uma estupradora, uma usuária de drogas, uma prostituta e pior de tudo, iria vender seu bebê por dinheiro.

— Sinto muito que ela fez isso com você. — Digo suavemente, minha voz pouco acima de um sussurro, não querendo assustá-lo. Ele parecia imerso em seus pensamentos no momento, seu rosto estava vermelho de raiva.

Ele zomba, olhando para mim. — Não sou uma vítima. Ela estava tão bagunçada quanto eu, se não pior. Mas, estava acostumada, ao passo que eu nunca usei drogas na minha vida. Como sabe que é minha?

Seus olhos se enchem de lágrimas quando ele se senta na beirada de um sofá com enormes almofadas. Puxa, você pode se perder naquela coisa. Quase quero sentar-me nele para ver se é



possível, mas não estou aqui para ficar confortável.

— Ela nunca me falou de você. Eu descobri. Disse que contou ao pai, que era um figurão, mas um rato. — Encolho os ombros, envergonhada por ter que repetir essas palavras. — Disse que você sabia e mesmo que eu não acreditasse nela, não a questionei. Quando morreu, eles me entregaram seus pertences. Em sua bolsa estava seu número como o pai de Imogen, *Evan*, escrito nele.

— Porra! Preciso processar isto. Onde está a criança? Quantos meses você disse que tem?

— Ela tem cinco meses. E passou por muita coisa. Nasceu viciada. Ela teve sorte que, quando Vicky descobriu que estava grávida, abrandou nas drogas, mas não o suficiente. Foi como morreu. Assinou alguns papéis para entregá-la aos meus cuidados e foi em sua farra de drogas. Morreu dois dias depois.

Eu ainda me sinto mal pensando nisso. Abandonou um bebê doente, seu bebê, para ir buscar sua próxima dose. Nunca conseguirei entender. Ela nem sequer olhou para trás ou hesitou. De qualquer forma, parecia aliviada por sair de lá.

— O bebê está bem? — Ele pergunta, mas soa estranho, robótico mesmo.

— Está agora. Ela foi liberada seis semanas depois que nasceu, é saudável. Foi desintoxicada logo que nasceu, tinha falta de ar. Também nasceu, seis semanas antes, mas eles foram otimistas de que teria uma



recuperação completa. Eles não me avisaram sobre sequelas no desenvolvimento, mas até agora nenhuma surgiu. Está bem.

— Bom. Bom. — Ele me diz, ainda andando. — Quando é que podemos fazer o teste de DNA?

Estou realmente chocada. Pensei que iria levar mais tempo para convencê-lo a vê-la e fazer um teste de DNA, mas parece estar lidando com isso bem. Até agora, de qualquer maneira. Eu não sabia o que iria me esperar hoje, mas Evan sendo assim, tão racional, não sabia nem mesmo o que pensar.

— Na verdade, pediria um para você. Eu já tenho de Imogen pronto, mas você precisa fazer o seu. Tudo que tem a fazer é pegar uma amostra num cotonete, no interior de sua bochecha.

Vasculho minha bolsa até encontrar o envelope branco pré-endereçado na parte inferior e entregá-lo a ele.

— Olhe, eu tenho que ir. Sei que isso veio do nada e que precisará de algum tempo para digerir tudo. Apenas precisava encontrá-lo para obter respostas. Como tutora legal de Imogen, queria ser capaz de olhar nos olhos dela um dia e dizer que tentei. — Digo a ele, meus olhos lacrimejando. Pego o outro envelope e entrego. — São algumas fotos, meus números de telefone e meu endereço para que você possa entrar em contato. Por favor, faça-o mais rápido possível e certifique-se de fazê-lo direito. Se for positivo, mas se não quiser fazer parte na vida de Imogen, entenderei. O que Vicky fez, quem ela era não é algo para se



orgulhar, mas essa menina é toda a luz no mundo. Ela não sabe o que sua mãe era e nunca contarei. Não precisa ouvir que as piores partes sobre sua mãe, são as únicas partes sobre ela.

— Vou fazê-lo. — Ele sussurra, com os olhos lacrimejando. — Apenas... Preciso de um tempo. Farei qualquer coisa que me pedir, mas preciso de um tempo para processar isso. Se ela for minha...

— Está bem. Podemos falar mais quando chegarem os resultados, ok?

— OK.

Aceno com a cabeça e me viro, abrindo a porta. Posso ouvi-lo cair no sofá e quando fecho a porta atrás de mim, encontro-o sentado no sofá, abrindo o envelope que lhe dei. Não aquele com o kit de DNA, mas o outro, aquele com fotos de Imogen dentro. Fico olhando por mais alguns minutos, tendo consciência do enorme homem que começa a chorar olhando para as fotos da menina debilitada, com fios, em uma incubadora.

Algo me diz que ouvirei sobre Evan, com o resultado sendo a favor de Imogen.



CAPÍTULO TRÊS

EVAN

Aaron sentou-se novamente no banco à minha frente, entregando-me outra cerveja. Já perdi a conta de quantas bebidas tomei desde que cheguei uma hora atrás. Tudo o que continuava fazendo é repetir as palavras de Kennedy em minha mente.

Sou pai de uma criança de cinco meses, um bebê.

Olhei para as fotos que ela deixou algumas horas antes que eu percebesse que foi embora e o sol sumiu. Liguei para Aaron imediatamente e disse que precisava que ele me encontrasse.

Quando nos encontramos expliquei tudo o que aconteceu desde o momento em que Kennedy chegou até o momento em que sai de meu transe. Bebemos. Conversamos. Bebemos um pouco mais. E agora estou pronto para encontrar Kennedy e exigir respostas, mas não quero assustá-la. Preciso saber por que não veio antes. O que sua irmã lhe disse sobre mim? Porra! Minha



cabeça está girando apenas por pensar nisso tudo.

— Foda-se, cara. Não sei o que dizer.

— Um bebê. A porra de um bebê. Não sei se quer que fique com ela. Disse que veio para conseguir respostas, mas que isso não era uma cobrança. Não sei como cuidar de um bebê. E se for minha e estou desperdiçando mais semanas até que os resultados saiam não estando com ela? — Divago, esfregando as mãos em meu rosto. Ainda estou com as roupas que usei ao deixar o trabalho esta tarde. Depois da visita de Kennedy tudo pareceu ir ladeira abaixo. Minha mente está dividida sobre o que fazer. Ficar longe até que os resultados saiam ou vê-la agora? É mais tempo que perderei se esperar, mas não quero ficar empolgado e depois tudo ser arrancado de mim em um segundo.

Pelo amor de Deus. Pensei que a mulher estivesse dando em cima de mim e fosse uma stripper que os caras contrataram. Não iria imaginar que meus ex-colegas de trabalho fizessem algo assim. Ela parecia tão bonita, nervosa e tímida, olhando para mim como se estivesse tentando encontrar o primeiro lugar para lamber. Foi a única dica que deu que me fez pensar que não era uma stripper. Parecia sensato, já que é estonteante.

Então ela ficou toda mal-humorada, me empurrando com seu dedo delicado. Era como uma fada, toda pequena e sensacional. Seus olhos cor de chocolate derretido. Eram profundos, ricos e tão sexy que me fez querer arrastá-la para o quarto e fazer coisas indizíveis a ela.



— Cara, você descobrirá como sair dessa merda. Provavelmente não é sua filha de qualquer maneira. — Ele me diz. Juro que recitou esse discurso repetidamente desde que disse a notícia. Aaron é meu melhor amigo. Pularia na frente de uma bala por ele. Na verdade, faria o mesmo por mim. Mas quando se trata de conselhos, realmente é péssimo.

Eu teria falado com minha irmã, mas ela ainda não está falando comigo desde que mantive meu trabalho em segredo. Fiz isso por vários motivos, mas principalmente porque não era autorizado a dizer às pessoas o que fazia.

Também não ajudou que poderia ter evitado que Carl a raptasse. Não sabia que ele faria isso, mas sabia que estava tramando algo. Nós estávamos apenas esperando que fizesse algo. Se soubesse que ela estaria envolvida teria colocado um fim nele antes.

Pedi para Mason falar com ela em meu nome esta noite, transmitindo minha mensagem. Preciso dela agora mais do que nunca. É egoísta da minha parte, porque desde que entrei na agência não fiz nada, que não fosse evitar qualquer coisa relacionada a minha família. Quando os via, mantinha tudo em segredo.

De qualquer forma, ele finalmente respondeu dizendo que iria falar com ela, mas que eu precisava dar-lhe tempo para isso.

Nunca pensei que deixaria minha pequena irmã com um filho da puta como ele. O rapaz dormiu com mais pessoas do que toda a força policial do meu departamento,



juntos. Ele é um animal, porra. Ou era. Tenho mantido um olho nele desde que está com Denny e até agora, o rapaz nem sequer piscou na direção de outra garota.

É a porra de um milagre após os rumores que ouvi sobre ele.

Minha irmã, porém, é capaz de virar o jogo. Ela é amável, doce, amorosa e não quer mudá-lo. Tudo o que quer é honestidade, amor e compromisso. Então, posso entender porque Mason a quer, é o tipo de garota para a vida inteira.

— Não sabemos nada, porra! — Gemo, meus pensamentos se voltam para Kennedy e a menina. *Minha* menina. Havia algo na maneira como Kennedy olhou para mim, a maneira como ela falou sobre Imogen, que me faz acreditar que é minha filha. Um forte sentimento tomou conta de mim quando anunciou que eu tinha uma filha. Correu pelo meu corpo e soube. Não sabia, porra. Pelo que sei, a mulher poderia ser como a puta de sua irmã. Ela provavelmente é. Mas lembrando-me do jeito como me olhou, pensou e falou, soube imediatamente que estava irritada por falar comigo. Não é igual sua irmã.

Ah bem! Os testes serão feitos e finalmente terei as respostas que podem deixar minha mente tranquila. Uma parte de mim espera que seja minha. Não quero imaginar que outro seja seu pai. Sabia sobre a maioria dos caras naquela unidade através do meu trabalho, conhecia-os e vamos apenas dizer que eles são os piores dos piores. Aquela menina merece mais do que um pai e uma



mãe que vem de um mundo como esse.

— Bem, beba. Todo mundo acabou de chegar. — Aaron anuncia e endireito-me em meu banco.

— Era para ser a uma porra de uma surpresa. Nós dissemos oito, merda. — William, meu antigo chefe diz, olhando para Aaron. Tento rir, mas sai forçado. Não serei muito divertido esta noite, mas sei que os caras queriam me dar uma despedida adequada, então para eles, posso fingir e beber até a minha mente ficar em branco.

— Ele me ligou. — Aaron se defende com as mãos no ar.

— Merda Useless. — William murmura, em seguida, sai da frente, quando Dave se aproxima com uma bandeja de bebidas.

— Bebidas! — Ele grita e estremeço. O barulho era alto o suficiente aqui, mas agora que este bando de merdas se juntou à festa, fica ensurdecedor.

Porra, se isso não fosse um sinal claro de que estou ficando velho, não sei o que é.

Quando pensei que a noite estava ficando melhor, a vadia chega com um dos rapazes novos. Mikey, eu acredito que é como ouvi ser chamado. Ele está fissurado em cada palavra dela. Pobre filho da puta, irá se arrepender quando começar a conhecê-la melhor ou pior, dormir com ela.

Aaron percebe onde estou olhando e geme.



— Juro que não convidaram essa cadela, mas se isso ajuda, vou colocar vinte nele de que não vai durar mais de uma hora. O pobre diabo parece miserável.

Olho novamente e observo que ele parece miserável. Está de olho em uma das mulheres que ficaram em pé no bar a noite toda.

— Meia hora e aumento para trinta. — Falo rindo e balançando a mão. Ele ri comigo e nós pegamos nossas bebidas, ignorando Dave quando faz a contagem regressiva de três.

Será que ele pensa que estamos na escola?

Quando outra bandeja de bebidas aparece, sei que estou em uma longa noite. *Rins, vocês podem descansar em paz, meus amigos*.

As aventuras da noite começam e é uma da manhã quando os caras finalmente me levam para fora do pub.

— Eu nunca mais vou beber de novo. — Lamento, minhas palavras saem arrastadas.

— Isso foi o que disse na última vez que saiu. — Um dos caras ri, mas não acho engraçado. A sala está girando ou estou girando. Não sei. Estou muito bêbado para saber a diferença.

— Vamos para casa. — William murmura sua voz soando mais arrastada que a minha. Estou me empurrado em um táxi e Aaron está ao meu lado dando ao motorista meu endereço.



Devo ter adormecido, porque quando vejo estou sendo puxado para cima e para fora. — Vocês aproveitaram a noite? — Pergunto para Aaron.

— Sim, cara. Não quero que você se sufoque em seu próprio vômito agora, não é?

— Se ele vomitar no meu táxi, você paga. — Ouço os gritos do motorista, sua voz soando com sotaque estrangeiro.

— Estou brincando.

— Ele não está. Sinto-me zonzo. — Brinco, mas acabo engasgando.

— Você, saia do meu taxi. — Ouço o grito enquanto Aaron me puxa para fora. A porta bate atrás de nós e o táxi se afasta os pneus guinchando no asfalto.

— Ha, que piada é aquele filho da puta. Nós não pagamos. — Aaron solta uma gargalhada.

— Ha, toma seu filho da puta. — Grito para a rua vazia. O táxi não está mais à vista, mas não me importo.

— Vamos, Rocky. — Aaron brinca.

Ele me arrasta por todo o caminho, ao mesmo tempo Lexi abre a porta.

— Está tudo bem? — Ela pergunta timidamente, seus olhos percorrem Aaron de cima abaixo. Eles já se



encontraram algumas vezes, então estou acostumado a esta interação, mas foda-me se não reviro os olhos.

— Pêssego, volte para Steve. — Digo a ela irritado, perguntando por que sua vida ficou tão perfeita quando a minha ficou tão ferrada.

— Hum, é que Simon e eu terminamos. — Ela me diz baixinho. Sinto-me uma merda. Mesmo que Steve fosse um idiota, ela não merecia isso. Nós caminhamos através da porta da frente e tropeço em meus pés.

— Desculpa. O cara era um idiota.

— Sim, ele era. — Ela sorri, olhando para mim com preocupação.

— Bem, vou para cama. Vocês dois comportem-se. — Digo franzindo o cenho e depois caminho em direção a porta, batendo a cabeça no batente dela.

— Porra! — Grito. — Merda, essa porra dói. Quem colocou isso aí?

— Cuidado, companheiro. — Aaron ri e me viro para ele, dando-lhe um olhar de ódio. Movo-me através da casa, pelo corredor e para meu quarto.

Os resultados precisam ser apressados. Eu preciso saber. E preciso saber agora. Caso contrário, acabarei me transformando em um bêbado todas as noites até que eles cheguem.

Ouço vozes vindas pelo corredor e gemo no meu travesseiro. Parece que



Lexi não me deixará dormir por mais tempo. A porta do meu quarto se abre, deixando a luz entrar e uma risada profunda ecoa pela sala.

— Porra. — Reclamo minha cara enfiada no travesseiro. O filho da puta acende a luz e sei que é de propósito.

Tudo o que ele vê deve satisfazê-lo porque a próxima coisa que ouço é a luz se apagando e a porta se fechar. Eu o ouço abordar Lexi, perguntando se ela quer um café.

Minha cabeça está girando, mas controlo e abafo os ruídos e acabo caindo em um sono profundo, meus pensamentos consumidos por um bebê que ainda nem conheço.



CAPÍTULO QUATRO

KENNEDY

— Vamos lá, menina, durma. — Murmuro baixinho no ouvido de Imogen.

Seus dentes começaram a surgir. Não importa quantos livros eu leia ou quantos artigos eu veja na internet sobre formas de ajudá-la, nada está funcionando. Meu coração está literalmente se partindo ao ouvi-la com tanta dor. Levei simplesmente cinco meses para decifrar seus gritos. Cada grito soa diferente e significa uma coisa diferente.

Ela chora alto em meus braços. O pacote saudável e robusto está agora ficando com as orelhas vermelhas. Sento-me na cadeira de balanço e tiro sua temperatura.

Apenas um pouco acima da temperatura normal, mas ainda não alivia minha preocupação.

Sabendo que não serei capaz de dormir muito esta manhã, começo a



Evan

balançar para frente e para trás. Minha boca se abre e a letra de *All About The Bass*, de Megah Trainor sai dos meus lábios. É a primeira música pop que vem à minha mente. Muito provavelmente porque está sempre tocando no rádio.

Depois do primeiro verso ela começa a se acalmar. Seu pequeno punho gorducho é empurrado em sua boca, o outro ainda segurando sua orelha.

Felizmente, não leva muito tempo até que esteja dormindo e a coloco suavemente em seu berço. Estou contente por não ter que trabalhar esta semana. Tinha algumas horas extras para descontar. Parecia a coisa certa usar esse tempo com Imogen estando tão mal. Não posso me dar ao luxo de ter qualquer folga não remunerada.

Saio de seu minúsculo quarto andando nas pontas dos pés para não a acordar, caminho através do meu pequeno apartamento de dois quartos até a cozinha. O lugar não é o ideal, mas foi o único lugar que pude encontrar em um valor acessível.

Está localizado em um dos lugares mais violentos da cidade e eu odeio estar ali. Nunca serei capaz de ter uma noite inteira de sono devido à música alta proveniente dos outros andares ou porque algum casal decidiu que esta noite era a noite para entrar em uma briga. Imagine este tipo de barulho ecoando ao redor do seu apartamento a Deus sabe que horas da noite.

Uma batida forte na porta me faz saltar de susto. Rapidamente solto o detergente líquido e corro para a



porta antes que eles acordem Imogen.

Se for meu vizinho assustador do apartamento da frente, vou chorar. Tenho certeza que ele usa drogas e juro, quando *convenientemente* bate na minha porta é sempre para pedir açúcar. Tenho certeza que o que realmente quer é ver se tenho qualquer coisa valiosa por aqui que possa roubar quando não estou em casa. Felizmente, não sou de esbanjar. Tenho bens de segunda mão que compro em lojas de caridade e mantenho as jóias da minha mãe trancadas numa caixa debaixo da cama.

— Eu não tenho qualquer reser... — Sou interrompida quando uma grande mão envolve minha garganta, me empurrando de volta para o apartamento. Ele está apertando tão forte que não tenho uma chance de respirar e gritar. A porta bate e meu primeiro pensamento é que Imogen não acorde. Não quero que alguém saiba que ela está aqui. Estou tremendo incontrolavelmente enquanto arranho os pulsos do homem.

Meus olhos estão bem abertos quando o homem desprezível me bate de volta contra a porta, com os olhos vermelhos e furiosos.

— Onde está à porra do meu dinheiro, cadela?

Tento falar, realmente tento, mas sua mão está cortando qualquer ar que ainda houvesse em meus pulmões. Freneticamente arranho seus pulsos tentando fazê-lo afrouxar seu aperto, mas isso não acontece. Ruídos sibilantes começam a sair da minha boca fazendo-me entrar em pânico.



Que porra está acontecendo? Quem é ele? Que dinheiro? Será que pensa que sou outra pessoa? Olho em volta. Para o que? Não sei. Não é como se eu pudesse me afastar para conseguir alguma coisa. Seu domínio é muito forte.

A minha visão começa a ficar borrada exatamente quando me deixar cair no chão. Tropeço alguns passos para trás, minha mente congelada. Nem sequer tenho a chance de pensar, de falar ou de recuperar o fôlego antes que sua mão acerte minha bochecha. Dor irradia pelo meu rosto, as lágrimas finalmente caem e grito de dor.

— Por favor. — Imploro, não tenho certeza do por quê. Apenas espero que entenda que não sou quem pensa que eu sou.

— Cale-se, cadela. — Diz ele.

Quando não me movo rápido o suficiente, ele me agarra pelos cabelos, me levantando e prendendo-me de volta na porta. A força com que meu quadril bate na maçaneta da porta me faz gritar de dor.

Seus dedos cravam em minhas bochechas fazendo o pulsar deixado por seu tapa doer mais. Parece que tenho uma laranja presa no interior da minha pele, ela parece muita apertada e inchada. A dor é como algo que nunca senti antes.

Nunca em minha vida estive tão assustada. Meu corpo inteiro está tremendo. Como alguém pode fazer isso com outra pessoa?



— Por favor, eu não sei quem você é. — Grito, argumentado com ele, mas acaba soando como um guinchar.

— Sua irmã me deve três mil. Quero a porra do meu dinheiro, puta.

O quê? Oh meu Deus. As cartas. Poucos meses depois que minha irmã morreu comecei a receber cartas exigindo dinheiro. Pensei que fosse para um dos vizinhos e porque não era dirigido a ninguém, apenas as joguei fora. Nem sequer pensei muito nisso. Eu estava muito preocupada, com Imogen estar no hospital.

— Ela está... está morta. — Digo minha voz presa.

— Eu sei disso, sua puta. Você é meu pagamento. Você era o que sua irmã usava como, vamos chamá-lo de um *fiador.* — Ele ri silenciosamente.

— Eu não entendo. — Digo. Não tenho esse dinheiro. Vivo com meus cheques mensais e é isso. Não tenho qualquer tipo de poupança em qualquer lugar.

— Deixe-me tornar isto claro. Você está basicamente fodida se não pagar.

Eu olho em seus olhos mortos e posso sentir que ele está falando sério. O que foi que eu fiz para merecer isso e por que minha *irmã* fez isso comigo? Antes que tenha uma chance de explicar-lhe a



situação, me joga no chão com força e caio contra a mesa de centro, a madeira barata se quebra sob meu peso.

Começo a tossir, rolo para meu lado apenas para sua bota me acertar.

— Por favor, pare. Alguém, socorro! — Grito, meu corpo tremendo com mais do que medo.

Um sentimento doentio supera meu corpo e quando ele acaba, acertando mais dois golpes no meu estômago, inclina-se em um joelho, seu rosto a alguns centímetros do meu, estou completamente sem ar e uma dor insuportável se espalha por todo meu corpo. Uma cólica horrível e forte pulsa no meu estômago e tenho que engolir bile.

— Se eu não conseguir esse dinheiro dentro de um mês aquela menina no quarto será vendida pelo maior lance. — Diz e antes que eu possa revidar ou alcançar Imogen, até mesmo discutir com ele, seu punho soca meu rosto e meu mundo inteiro fica negro.

Algum tempo depois acordo com mãos suaves apertando meus ombros. Meu corpo inteiro está latejando, uma dor agonizante martela por todo meu corpo.

Lentamente abro meus olhos e vejo minha vizinha que mora do outro lado do corredor, tudo o que aconteceu lentamente bate em mim de uma só vez.

— Imogen. — Eu grito, ouvindo-a chorar.



— Não se mova. Vou pegá-la, Kennedy.

Eu não poderia agradecer mais por Melanie neste momento. Ela não apenas tem sido a única vizinha com quem convivo, mas uma salva-vidas e uma amiga.

Ela entra com Imogen ainda chorando nos braços. Quando ergo minhas mãos para ela, grito de dor.

— Eu cuido dela. O que aconteceu? Devo chamar a polícia? — Ela pergunta preocupada, suas palavras apressadas.

Balanço a cabeça sem saber o que fazer ou dizer. Será que irá piorar se for à polícia? Claro que sim. E o que a polícia poderá fazer? Não é como se eu tivesse uma prova. Merda, nem sei quem é aquele homem. Ele poderia ser qualquer um. Tudo o que sei é que minha irmã estava ligada a ele.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto, tentando segurar as lágrimas. Melanie disse que ficaria fora por algumas semanas por causa de um emprego. Não deveria voltar por pelo menos mais uma semana.

— Eu direi mais tarde. Vim porque isto deve ter chegado durante a semana. — Diz ela, entregando-me um envelope branco. Eu o pego de sua mão. Estou prestes a jogá-lo para o lado e pegar Imogen ainda chorando de Mel, quando a parte superior do envelope me chama a atenção.

— Oh, meu... — Suspiro, abrindo a carta. Meus olhos piscam sobre os



números, palavras e é só quando chego ao centro da página que as palavras que estava esperando estão escritas em negrito.

— O que é isso? — Pergunta Melanie, preocupada, ainda balançando uma Imogen chorosa nos braços.

— Ele é o pai dela. — Suspiro, em seguida, eu começo a chorar.

Ele pode protegê-la. Mas então vou perdê-la. O pensamento faz a bile subir em minha garganta. E se não a quiser? O que farei?

Ergo minhas mãos, minhas lágrimas correndo livremente pelo meu rosto. Eu preciso dela. Apenas preciso segurá-la, para me certificar de que está bem. Não sei o que faria se ele lhe tocasse. Meu corpo dolorido grita em agonia quando Mel finalmente cede e me entrega Imogen. Finalmente a tenho em meus braços. Assim que respiro o cheiro dela, cheiro de bebê expludo em uma crise de choro.

Minhas lágrimas apenas fazem Imogen chorar mais e mesmo com meu corpo dolorido, me esforço para acalmá-la.

— Está tudo bem, querida. Tudo ficará bem. Vou protegê-la, eu prometo. — Digo a ela. E irei. Mesmo que isso signifique ter que deixá-la com seu pai, para protegê-la. Isso vai me matar, mas eu o farei.

— O que está acontecendo, Kennedy? — Melanie pergunta, sentando-se ao meu lado. — Quem fez isso com você? Corri para pegar gelo na minha casa, antes que você acordasse, mas parece que nenhuma de nós tem nada



congelado. — O tom soa leve, mas posso ouvir a preocupação nas entrelinhas.

— Alguém... Alguém me atacou. Ele quer dinheiro. Dinheiro que eu não tenho. Irá levar Imogen se eu não der o que ele quer. — Choro. Tomada pelo mesmo medo paralisante, pensando que aquele homem vai me bater novamente, começo a tremer.

— Isso tem algo a ver com a sua irmã? — Pergunta Melanie.

Ela sabe tudo sobre minha irmã e minha família. Eu não sei o que teria feito sem sua ajuda quando trouxe Imogen para casa. Mel tem dois filhos que estão totalmente crescidos, agora foram embora e têm suas próprias famílias. Seus conselhos são uma dádiva de Deus.

— Estou com medo. — Admito, chorando. — Shh, Imogen. Prometo que tudo ficará bem. — Digo a ela, esperando em Deus que esteja certa.

— Que porra aconteceu aqui? — É um rugido.

Meu corpo inteiro fica rígido, pensando *que ele* voltou para terminar o que começou. Quando medo enche meus olhos, olho para cima e me deparo com algo muito, muito pior.

— Evan. — Digo.



CAPÍTULO CINCO

EVAN

Já se passaram semanas desde que eu fiz o teste de DNA e embora soubesse que levaria algum tempo, nunca pensei que demoraria tanto assim.

— Você precisa sair dessa, amigo. Esteve distraído por semanas, no mundo da lua. — Harris, mais um dos meus melhores amigos, diz.

Ele nem sequer percebe o quão perto está sobre do comentário. Não consegui parar de pensar em Kennedy ou Imogen, desde que soube sobre elas.

— Eu já estava indo para casa, sinto muito.

— Tudo bem. Pode tirar a semana de folga de qualquer maneira. Eu resolvo tudo. Apenas certifique-se que sua mente esteja focada aqui antes de voltar. — Eu ia interrompê-lo, mas me parou, sinalizando com sua mão para cima.



— É assim que os acidentes acontece, Evan. Quando sua cabeça não está no jogo.

— Eu sei. Dê-me apenas alguns dias. — Respondo e em seguida, saio, deixando que ele preencha a papelada do processo do Tribunal.

Estou estacionando em casa e tenho uma sensação de déjà vu quando vejo Lexi andando pela minha calçada, de mãos dadas com algum novo idiota. O que me surpreende é que não é Aaron. Depois daquela noite fiquei completamente perdido e pensei que os dois começaram algo. Obviamente não.

Eu saio do carro dando-lhe um aceno, não querendo passar pelas mesmas gentilezas como da última vez.

— Oi. — Ela sorri e eu noto que o idiota está olhando para mim como se eu fosse um concorrente. *Não se preocupe, Sr. perdedor, eu tenho problemas suficientes.*

— Oi. — Eu respondo.

— Este é Steve. — Ela me apresenta, eu quero bufar e olhar para o céu. Por que ela sempre me faz passar por esta merda?

— Preciso correr e pegar um arquivo, mas é bom vê-la e você, Simon. — Aceno e apresso meu passo.

— É Steve! — Ele grita de volta e eu balanço a cabeça ficando confuso. Aceno para ele antes de voltar ao meu caminho para casa. Chego até a porta e vejo o correio acumulado debaixo



da porta. Puxo, continuo andando e folheando a correspondência.

— Contas, lixo, contas, contas, lixo, endereço errado, lixo, lixo, oh foda... — Suspiro quando chego ao último. Eu o rasgo, abrindo o envelope, mas quando estou a ponto de retirá-lo, fecho novamente e congelo. Não estou preparado para ler o que diz nessa carta. Estou confuso sobre o que quero. Por um lado, quero que seja minha, mas a outra parte não quer que ela seja. Queria ter filhos, quando finalmente me estabelecesse com uma mulher que amasse e não com uma mulher aproveitadora.

Fechando os olhos, puxo a carta do envelope e abro. Conto até dez antes de abrir os olhos e olhar para baixo. Nada faz sentido para mim até que vejo escrito em negrito. Eu sou o pai biológico de Imogen Wright.

— Porra!

Preciso encontrá-la, então rapidamente corro para meu quarto, não querendo perder mais um minuto sem conhecer minha filha. Eu pego o envelope com as fotos de Imogen e o endereço, corro para a porta, pegando minhas chaves no caminho.

Até agora simplesmente fui e voltei duas vezes. A primeira foi porque não liguei com antecedência e a segunda, porque eu não comprei um presente.

No minuto em que minha mente focou no que estava acontecendo, finalmente percebi o quanto queria isso. Imogen pode não ser filha da mulher que eu



amo, mas ela ainda é a minha carne e meu sangue.

Foda-se, sou pai!

Um pai, caralho.

E não serei como meu pai, negligenciando minha filha, então comprei para ela o mais fofo pônei rosa de pelúcia que pude encontrar. Acho que a segunda vez que esses pensamentos passaram pela minha mente eu soube que precisava parar em algum lugar e pegar alguma coisa.

Depois de comprar o pônei de Imogen, voltei para o carro e fui em direção à casa de Kennedy. Quando estacionei em sua propriedade, estava mais do que certo que Imogen ser minha filha era uma bênção. A mulher vivia em um lugar de merda. Era o pior lugar para se viver por aqui. Devia estar distraído demais, porque não percebi até que cheguei aqui.

Saio do meu Audi e pego o pônei antes de trancar o carro e acionar o alarme. Olho ao redor, esperando que não tenha ninguém observando. Não confio nesse lugar, não quero correr o risco de alguém tentar levá-lo. O carro é novinho. Ele também é o meu bebê.

Não mais, meu cérebro grita, lembrando-me de Imogen.

Estou prestes a pressionar a campainha de sua porta quando alguém sai, deixando a porta aberta para mim. Vou para o elevador tentando não engasgar com o cheiro de urina que impregna o lugar.



Eu me apresso a entrar no elevador, não que seja muito melhor, mas pelo menos me deixará mais perto de onde quero estar. Talvez possa chamar Kennedy para darmos um passeio. Pegar um pouco de ar fresco. Nada sobre inalar o ar tóxico ao nosso redor pode ser classificado como saudável. Tenho medo de pegar alguma coisa apenas pela visita.

Olhando para os números das portas percebo que a porta de Kennedy está aberta e entro. O que eu esperava não é nada comparado com o que encontrei. No chão, segurando um bebê gritando estava Kennedy. O lugar estava uma bagunça. Uma mesa estava quebrada no meio do cômodo, mas o que me deixou furioso foram os hematomas no rosto dela, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— QUE PORRA ACONTECEU AQUI? — Eu grito, entrando na sala. Percebo como o corpo de Kennedy fica visivelmente tenso, com as mãos tremendo de medo. A senhora mais velha ao lado dela se movimenta para protegê-las, olhando para mim com medo.

— Acho que você precisa sair. Eu chamei a polícia. — A senhora que não conheço, grita. Olho para ela com curiosidade e gostaria de saber quem porra ela pensa que eu sou.

— Mel, este é...

— Alguém que quer saber que merda aconteceu aqui. — Eu interrompo, dando um passo para dentro da sala. Da porta o seu rosto parecia ruim, mas com um olhar



mais atento vejo que é muito pior e posso dizer pela forma como ela se encolhe, enquanto balança o bebê para frente e para trás, que é mais do que o seu rosto que está machucado.

— Quem é você? — Mel, a senhora, pergunta. O que é uma ótima pergunta. Quem sou eu?

— Este é o pai biológico de Imogen. — Sussurra Kennedy, sua voz soando cansada. Eu me aproximo mais, ignorando o olhar de morte que Mel está me dando e me ajoelho ao lado de Kennedy. Meus olhos caem sobre seu rosto e não posso evitar apertar os punhos. Quem porra fez isso?

— O que aconteceu? — Eu pergunto com uma voz mais suave.

Em vez de me responder, ela começa a chorar me entregando Imogen. No começo não sei o que fazer e a seguro pelos braços.

Porra, ela tem bons pulmões.

Envolvo meus braços ao redor dela e apoio a cabeça no meu ombro, exatamente como vi Denny fazer com Hope e começo a balançá-la, dando tapinhas suaves no bumbum.

Não demora até que ela para de chorar e solte apenas pequenos ruídos fofos. Então, começo a desfrutar do momento.

Eu sou pai!

Eu a seguro um pouco mais perto e neste momento percebo que nunca serei capaz de deixá-la novamente. Nem mesmo por uma noite. Mas



foda-se, se sei o que estou fazendo, especialmente quando sua mãe, por assim dizer, é quente para cacete e está, obviamente, em algum tipo de relacionamento abusivo.

— Você tem que levá-la, protegê-la. — Vem um soluço estrangulado e olho para Kennedy confuso. Mel começa a esfregar suas costas carinhosamente, mas logo para, quando percebe que apenas está machucando Kennedy ainda mais.

— Você precisa me dizer o que aconteceu aqui. O seu namorado a machucou?

Ela olha para mim com os olhos arregalados. — Não. Eu não tenho um namorado. — Ela chora, ficando histérica. — Alguém veio aqui. Ele me bateu. Disse que minha irmã lhe devia três mil. Eu não tenho esse tanto de dinheiro. Ele disse que sou a fiadora que ela deu para obter seu dinheiro de volta se ela não pudesse. Se não pagar, ele levará Imogen e irá vendê-la. Você precisa levá-la para o mais longe possível de mim. — Ela soluça. Sua expressão demonstra todo seu sofrimento e sei que apenas pedir para que eu leve Imogen para longe, está partindo seu coração. Suas palavras apertam meu coração, vê-la tão devastada provoca algo dentro de mim e pela primeira vez na minha vida quero cuidar de alguém que não seja eu mesmo.

— Diga-me exatamente o que ele disse. — Exijo, entrando em modo de trabalho.

— Foi basicamente isso. Ah e eu tenho um mês. — Ela tenta enxugar



as lágrimas, mas outras continuam chegando. Olha para mim com os olhos arregalados. — Oh meu Deus, você conseguiu fazê-la dormir. — Diz baixinho antes de explodir em mais lágrimas.

— Ei, não chore.

— Eu não quero perdê-la, mas não tenho opção. Não posso protegê-la.

— E você? Quem vai protegê-la? — Eu pergunto a ela.

— Ninguém.

Ela parece cansada e desgastada, então faço a única coisa que posso. — Levante-se e vá pegar suas coisas e de Imogen.

— Huh? — Ela respira, olhando para mim confusa.

— Apenas faça isso. Preciso fazer uma ligação. — Eu digo a ela, de maneira mais dura do que pretendia.

— Vamos, irei ajudá-la. — Melanie oferece, ajudando Kennedy a se levantar. Olho para seu rosto e posso dizer que está sentindo muita dor. Ela apenas me faz querer caçar este filho da puta ainda mais. Ninguém ameaça mulheres inocentes ou crianças e escapa ileso.

Que porra está acontecendo comigo?

Uma vez que elas estão fora da vista, olho para Imogen adequadamente pela primeira vez e sorrio. Ela tem meu nariz de coxinha, coitada. Eu não sei



a cor dos olhos dela porque está dormindo, mas eu me lembro que Vicky tinha olhos azuis claros, enquanto os meus são castanhos.

Ela é tão pequena, tão inocente, deitada no meu peito, que o pensamento de alguém a ferindo, realmente me faz querer pegar sentença de prisão perpétua por assassinato.

Ligo para William sabendo que vou precisar de ajuda com isso e com os meus arquivos antigos. Ele responde no terceiro toque.

— Ei. Já está com saudades?

— Ei imbecil e, não. Na verdade, preciso de um favor.

A risada estrondosamente alta irrompe através do telefone e eu tenho que afastar minha orelha por um segundo. — Você se foi há algumas semanas e já precisa de um favor.

— Ok, pode apenas enviar rapidamente meus antigos arquivos, por favor? Preciso de tudo o que temos sobre a apreensão de drogas que fizemos em Carmack. — Não posso dar atenção as suas brincadeiras ou provocações no momento. Preciso de respostas. Preciso saber quem está fazendo isso e por quê. A única coisa em que posso pensar é no passado de Vicky. Essa unidade foi seu passado.

— O quê? Por quê? Fechamos esse caso.

Não precisava me lembrar que fechamos esse caso. Foi o pior trabalho infiltrado que



já tive que fazer e nunca fiquei tão aliviado quando finalmente encerramos.

— Olha, há muita coisa que preciso explicar, mas agora, tudo o que você precisa saber é que alguém desse caso ameaçou uma próxima... a mim. — Hesito, pois, a palavra amor quase pula para fora da minha boca. Pensando nisso, bastou apenas um olhar para o pequeno anjinho e estava apaixonado. Imogen se mexe nos meus braços e eu a balanço com cuidado para que não acorde.

— Ok, há algo que você precisa que eu faça? — Pergunta ele, sem hesitação. Essa é a única coisa que até agora senti falta no meu antigo emprego. Como eles sempre ajudam um ao outro. Não que Harris não o faça, é apenas que faz as perguntas primeiro e não depois. Acho que temos muito a descobrir, antes de chegar onde precisamos estar.

— Ainda não, mas vou mantê-lo informado. Em uma hora eu estarei em casa. — Digo a ele antes de terminar a ligação. Caminho em direção às vozes abafadas no quarto de Kennedy. Não é nada parecido com o que imaginei. É simples, tedioso e não é nem mesmo decorado. Eu esperava cor, muita cor. Mas então, realmente não a conheço e está obviamente com dificuldades se vive neste lugar de merda.

— Você pode pegar Immy para que eu possa pegar o berço dela e o restante das coisas? Vou ligar para um amigo para vir e carregar tudo. A menos que você queira que compre coisas novas? — Eu pergunto, não



pensando sobre o que Immy pode não ter. Por tudo que sei, ela poderia ter apenas o básico, mas o que eu sei? Não sabia nem mesmo o que um bebê precisava e pelo que sei até agora sobre Kennedy, não parece ser uma pessoa que negligenciaria uma criança.

— O quê? O que está acontecendo? Você vai levá-la? — Pergunta ela, com uma careta no rosto e pronta para explodir. Mesmo depois de me pedir, o pensamento de Immy sendo levada para longe dela está a matando por dentro. Posso oficialmente dizer que sei como se sente, porque só de pensar em nunca mais ver esse pequeno e bonito montinho no meu colo, que conquistou meu coração no segundo em que a conheci, está me matando também.

— Não. — Começo e vejo seu corpo relaxar. — Levarei vocês duas. Você vai morar comigo. — Digo a ela. E nem sei de onde isso veio, mas agora que as palavras estão fora da minha boca, percebo que quis dizê-las. Quando disse a ela para embalar suas coisas, iria enviá-las a um amigo ou para algum lugar seguro.

— O quê? Não. Você não pode fazer isso. Nós não podemos fazer isso.

— Você quer proteção? Quer Immy segura? Quer ficar segura?

— Claro...

— Então, vamos lá. Agora pegue Immy, por favor.



— Immy? — Pergunta ela, com o rosto franzido, parecendo engraçada. — O nome dela é Imogen.

— Desculpe, acho que apenas saiu. — Estremeço, me perguntando se acha que estou me intrometendo. Não quero tirar Imogen dela, mas quero estar com ela em todos os momentos. Imogen, obviamente. Não que me importaria de ter a companhia de Kennedy se ela a oferecesse. Então gemo interiormente. Terei que viver com ela agora. E terei que a ver nua, seminua e vestida diariamente. Ela estará no meu espaço o tempo todo. Nunca tive isso antes.

Calma, pode ter muitos maus hábitos. É verdade. Ela poderia. minha irmã tinha um milhão e um.

— Não, está bem. Eu gosto. — Ela sorri, mas não alcança os olhos.

Uma hora depois, nós estamos estacionando em frente à minha casa. Depois de falar com Harris sobre o que estava acontecendo, me aconselhou a deixar a maioria das roupas e outras merdas no apartamento. Então eu o fiz e em vez de trazer o berço conosco como planejado, liguei para loja BabyCare e pedi tudo o que um bebê da idade de Imogen precisa. Paguei pela entrega rápida que seria ainda hoje e eles também montaram todos os móveis. Com esse assunto resolvido, posso me concentrar em descobrir quem fez isso com Kennedy. Ela ainda está bastante abalada e quando nós entramos em casa, vou direto para meu quarto e ela me segue.



— Aqui. Você precisa se deitar. Pegarei um ibuprofeno.

— Não, preciso estar acordada para quando Imogen acordar. — Argumenta, mas noto suas mãos ainda trêmulas.

— Vá tomar um banho. Tem um banheiro no final do corredor. Por favor, apenas tome um banho. Quando você voltar, cuidarei dessas contusões que sua camisa está escondendo.

— Como...

— Pude perceber pelo jeito que você está andando. Deixe-me apenas verificar se não precisa ir para o hospital, então poderá tomar alguns analgésicos e dormir um pouco. Você se sentirá muito melhor.

— Imogen precisa de uma mamadeira em meia hora.

— Apenas vá. — Eu digo a ela, dando-lhe um empurrãozinho na direção do banheiro. Eu rapidamente explico onde estão as toalhas, e volto para a cozinha, começo a desembalar as malas onde sei que estão às coisas de Imogen, inclusive as mamadeiras. Coloco a cadeirinha do carro, com Imogen ainda nela, ao lado da porta e começo a trabalhar antes de um dos caras trazerem os arquivos que faltam.

Coloco tudo o que posso sobre a bancada da cozinha, estou totalmente perdido com tudo o que está na minha frente. Há esta



coisa redonda que tem estes mamilos presos neles. Vários frascos de diferentes tamanhos, tampas e mais mamilos.

A lata de leite em pó está bem na frente da bancada e eu sorrio.

Posso fazer isso.

Quão difícil pode ser fazer uma mamadeira?

Dez minutos depois, Kennedy surge do banheiro parecendo quente. Literalmente quente. Ela parece que esteve sentada em uma sauna durante a última hora ao invés de tomar banho.

— Você está bem? — Pergunto, mas acabo sufocando minhas palavras quando ela dá a volta no balcão vestindo uma camiseta folgada que mal cobre sua bunda. Ela está usando um short boxer por baixo, mas isso não impede minha mente de fantasiar.

Porra, para uma pessoa tão pequena, ela tem pernas bastante surpreendentes e não posso evitar, mas imagino como serie tê-las em ao meu redor.

— Você está bem? — Pergunta ela com curiosidade, depois começa a rir. — Você derramou leite em sua camisa.

Olho para baixo e descubro que está certa. Porra. — Sim, estou apenas tentando descobrir como se faz essa coisa. — Digo a ela, acenando para o leite em pó.

— Aqui, vou te mostrar. — Ela me diz com o rosto se contorcendo de dor quando se move na minha direção. Sabendo que preciso aprender,



ignoro a dor dela por um segundo e observo quando pega a mamadeira, começa a ferver um pouco de água e depois monta a coisa com os mamilos na parte de cima.

— Este é o esterilizador. As mamadeiras precisam ser esterilizadas após cada utilização para mantê-las limpas. Faço apenas mais uma mamadeira durante a noite. Deixo a água fervida na garrafa até que acorde. Então, coloco o leite. — Ela faz e me mostra como colocar a quantidade certa de leite em pó dentro da mamadeira. Estou tão impressionado com tudo isso que não consigo tirar os olhos dela.

Quando percebo que não está mais se movendo, me viro para olhar para ela e a encontro olhando para mim com um tom rosado nas bochechas.

— O quê? — Pergunto confuso.

— Eu disse: onde você guarda a jarra?

— Oh, aqui. — Digo, apontando sobre a minha cabeça. Alcanço o armário e pego a jarra de plástico para ela. Ela enche com água fria, em seguida, coloca a mamadeira dentro dela.

— Pronto! — Ela sorri. — Apenas deixe esfriar um pouco até ficar morno para não queimar a boca de Imogen e está pronto.

— Posso fazer isso.

Ela me dá um sorriso deslumbrante e nós dois ficamos ali olhando um para o outro sem jeito. Quando



Imogen rompe o silêncio ao acordar nós viramos nossas cabeças. Movemo-nos ao mesmo tempo, ambos parando antes de ir para ela novamente.

— Vá em frente. Eu apenas vou... Hum... Deitar-me. Você tem aqueles analgésicos? — Ela pergunta timidamente, parecendo tímida demais.

— Sim, aqui. — Digo a ela e pego os comprimidos que deixei separado antes de parecer como o monstro do leite em pó.

Ela pega-os de mim e engole seco. Vejo como a garganta dela balança para cima e para baixo e acabo engolindo seco eu mesmo. Meu cérebro pensa na garganta dela engolindo outra coisa de forma parecida, mas paro imediatamente.

Porra, isso irá me matar. Pego Imogen rapidamente e a tiro da cadeirinha, sorrio para ela. É tão linda. Tem meus olhos.

Meu coração se aquece e pela primeira vez na minha vida sinto que estou exatamente onde deveria estar. De uma coisa eu sei, nunca vou decepcioná-la, nunca.

No curto espaço de tempo em que soube que era pai, consegui trazê-la para um lugar mais seguro e fazer uma mamadeira, sozinho. Ok, não totalmente sozinho, mas a intenção é que conta.

— Ela vai precisar ser trocada e ter a mamadeira pronta. Apenas certifique-se de verificar a temperatura, faça isso no interior de seu pulso. — Kennedy me fala antes de ir



caminhando lentamente para fora da sala. Olho para Imogen com os olhos arregalados.

Uma parte de mim está esperando que ela quisesse dizer trocar como quando se troca de roupa. Mas então coloco meu rosto mais perto e dou uma grande fungada e sei que está se referindo a fralda.

Eu gemo e pego a bolsa que vi Kennedy enchendo com fraldas e entro na sala da frente, certificando-me de pegar a mamadeira.

— Vamos lá, pequena. Ajude esse homem, ok? — Peço a Imogen que agora está apenas com a fralda. Quem porra fez essas roupas não estavam pensando em crianças quando as desenhou. Pensei que teria de quebrar o seu braço para tirá-la dessa coisa.

À esquerda eu tenho lenços umedecidos, sacola de fraldas e um prendedor. Checado. À direita tenho uma fralda suja e um bebê para ser limpo. É incrível o que você aprende observando sua irmã. Agradeço que ela teve uma filha aos dezoito anos ou eu estaria ferrado agora.

Não que isso seja muito difícil, mas apenas no caso de algo dar errado, tem uma fralda de reposição esperando.

Respiro profundamente antes de começar o que agora será a minha vida.



CAPÍTULO SEIS

KENNEDY

A cama ainda cheirava a ele. Não podia escapar de seu perfume inebriante e isso estava quase me deixando louca. Eu viro e reviro por um segundo, não sendo capaz de ficar confortável, quando começo a ouvir Imogen ficar inquieta.

Ainda não posso acreditar que já esteja tão envolvido. Ele nem sequer se questionou e levou tudo numa boa. Realmente o admiro por isso. A maioria dos homens usaria a desculpa de que não sabem o que estão fazendo para se livrar das responsabilidades, mas não Evan. Ele parece realmente saber o que está fazendo ou pelo menos tenta.

Estou ainda em estado de choque, por ter oferecido nos trazer para cá. Sei que o convite apenas foi estendido a mim por causa de Imogen, mas de qualquer forma sou grata. Sei que, de fato, não me sentiria segura dormindo naquele apartamento depois de tudo o que aconteceu.



Evan

Apenas a lembrança do impacto de seus chutes e a força de seus socos faz as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Não posso acreditar que alguém poderia ser tão cruel a ponto de fazer o que fez comigo hoje. Ele simplesmente não parece real. Nada disso parece. As ameaças, a surra e a mudança, tudo parece muito. Mesmo Evan sendo tão compreensivo. Ele tem todo o direito de me odiar agora. Coloquei sua filha em risco. Minha irmã a colocou em risco. Mas parece estar lidando com tudo muito bem.

Ouço Imogen resmungar de novo e sabendo que não serei capaz de dormir depois de tudo o que aconteceu, não importa quão exausta eu me sinta, levanto e lentamente rastejo para fora do quarto. Ando a curta distância pelo corredor e olho para a sala de estar. Ali, no chão da sala de estar, está Evan, com uma irritada Imogen se contorcendo.

Cubro minha boca para abafar a minha risada quando o vejo. Ele tem um prendedor de roupas preso ao seu nariz, luvas de borracha e tendo náuseas, enquanto limpa os restos de cocô do bumbum de Imogen.

— Nãão. — Ele sussurra e dou um passo à frente, preocupada. Ignorando a dor no meu lado me inclino um pouco para frente para olhar mais de perto e começo a rir. Sua cabeça se vira para mim e seus ombros caem com a derrota. — Ela fez xixi em mim.

— Ela está marcando seu território. — Eu ri. — Acredite em mim, é quando faz cocô durante o banho que você tem que se preocupar. — Eu digo a ele,



na esperança de fazê-lo se sentir melhor.

— Ela faz? — Ele suspira, horrorizado.

— Oh, faz. — Eu rio.

— Como eu faço isso? — Ele resmunga.

Em vez de fazê-lo eu me sento ao lado dele e aponto para as etiquetas adesivas no final da fralda. — Essas sempre vão sob o bumbum.

Ele segue minhas instruções e em nenhum momento coloca sua fralda. — Sabe que vai precisar vesti-la novamente depois que ela tomar banho.

— Você disse para trocá-la. Eu não sabia se queria dizer fralda ou roupa e porque ela fez cocô pensei em fazer as duas coisas. — Ele encolhe os ombros como se não fosse grande coisa. Diria a ele como estou grata, quando uma batida forte me assusta e imediatamente me aproximo de Evan. Será que o cara sabe que eu me mudei e que tenho ajuda? Será que veio levar Imogen? Um gemido escapa da parte de trás da minha garganta.

Assustada, não percebo Evan se mover até que está ajoelhado na minha frente, segurando uma frágil Imogen.

— Ei, está tudo bem. É um amigo de trabalho. Ele trouxe tudo o que tem a ver com o caso envolvendo sua irmã. Ok?

Meus ombros tensos relaxam e dou-lhe um aceno de cabeça. Sei



tudo sobre o caso que ele trabalhou. Vicky o chamou de rato e não fez nada, além de gritar sobre ele depois que foi presa. Estou surpresa que não a prendeu com uma acusação de estupro. Isso é o que eu faria. Estupro. Estou prestes a perguntar o que esse caso tem a ver com ele quando se move, levantando-se para atender a porta.

Sentindo-me autoconsciente, eu me levanto e me sento no sofá. É tão confortável como imaginei na primeira vez que eu vi. Sentindo-me ousada coloco os pés para cima, debaixo de mim e inclino a cabeça para trás contra o encosto.

Ouvindo vozes na porta fecho os olhos e tento relaxar, mas o cansaço aparece e eu caio em um sono profundo.

Algum tempo depois acordo em uma cama e não no sofá onde eu estava na última vez que me lembro de estar acordada.

O que houve?

Levanto e noto que estou de volta no quarto de Evan e começo a ruborizar. Nós nem sequer nos conhecemos e ele está me deixando dormir em sua cama. Gemo quando descubro que estou parcialmente nua em uma camiseta que nunca vi antes. Cheirando a camiseta me sinto tonta. Tem cheiro de masculinidade, sexo e de Evan.

Apenas agora percebendo que ele deve ter me despido, eu me levanto da cama e vejo que está escuro lá fora. Não posso ver um relógio no quarto, mas sei que é tarde. Saindo da cama, visto uma calça de pijama e coloco a



cabeça para fora para encontrar Evan. Quando não está na área da cozinha ou na sala, começo a entrar em pânico.

Correndo de volta para o quarto noto um brilho suave proveniente de outro quarto. Andando mais perto ouço o zumbido de uma voz.

— Podemos não nos conhecer muito tempo, mas prometo a você que não haverá nada que não saberá sobre mim. Você me tem agora. — Eu ouço Evan sussurrar com uma voz suave que eu não o ouvi usar ainda.

Dou um passo em silêncio em direção à porta e olho pela fresta, suspiro. O quarto é muito bonito. Um berço colocado em um canto com um dossel de princesa cor de rosa. Tem uma nova cadeira de balanço na qual está sentado no momento, segurando uma mamadeira na boca de Imogen. Olhando mais de perto eu diria que estava ali por algum tempo. Ele tem uma caneca de algo quente sobre a mesa ao lado dele junto com uma pilha de pastas e papéis.

O que na terra era tudo isso? E por que os está lendo neste momento?

— Ei, você está acordada.

Pulo ao ouvir sua voz rouca e profunda. — Sinto muito. Não quis adormecer. Não posso acreditar que eu dormi durante tudo isso. — Sussurro envergonhada.

— Você está com fome? Pedi um delivery. Está no microondas. Desculpe-me, por não a acordar, mas



parecia precisar descansar. Além disso, quando tentei acordá-la você não se mexeu nenhum centímetro. — Ele me diz e sinto o rubor nas minhas bochechas.

Doce!

Que embaraçoso. — Acho que não me mexi quando você me trocou também.

— Sobre isso. — Ele diz timidamente. — Sinto muito. É que minha irmã simplesmente odeia dormir com suas roupas. Saímos de férias uma vez e ela esqueceu seu pijama. Passamos a noite inteira tentando encontrar um lugar aberto, porque ela se recusou a dormir com suas camisetas.

— Oh, tudo bem. — Sorrio e olho para Imogen que está profundamente tomando sua mamadeira e olhando para Evan com grandes olhos. — Como ela está?

— Ela está realmente bem. Estava um pouco grogue mais cedo, mas a peguei e se acalmou. — Ele sussurra olhando-a. Fica lindo segurando-a. Imogen é um bebê, mas olhando para ela nos braços de Evan, parece ainda menor. E se for honesta, fica sexy para caralho segurando-a.

— Vou levá-la ao médico novamente. — Suspiro, pensando se é mais do que a dentição. A febre dela vai e vem. É em momentos como este que gostaria que minha mãe estivesse aqui para me aconselhar, mas ela não está.



— O quê? Por quê? Eu fiz alguma coisa de errado? — Pergunta entrando em pânico, seus olhos percorrendo Imogen da cabeça aos pés.

— Não! Não. Ela tem estado assim por uma semana. Está muito agitada. É geralmente um bebê feliz, pacífica, mas ultimamente está irritada, como se estivesse com dor. Eu a levei na última terça-feira e eles disse que é a dentição, mas eu não sei. — Encolho os ombros, acariciando meu dedo por sua bochecha. Seus olhos se concentram em mim e ela começa a agitar os braços. Eu rio junto com Evan.

— Acho que alguém está animada em vê-la. — Ele ri.

Eu a pego dele e sorrio amplamente. Ela é tudo para mim. É o meu mundo e nos dias em que perco o sentido de tudo, é a minha razão para continuar. Eu a amo como minha própria vida. Na verdade, quanto mais velha ela fica, mais gostaria que me chamasse de mãe. Algumas vezes sai e eu me sinto culpada de certa forma. Ela merece ter em sua vida, no entanto, alguém para chamar de mãe. Mas agora com Evan ali, sendo o pai biológico, preciso descobrir o que pensa sobre isso primeiro.

— Avise-me quando quiser ir ao médico. Vou com você. — Ele sorri, pegando um arquivo grande.

— O que é tudo isso? — Pergunto sem perceber quão rude eu estou sendo. Nós nem sequer nos conhecemos. — Sinto muito, isso foi rude. Você não tem que me dizer nada.



Olho para baixo e encontro Imogen dormindo profundamente no meu ombro, um arroto alto escapa de sua boca. Eu rio baixinho enquanto Evan responde.

— Não se preocupe, está tudo bem. Se quiser colocar Immy no berço, podemos conversar na sala da frente. — Ele se levanta, pega a pilha de arquivos e dá dois passos até mim, beijando Immy na cabeça. Seu perfume domina meus sentidos e meus joelhos começam a tremer. — Estou tão feliz que você tenha me encontrado e contado.

— Por que eu não o faria?

— Não quero falar mal dos mortos, mas considerando a reputação da sua irmã, fico surpreso por não pensar que sou exatamente como ela.

— Honestamente?

— É claro. — Ele sorri.

Olho em seus olhos para que possa ver que estou dizendo a verdade. Engulo profundamente, ficando presa em seus olhos. Deus eles são bonitos. Balançando a cabeça dos meus pensamentos, começo. — No início não queria encontrá-lo. Eu me perguntava sobre tudo o que estava acontecendo em sua vida e se ainda estava fazendo o trabalho que faz. Não queria Imogen envolvida nisso. Eu vi Die Hard e outros filmes quando seus filhos eram usados para vingança. Mas percebi que estava apenas encontrando desculpas. Acho que no final apenas



queria o que era melhor para ela. Imaginei como minha vida seria sem ela e isso me matou. Então me perguntava como seria para você. Eu sei que não a conhecia, mas é especial, é uma lutadora e merece o melhor de tudo. Você merece conhecê-la.

— UAU! Não esperava que você fosse tão honesta.

— Apenas não quero segredos. Nós temos que conviver por Imogen. Precisamos conversar sobre tudo. E não sei nada sobre você e vice-versa.

— Nós vamos chegar lá, prometo, mas primeiro, vamos colocar Immy na cama e falar sobre o que aconteceu esta manhã, está bem? — Diz ele batendo em meu queixo com o punho. Olho em seus olhos, dando-lhe um sorriso aguado. Eu nunca tive alguém para me dar o que está me dando agora. O que aconteceu esta manhã honestamente me assustou demais. Eu não quero ser uma daquelas mulheres medrosas, mas sei que se não fosse por Evan nos tirar de lá, ainda estaria em casa com medo do meu juízo final.

— Ok. — Aceno e cuido de Imogen. Eu a deito no berço novo e confortável, a cubro firmemente, mas não muito, para não superaquecer. As noites estão ficando mais frias assim como as tardes, mas felizmente, Evan pode dar ao luxo de ter seu aquecimento ligado, ao contrário de mim. Não é um luxo que estava acostumado a ter.

É mais um motivo que me matará quando for hora de finalmente sair daqui. Não quero deixar Imogen, é



minha vida, mas olhando para o que Evan pode dar a ela em um dia, faz eu me perguntar se estaria melhor sem mim.



CAPÍTULO SETE

EVAN

Precisava sair de lá. A sala estava me sufocando, com ela vestindo minha camiseta e a imagem de seu corpo de mais cedo ainda me assombrando, não poderia lidar, com estar tão perto. Uma mulher nunca me afetou do jeito que faz.

Fiquei feliz por estar morta para o mundo quando tirei sua roupa, porque teria odiado que visse minha reação. Primeiro foi o desejo que me arrebatou ao vê-la tão vulnerável, tão pacífica. Seu rosto estava relaxado, livre de qualquer turbulência que se passava no interior de sua cabeça. Mas então vi os hematomas que o filho da puta lhe infligiu. E tive que ir para fora e chutar a merda da lata de lixo para sufocar minha frustração. Odeio homens que agridem as mulheres. É fraco, um insulto para os outros homens e certamente muito errado.

Não me interpretem mal, eu vi mulheres baterem em homens e até mesmo situações em que tive que



conter uma mulher por ferir os caras. Mas ainda assim, homens que atacam os mais fracos, mulheres inocentes ou quaisquer mulheres, enfurecem e pela aparência das contusões de Kennedy não teve nenhuma chance de se defender. O cara que fez isso não se conteve. Ela é uma coisa tão pequena e delicada que é difícil imaginar que alguém queira machucá-la.

Entrando na cozinha tiro os recipientes do microondas e os coloco ao lado. Peguei dois pratos limpos e comecei a pegar algumas coisas para mim quando Kennedy entrou.

— Cheiro gostoso.

Viu? Fofa para caralho.

— Aqui, pegue o que você gosta. Vou esquentar. Pedi há cerca de uma hora ou mais atrás.

— Que horas são? — Ela pergunta olhando para um relógio.

— Pouco mais de onze.

— Oh Deus! Não posso acreditar que eu dormi por tanto tempo. — Ela fica ofegante, pegando a comida. Na verdade, estou surpreso que esteja colocando comida no prato. Ela não parece ser o tipo de pessoa que se empanturra na frente de um homem. Então novamente, não estamos namorando. Todas as outras garotas que namorei comiam como se estivessem preocupadas se alguém fosse notar. Isso me irrita. Todos comem para sobreviver, não é como se o que estão fazendo é raro.



— Como disse, você estava precisando disso. — Eu digo sorrindo. Caminhando para a sala da frente depois que eu terminei de aquecer nossa comida, ela me segue.

— Eu apenas me sinto mal. Quer dizer, deixei Imogen com você e acabamos de nos conhecer. Então desabei em sua cama como se fosse a dona do lugar. Isso não parece certo. Eu estar aqui e tudo.

— Eu não teria oferecido se não quisesse. Quero ajudá-la e tê-la aqui vai ajudar a mantê-la segura. Eu não a deixarei se machucar. Mais uma vez.

Na verdade, tê-la aqui parece certo de alguma forma e não apenas por causa de Imogen. Algo sobre vê-la deitada na minha cama dormindo fez alguma coisa comigo. Mas sei que com tudo o que está acontecendo, se começar algo com ela provavelmente vai acabar mal.

— Obrigada. — sussurra e pela forma como está olhando para o prato, mostra que não teve este tipo de ajuda muitas vezes.

— O que você faz para viver? — Pergunto, querendo conhecê-la.

Ela olha para cima de seu prato e quando termina de mastigar olha para mim nervosa. — Trabalho em um café na cidade. Estou esperando conseguir algo melhor, mas não há muitos empregos.

Ela é bonita quando divaga.

— Há quanto tempo você trabalha lá?

— Quatro anos. — Ela me diz, hesitante. — E você, quanto tempo trabalha para a polícia?



— Não estou trabalhando para eles agora. Realmente comecei meu próprio negócio com um bom amigo meu Harris.

— Parece interessante. O que fará agora? — Ela pergunta, dando outra mordida em seu sanduíche.

— Um pouco de tudo, eu acho. Montaremos sistemas de segurança apropriada para as pessoas, investigações particulares e segurança para quem nos contratar. Isto irá variar. Ainda teremos que procurar por cônjuges infiéis, mas ficará melhor.

— Parece muito bom. Se você não se importa em me responder, o que aconteceu com minha irmã? Naquela noite, sabe, quando Imogen foi concebida. Mesmo que eu saiba que era uma puta, nunca pensei que fosse capaz disso. — Ela me diz, sussurrando quando diz a palavra puta.

Em seguida, ocorre-me. Nunca a ouvi falar mal. Eu rio ela dá um olhar estranho que só me faz sorrir.

Coloco o prato para baixo, terminei com minha comida, olho para Kennedy com uma expressão séria. — Realmente não deveria falar sobre o caso ou qualquer coisa envolvida com ele, mas porque nenhum mal pode realmente vir disso, vou te dizer. Sua irmã se misturou com algumas pessoas muito ruins. Eu estava infiltrado por um ano. Sua irmã sempre deu em cima de mim, mas sempre a evitei. E antes que você pergunte, não era porque estava trabalhando e sim, porque eu não gostava dela. Eu sei que é errado, é sua irmã e tudo, mas...



— Eu entendo você não precisa se desculpar, ela nunca foi a garota mais legal, assim o que precisa dizer, pode fazê-lo.

Dou-lhe um sorriso gentil e guardo essas informações na parte de trás da minha mente para mais tarde. Quero saber como as duas podem ser completamente diferentes.

— Bem, ela basicamente vendeu-se aos homens que se ofereceram e dormiu com os que pensaram que poderia conseguir alguma coisa por fora. Aparecia na unidade mais do que qualquer dos homens que trabalhavam lá. Acho que na última noite, antes de acontecer a invasão, pensou que poderia me dopar com alguma coisa, embora eu não possa provar isso. Não bebi nada até aquela noite. Queria manter a cabeça no lugar, mas meu chefe disse que eu precisava para me misturar, que eu precisava parecer relaxado. Comecei a me sentir engraçado, tonto e minha visão ficou embaçada. A próxima coisa que soube foi que acordei nu em um dos beliches na parte de trás da unidade com sua irmã ao meu lado. Todos os dias depois eu me lembrava de algo mais sobre aquela noite. — Digo a ela, mantendo a voz indiferente. Eu não quero que realmente saiba o quanto isso me incomodou, saber que meu pau esteve dentro de sua irmã *drogada*.

— Oh meu, Deus. — Ela ofega, seus olhos lacrimejando. — Eu não posso acreditar nela. Você sabia que estava grávida?

— O quê? Não! Por que pergunta?



— Porque ela me disse que lhe contou, mas alguma coisa atrapalhou.

— Não. Se eu soubesse, teria levado Imogen para longe, muito longe dela. — Digo e ela me dá um pequeno sorriso.

— Ela foi embora na noite que deu à luz. — Deixa escapar e sinto meus olhos se arregalarem.

— O quê?

— Sim. Ela não se importou. Depois de uma semana o hospital me ajudou a conseguir a guarda de Imogen para que eu pudesse conceder permissão para os testes que precisavam fazer. Encontrei Vicky, consegui que assinasse negando seus direitos. Concederam-me a custódia total quando Vicky morreu.

— Como vocês duas podem ser totalmente diferentes? — Eu pergunto em voz alta e vejo a cor rosa claro em suas bochechas aumentarem.

— Eu não sei. — Ela sussurra. — Ela sempre foi assim. Mesmo quando criança. Sou a mais nova, meu irmão, que teve morte súbita quando tinha seis meses de idade, seria o mais velho. Minha mãe sempre minimizava sua atitude por ser a filha do meio, mas eu sempre vi algo ruim dentro dela, sabe? Ela estava sempre se metendo em problemas, mesmo antes de tudo isso acontecer. Quando nossos pais morreram, piorou. Nós nos separamos por um tempo antes de encontrarem uma casa para nós duas ficarmos, mas mesmo assim ela



estragou tudo. No final, eles me colocaram com uma boa família, que concordou em ainda me deixar vê-la, mas não morar com ela. Se ressentia de mim por isso, eu acho.

— Vocês não se davam bem? — Pergunto a ela. Eu não estou surpreso por ouvir isso. Sabia que Vicky teve um passado difícil e que seus pais morreram. Também sabia que tinha uma irmã, mas nunca foi verificada pela investigação. Mas acho que sempre presumi que fosse exatamente como ela. Não poderia estar mais errado.

— Não desde que me lembro. Ela tomava tudo que meus pais me compravam. Mesmo se fossem calcinhas que nunca serviriam, pegava. Ela causou discussões, brigas e nunca se importou quem estivesse machucando. Intimidava sem parar. — Encolhe os ombros.

Jesus. Sua irmã era realmente uma puta. E crescer com ela como sua única família deve ter sido foda.

Pelo menos agora tinha a mim e Imogen.

Porra! De onde veio isso? Precisando de uma bebida eu me levanto rapidamente, assustando-a. — Vou pegar uma cerveja. Você quer uma ou alguma outra coisa? — Pergunto pegando seu prato vazio.

— Hum, gostaria de uma água ou chá, obrigada. — Ela sorri, recostando-se na cadeira. Parece tão perdida, pequena naquela cadeira. Ela engole completamente seu pequeno corpo.



Caminhando de volta entrego a Kennedy seu chá e tomo o meu lugar de volta no sofá. Kennedy sentiu-se em casa e escondeu seus pés debaixo dela, colocou uma almofada confortavelmente em sua barriga com sua xícara fumegante de chá na mão.

— Então. — Começo. Pegando os arquivos, os deslizo em direção a ela. — Chequei esses arquivos durante toda a noite e até agora não consegui pegar qualquer coisa do que você me disse. Trouxeram-me uma pasta de fotos de todas as pessoas ligadas ao caso. Pode dar uma olhada e ver se o reconhece?

Balança a cabeça com firmeza, mas pela forma como suas mãos tremem posso dizer que está se lembrando de tudo desta manhã e está nervosa.

— Você está bem? — Pergunto quando passa rapidamente por elas.

— Acho que sim. Tudo parece ter acontecido tão rapidamente. Todo meu corpo está inchado e dói. Mas além do fato de que não entendo o que está acontecendo, estou bem.

— Prometo que não vai tocá-la de novo. — Digo firmemente, precisando que ela ouvisse a verdade em minhas palavras.

Ela olha para cima da pasta e segura meu olhar. — Eu sei que você não deixará que me toquem.

O jeito que diz isso faz meu coração acelerar. Ela está colocando sua confiança em mim de bom grado e



nem sequer me conhece. Não posso evitar, mas sinto orgulho ao ouvir-lhe colocar tanta fé em mim. Nem sequer pensou.

Não sabendo mais o que dizer a deixei folhear a pasta em silêncio. Enquanto isso manteve ocupado e folheei os destaques do jogo que perdi esta noite.

Meia hora depois, ouvi um grito vindo de Kennedy. Virando para ela vejo as lágrimas escorrendo pelo seu rosto, sua mão sobre a boca e seus olhos arregalados de medo e reconhecimento.

— Você o encontrou? — Pergunto, me ajoelhando na frente dela e segurando ambas suas mãos nas minhas. — Olhe para mim.

— É ele. — Ela sussurra. Removendo uma de suas mãos do meu aperto, ela aponta para baixo a uma fotografia. Pego a pasta dela e olho para a imagem na minha frente.

— Porra!

— O quê? — Pergunta entrando em pânico. Sento-me em meus calcanhares e passo a mão pelo meu cabelo.

Damon porra White. Um dos maiores fornecedores de drogas, mais cruéis da cidade. Ninguém jamais foi capaz de acusar esse filho da puta de nada. Mesmo com as pilhas de evidências que tinha contra ele, ainda foi deixado de fora.

— Conte-me! Você está me assustando. — Kennedy pede e eu viro minha cabeça



para ela. Vendo seu olhar amedrontado tenho vontade de puxá-la em meus braços.

— Tem certeza que é ele? — Pergunto baixinho.

— Sim. Nunca esquecerei aqueles olhos ou aquela cicatriz. — Ela me diz. Seu corpo está tremendo incontrolavelmente e está começando a ficar histérica.

— Olha, tudo ficará bem, mas esse cara? Esse cara é seriamente má notícia. O que quer que sua irmã esteja metida com ele é ruim. Não é conhecido por dar uma segunda chance. Também exige ter um plano alternativo para as pessoas que compram dele.

— Foi por isso que me ameaçou a pagar ou ele levaria Imogen. — Ela soluça, lágrimas caem por seu rosto. Eu as limpo, mas elas continuam caindo. Vê-la assim está machucando meu coração.

— Baby, ele não a tocará novamente. — Prometo. Pego meu telefone da mesa e disco o número de William.

— É melhor ter uma boa razão para interromper o meu momento de televisão. — Ele rosna e em qualquer outro momento o provocaria, mas isso é sério.

— Preciso daquela ajuda que você me prometeu. — Digo com uma voz grave.

— Porra! O que foi?

— White Damon.

— Merda!



CAPÍTULO OITO

KENNEDY

Virar e revirar me manteve acordada durante a noite passada depois de ouvir a forma como Evan falou com seu antigo chefe no telefone. Ele tentou não parecer preocupado, mas podia ver isso em seus olhos.

A maneira como tentou me confortar na noite passada ainda pisca na minha mente. Posso sentir seus dedos suaves correndo pelo meu rosto, enxugando minhas lágrimas e a maneira como segurou minhas mãos. A forma como sua voz carregava certa delicadeza, mas ainda soando tão segura e firme ao mesmo tempo.

Não estou ansiosa pelo hoje e quando digo isso, quero dizer honestamente. Não sei o que acontecerá.

Evan me disse que expediram um mandado de prisão para esse cara Damon, mas sem testemunhas, o seu advogado vai libertá-lo sem demora. Perguntei por que estava se incomodando em prendê-lo se não



iria dar em nada. Ele explicou que queria assustar Damon, para que soubesse que estão de olho nele na esperança de que isso o faça recuar. Pessoalmente, acho que nem realmente acredita nisso. Não conseguia nem me olhar nos olhos quando falou.

Após alimentar Imogen e a trocar, coloquei em sua cadeirinha fiz o café da manhã para Evan. Sinto-me mal por ter que dormir no sofá. Mesmo que seja grande, com seu grande corpo deve ser desconfortável para ele.

Uma batida na porta me assusta. Solto o pano de prato e vou até o corredor para ver se Evan ouviu. Depois que comeu, foi tomar banho e trocar de roupa. Ainda ouvindo o chuveiro, ando em direção à porta, esperando que seja apenas o carteiro ou um vendedor.

— Ei... Oh oi, hum... é... Evan está aqui? — Uma mulher bonita pergunta. Lembro-me de tê-la visto na primeira vez que o visitei. Ela mora ao lado, eu acho.

Ruborizo quando o pensamento, dela ser namorada de Evan passa pela minha mente. Será que sabe sobre Imogen? Ou eu? Ou por que estamos aqui? Será que ficará irritada comigo?

— Sim, ele está... Um... Está no banho. Gostaria de entrar e esperar?

Antes que ela responda, Imogen começa a chorar descontroladamente em sua cadeirinha e corro deixando a porta aberta para que possa ir até ela.



Ouço a mulher entrar e quando me viro noto que ela deixou a porta aberta.

— Se ele estiver ocupado, posso voltar mais tarde. — Ela me diz tristemente, não me olhando. Fiz algo errado?

Legal! Será que eles romperam por causa de Imogen?

— Ele sairá...

— Oh, ei Lexi. Pensei ter ouvido a porta. — Ele diz e eu me viro, quase engasgo com minha própria saliva. Molhado, bronzeado e tatuado, Evan está em apenas uma toalha. Uma tatuagem tribal está estampada em seu peito e vai até suas costelas. Outra tatuagem de dragão cobre a metade superior de seu braço. Como é que não sabia que tinha tatuagens? Porque me sinto assim por ele?

Aperto minhas coxas juntas quando vejo seu duro abdômen. Musculoso, esculpido e digno de babar. Cada músculo é definido por sulcos profundos e anseio correr meus dedos ali.

Ele me pega olhando e seus olhos ficam mais escuros. Eu me viro para evitar seu olhar intenso, balançando uma Imogen chorando nos meus braços.

— Queria falar com você, mas posso ver que este é um momento ruim. — Diz ela e se vira para ir, mas a voz profunda de Evan a impede.

— Espere. Deixe-me apenas me vestir e vamos conversar. — Ele diz. Não dá a ela uma chance de



responder, não deixando espaço para o mesmo argumento que eu encontrei no dia em que o conheci. Ele corre de volta pelo corredor até seu quarto, deixando-me aqui de pé, me sentindo estranha.

— Sou Kennedy. — Eu me apresento, manobrando Imogen no meu outro braço para que possa apertar sua mão.

— Sou Lexi. — Ela sorri, mas não alcançou seus olhos. Aperta minha mão e nos afastamos rapidamente, dando um passo para trás. Tentando acalmar Imogen tornou difícil observar Lexi, mas pelo que posso dizer parece ser uma pessoa agradável. Ela não se afasta, mesmo com seu silêncio desconfortável. Uma coisa clara para eu ver é que não gosta que eu esteja aqui.

— Você gostaria de uma bebida? — Evan pergunta voltando, agora vestindo jeans e uma camiseta preta de manga curta.

— NÃO! — Lexi deixa escapar, mas em seguida, tenta abaixar sua voz. — Desculpe. Não, não posso ficar muito tempo. — Sorri e franze a testa quando Evan caminha até mim e pega Imogen. Dou-lhe um sorriso, amando o quão facilmente é levado a ela já. Ele é um paizão com certeza.

— OK. Gostaria que você conhecesse alguém, esta é Kennedy. — Ele começa e Lexi sorri.

— Nós nos conhecemos.

— E esta pequena abóbora é Immy, abreviação de Imogen. Ela é minha filha. — Ele sorri com orgulho. Está



tão ocupado olhando para uma Imogen exigente que não percebe a forma como o rosto de Lexi cai. Quero me aproximar e confortá-la, mas algo sobre sua linguagem corporal e expressão me diz para ficar fora.

— Filha? — Sufoca. O jeito como diz *filha* faz meu sangue acelerar. É como se a palavra soasse amarga na boca.

O tom de sua voz faz Evan olhar para cima e franzir a testa para Lexi em confusão. — Oi, ela é minha filha.

— Oh, caralho! Esqueci que eu tenho uma consulta médica. É melhor ir antes que eu me atrase. — Afirma rapidamente. Quero gritar com ela por falar palavrões perto de um bebê, mas acima de tudo para palavrões. É uma coisa que me deixa louca. Mulheres que xingam fazem soar muito vulgar. Eu sei que não tenho espaço para julgar, é apenas mais uma aflição minha e as mulheres que se parecem com Lexi não devem usar esse tipo de linguagem.

Vejo como Evan abre a boca e move-se em direção a ela, mas Lexi está fora da porta antes que possa dar outro passo. Fico parada sem saber o que deveria fazer.

— Você quer me dar Imogen para que possa ir atrás dela? — Pergunto baixinho, sentindo-me mal, foi a minha presença e de Imogen que causou isso.

— Por quê? — Ele pergunta tão simplesmente, que começo a me perguntar se está realmente qualificado para ser um policial. Já



deve saber por quê. Não é preciso ser um gênio para perceber o que estava acontecendo com ela.

— Porque não quero vocês dois brigados. — Começo, mas a risada de Evan me interrompe. — O quê? — Franzo a testa, não gostando do fato de que está rindo de mim.

— Você acha que estamos juntos? — Pergunta parecendo se divertir.

— Ela está apaixonada por você, isso é claro e quando eu abri a porta parecia que o mundo dela desmoronou. — Digo a ele.

— Olha, sei que estava mentindo sobre a consulta médica. Apenas não sei por quê. Mas posso assegurar-lhe que nunca ficamos juntos.

— Por que tenho a sensação de que há um, *mas*? — Pergunto, mas em seguida, balanço a cabeça envergonhada. — Sinto muito, não é assunto meu.

Seus olhos suavizam e ele dá um passo mais perto de mim. — Você estará na minha vida por um longo tempo, Kennedy. Merece saber.

— Ok. — Sussurro, tentando ignorar a forma como suas palavras estão fazendo coisas malucas em minhas entranhas agora.

— Pensei termos uma coisa um tempo atrás, mas não era nada. Na verdade, ela me derrubou.



— Mas você é gostoso! — Digo indignada, depois acabo gemendo. Preciso de um filtro. Por que sempre faço isso? Não ajuda que tenha um bom aspecto. Deixa-me mais no limite do que o normal.

— Obrigado, assim como você. — Ele pisca e isso me faz ruborizar. — Levei um tempo para perceber que nunca teria funcionado. Estava esperando por algo que não estava lá entre nós.

— O que quer dizer? — Pergunto curiosa, sorrindo quando vejo Imogen deitada no ombro de Evan, a boca aberta em forma de O, dormindo.

— Quero sossegar. Muita coisa aconteceu no ano passado com minha irmã, quando me disseram que ela tinha um bebê e um noivo, percebi o que estava faltando. — Ele encolhe os ombros, mas eu posso ver que isso ainda é importante para ele. Ainda quer isso.

— Você tem certeza que não é alguma rivalidade entre irmãos? — Provoco.

Ele ri, o som enviando arrepios por minha espinha. — Não. Eu amo minha irmã, lhe daria o mundo se pudesse, porque merece. Mas vê-lo ali, bem na minha frente, apenas me bateu. Quero me estabelecer em uma casa de família e não um bangalô de três camas. E um dia que seja preenchido com crianças.

— Você tem uma agora. — Eu lembro a ele, sorrindo para uma Imogen roncando.

— Sim, eu tenho. — Ele sorri, mas quando o olho está sorrindo



para mim e o olhar em seus olhos é algo que nunca vi antes.

— Então... Hum... Tem que algo que precise fazer hoje, antes que vá para a delegacia? — Pergunto. Meu estômago estava virando violentamente desde que ele disse que teria que deixar-nos hoje para ir até a delegacia quando prenderem Damon. Disse que queria estar lá para ver por si mesmo o que aconteceria e que reação que Damon terá. Felizmente, seu antigo chefe está bem com ele fazendo isso desde que não cause uma cena.

— Engraçado você perguntar isso. Tudo o que aconteceu com minha irmã no ano passado fez com que se afastasse de mim. Seu noivo me mandou uma mensagem para dizer que está pensando em vir me visitar. Agora que sei que Immy é realmente minha, queria saber se poderíamos ir vê-la. Quero que ela seja a primeira pessoa a encontrá-la.

Faço uma pausa por um segundo, pensando sobre isso. Realmente nunca deixei Imogen com qualquer pessoa que não fosse a equipe de enfermagem e numa ocasião ímpar, Melanie. Respirando fundo dou a Evan um sorriso.

— Certo. Vou pegar um detergente e outras coisas. Limpar a bagunça que Imogen e eu fizemos. É o mínimo que poderia fazer por você nos deixar ficar.

— Não Kennedy, você não entendeu. Quero que você venha também.

— Para visitar sua irmã? — Pergunto minha voz estridente.



— Sim. — Ele ri, mas dou-lhe um olhar.

— Não posso conhecer sua irmã. Pode me odiar ou ter a idéia errada. Minha irmã era uma... Você sabe e sua irmã poderia pensar que sou uma... Você sabe, também.

— Ninguém jamais irá acusá-la de ser uma cadela. — Ele me diz baixinho e meus olhos encontram os dele e amolecem. Meu corpo inteiro se afunda e encontro-me acenando, quando dentro estou balançando minha cabeça - *não*. Conhecer a família? Não está no topo da minha lista de coisas para fazer. As pessoas ouvem falar de onde eu vim, com quem estou relacionada e julgam. Eles me julgam pelo que minha irmã fez e assim que Denny descobrir o que minha irmã fez a seu irmão vai me odiar. Não há como evitar.

— Tudo bem... Mas não me deixe. — Digo rapidamente, realmente não querendo ser deixada sozinha. Eu não sei nada sobre a sua família ou como eles são.

Meu deus é apenas sua irmã, o quão difícil pode ser?

Acontece que é mais difícil do que eu imaginava.



CAPÍTULO NOVE

EVAN

Batendo na porta da minha irmã começo a me sentir nervoso para caralho. Não sou um tipo de cara nervoso. Sou sempre tão calmo e composto. Porra é o meu trabalho ficar calmo e alerta. Mas até agora não percebi o quanto quero a benção de minha irmã, sua aprovação. Eu sei que ficará chateada quando descobrir sobre Vicky, mas quero que aceite Kennedy e Imogen em nossas vidas.

— Tudo certo, companheiro. Ela apenas está vestindo Hope. — Mason diz-nos ao abrir a porta.

Ele olha para Kennedy curioso, então para baixo, para Imogen. Observo sua cabeça se mover em minha direção e isso me faz imaginar se já percebeu que Imogen é minha. Agora que tive tempo para realmente olhar para Immy posso me ver nela.

— Obrigado. — Aceno.

Nós o seguimos para a sala de estar, onde deixo a cadeirinha do



bebê na cadeira de braço único, sinalizando para que Kennedy se sentasse. Ela está estranhamente quieta desde o momento em que eu disse que viria conosco. Não sei por que, mas o pensamento dela não estar comigo, fez com que eu me sentisse instável. Não parecia certo deixar que a família conheça Immy sem ela. É como, devesse estar ao meu lado.

O som de passos na escada faz com que eu levante do sofá. Quando Denny entra, ela parece surpresa ao ver-me, mas mais surpresa e curiosa para saber quem é Kennedy. Ela dá a Imogen um olhar rápido e ignoro a pontada de decepção no meu peito por não ver que Imogen é minha assim como Mason viu.

— Oi! — Cumprimenta lentamente, entregando uma Hope feliz para Mason.

— Ei, mana! — Sorrio, em seguida avanço para envolvê-la em um abraço. — Sinto muito, por tudo. — Sussurro em seu ouvido.

— Não é sua culpa. Apenas fui muito teimosa para ver isso.

Balanço a cabeça pronto para discutir, mas então sua cabeça se inclina na direção de Kennedy. Merda. Lá vamos nós.

— Esta é Kennedy e esta pequena é Imogen, minha filha.

Ela não diz nada por um segundo e começo a me preocupar. Minha irmã tem uma opinião sobre tudo e qualquer coisa.

— Desculpe?

— Eu não sabia nada sobre ela, não até um mês atrás, desde então



estávamos esperando pelos resultados do exame de DNA. — Digo.

— Exame de DNA? Não estou entendendo. Como isso aconteceu?

— Tenho certeza de que você deve saber como aconteceu. — Provoco levemente, tentando aliviar o clima.

— Mas pensei que você não estivesse saindo com ninguém. Disse que não tinha tempo... — Ela começa e eu posso ver onde está indo com isso.

Depois de tudo o que aconteceu quando foi sequestrada, expliquei a ela que nunca tinha tempo para fazer nada. O que era verdade. Nunca tive tempo para sair com ninguém, muito menos para visitar a família.

— É uma longa história. Estava drogado, fui estuprado e não sabia sobre Imogen até um mês atrás. — Começo, esfregando meu rosto. Não posso acreditar que tenho que explicar isso para minha irmã. Eu queria mais tempo antes que tivesse que falar sobre coisas profundas.

— Você está brincando comigo? Traz uma vagabunda para minha casa, para perto da minha filha. SAIA! — Denny grita para Kennedy. Ela se levanta seus olhos lacrimejantes, seu corpo tremendo visivelmente.

— O quê? — Pergunto olhando entre elas, me perguntando por que está explodindo contra Kennedy.

Os olhos de Kennedy se enchem de lágrimas e faço o que faço todos os



dias, ando até ela e envolvo meus braços em volta de seus ombros. Tenta empurrar-me para longe, mas não deixo.

— Cuidado com a boca, Denny. — Digo e vejo Mason se mover e colocar Hope em sua cadeirinha.

— Você está falando sério, Evan? Ela te estuprou, o agrediu e manteve seu bebê longe de você. — Diz olhando entre Kennedy e eu.

— Denny. — Começo, xingando a mim mesmo. — Kennedy não é a mãe biológica de Imogen, foi deixada aos cuidados de Kennedy. Ela é a irmã da mãe biológica.

Faz uma pausa, lágrimas enchendo seus olhos. — O quê?

— Ela não é a pessoa que fez o que você está dizendo. — Afirmo, não querendo usar o termo estupro.

— E você me deixa falar com ela assim? — Fica ofegante.

— Eu não pensei. Mas que porra, estou nervoso para caralho aqui. Não é todo dia que você descobre que é pai e em seguida, traz a mãe e a criança para viverem com você. — Digo a ela, acenando com as mãos no ar.

Honestamente é bom colocar toda esta merda para fora.

— Você a levou para sua casa? — Denny inspira, mas seus olhos estreitam-se no último minuto. — Tem certeza sobre tudo isso? Como sabe que não o está usando?

Sua atitude está começando a me irritar.



— Você vai mesmo falar sobre isso? Pelo que me lembro você e Mason não tiveram o melhor começo. Pelo menos quando Kennedy me encontrou, não ficou enrolando para me dizer que eu era o pai de Imogen. — Explodo, sentindo meu sangue ferver.

Como ousa?

Seus olhos ficam selvagens. Mason fica diante dela, sua postura rígida, ansioso por uma briga.

— Acho que você deveria ir. — Ele diz e meus olhos se estreitam nele.

— Não se preocupe, eu vou. — Respondo, então olho para minha irmã. — Eu queria que você fosse a primeira, a saber, a primeira a vê-la, mas estava errado. De todas as pessoas, nunca esperei que reagisse assim. Se não pode aceitar Kennedy e Imogen em sua vida, na minha, então não importo. Pode explicar a Hope, porque ela não vê sua prima e seu tio. — Digo, agarrando a cadeirinha do bebê e a mão de Kennedy. Não me incomodo em parar para consolar Denny quando a ouço chorar ou quando Mason diz algo para mim. Só continuo andando.

— Ei, cara! — Um dos irmãos de Mason chama seguindo na direção da casa.

Quando ele vê minha expressão facial, franze a testa, mas não diz mais nada. Fico feliz por não dizer nada, porque estou pronto para explodir. Depois de afivelar Imogen no carro, passo para o lado do passageiro,



abrindo a porta para Kennedy. Assim que entra, começo a afivelá-la como um idiota, mas sua mão alcança a minha me parando. Minha cabeça se levanta e vejo seus tristes olhos castanhos escuro. Estão cheios de lágrimas e eu sei que está lutando para segurá-las.

Incapaz de me conter, minhas mãos alcançam suas bochechas, meus polegares correndo levemente sob seus olhos quando a primeira de suas lágrimas cai. Nós olhamos nos olhos um do outro, nem um de nós capaz de encontrar forças para desviar o olhar. O silêncio de morte no ar torna-se demais e pisco, tirando minhas mãos de seu rosto.

O que quer que acabs de acontecer entre nós é algo para o qual nenhum está pronto.

Dirigir em silêncio começa a me enervar depois de cinco minutos. Estou prestes a romper o silêncio quando a baixa e doce voz de Kennedy preenche o carro.

— Eu sinto muito, sinto tanto. — Um soluço suave escapa de sua boca e estendo minha mão sobre o console do carro, pegando a dela na minha, imaginando qual o problema. Está fria sob meu toque quente e vejo-a tremer com o canto do olho. O que é intrigante é o fato de que sente necessidade de pedir desculpas. Não fez nada de errado. Eu não deveria ter levado nenhuma delas. Deveria ter falado com Denny sozinho primeiro e explicado tudo, não simplesmente ter despejado tudo de uma vez sobre ela.

— Não, me desculpe. Eu não sabia que ela iria julgar. Deveria ter



explicado por telefone ou ter ido vê-la sozinho primeiro. Não deveria ter submetido você a isso.

— Não quero que você se afaste de sua família. — Sussurra. — Não por mim, não pelo o que a minha irmã fez. Imogen não merece isso.

— Oi! — Digo suavemente, apertando sua mão. — Você está certa. Ela não merece isso, merece uma família que a aceita por quem é, não de onde veio ou como foi concebida. Tanto quanto odeio o que Vicky fez, tenho Imogen. Tenho você. — Digo a última parte um pouco acima de um sussurro.

Sua ingestão de ar me diz que me ouviu, mas algo dentro de mim faz com que não me importe. É a verdade. Há algo sobre ela que faz com que eu me sinta super protetor, que queira conhecê-la. Não é apenas por sua aparência, porque é gostosa. Mas é a forma como ama e adora Imogen. É o jeito que aceitou colocar Imogen em primeiro lugar, mesmo que isso significasse que estaria em perigo. Ela também é incrivelmente doce. Não xinga e o jeito que olha para mim. Porra! Apenas de lembrar o jeito que me olhou quando eu saí usando somente uma toalha esta manhã, faz meu pau se contorcer. Queria incliná-la sobre o sofá e tomá-la ali mesmo.

— Eu sei. Apenas sinto que de certa forma isso é culpa minha. Mas então, não importa o quanto pense sobre isso, iria aparecer de qualquer jeito em sua porta e lhe contar sobre Imogen.



— E nunca vai realmente entender como sou grato a você por isso. Também nunca entenderá como estou feliz que seja quem é.

Kennedy ri, me pegando desprevenido e eu não posso deixar de sorrir ao ouvi-la. É a primeira vez que vejo seu riso e seu rosto... Deus ela é bonita demais.

— O que você realmente quer dizer é que está feliz que não sou como minha irmã.

— Isso também. — Rio concordando. — Mas falando sério, apenas estou feliz por você ser a mãe da minha filha. — Admito, parando o carro na frente da minha casa.

Paro o carro e saio, deixando Kennedy sem fala. Dou a volta no carro exatamente quando Lexi sai de sua casa com o mesmo cara com que a vi da última vez. Quando ela me vê, dá um pequeno sorriso antes de rir alto com algo que seu encontro diz. Eu os ignoro e abro a porta de Kennedy, ajoelhando-me para falar com ela.

— Você está bem?

— Quer que eu seja a mãe dela? — Pergunta e quando vira seu rosto está manchado pelas lágrimas pesadas que caiam de seus olhos.

— Não, querida, você já é a mãe dela. — Digo honestamente.

Ela deixa escapar um soluço antes de lançar-se em meus braços. Estou feliz por ter sido capaz de tirar o cinto de segurança antes de fazer isso, caso



contrário, provavelmente teria machucado seus hematomas.

Ela se agarra a minha camiseta soluçando, lágrimas ensopando o tecido. Esfrego suas costas e digo-lhe que ficará bem. Quando olha para cima, seu rosto está perto do meu.

Tudo congela ao redor de nós e há somente nós dois naquele momento. Inclino-me para avaliar sua reação. Quando não se afasta tomo isso como uma sugestão e pressiono meus lábios nos dela. Eles são macios, carnudos e não me afasto. É quando sinto sua língua correr ao longo do meu lábio inferior que tudo nesse momento muda e o beijo lento e suave, torna-se quente e agressivo. Não posso trazê-la mais perto. Ela geme em minha boca e gemo alto, o zíper da minha calça jeans cravando na minha ereção.

Um choro alto enche o carro e nós dois saímos do abraço. A luxúria, desejo que estava sentindo um minuto atrás se evapora um pouco.

Nós viramos nossas cabeças levemente para Imogen como se tivéssemos acabado de perceber que ela está no carro, que é um fator importante em nosso relacionamento, antes de voltarmos a olhar para o outro. Abro a boca, mas não sai nada. Todo seu rosto está pálido o que faz com que seus lábios pareçam carnudos e vermelhos. Suas lágrimas já secaram, mas seus olhos ainda brilham com lágrimas.

Ela está linda.

Fico sem saber o que dizer. Limpo a garganta uma vez, duas vezes,



antes de encontrar a coragem para dizer algo e quando digo. — Vou pegar Immy. — É a primeira coisa que sai da minha boca. Gemo interiormente com o quão estúpido soou. Sou um idiota crescido que não tem dificuldade em falar para uma sala cheia de pessoas, fazer novos amigos ou qualquer uma dessas merdas. Nunca tive um problema para conversar com mulheres, de fato, elas geralmente iam para mim, mas com Kennedy, acho que tudo que aprendi com a experiência, foi apagado da minha memória. É como se tudo fosse novo, incluindo os sentimentos que evoca em mim.

Ela balança a cabeça e saio da frente indo até a porta de trás do lado do motorista para pegar Imogen. Quando chego do outro lado, meus olhos encontram Kennedy e o olhar de mágoa pelo encontro com minha irmã ainda está escrito em toda sua expressão. Não estou nem um pouco arrependido pelo modo com que falei com minha irmã. Precisava que ela soubesse que Kennedy e Imogen estão em minha vida agora.

Abrindo a porta, Imogen está agitada em sua cadeirinha e puxando suas orelhas quando olho para ela. Meu olho volta-se para Kennedy com preocupação e seu rosto fica pálido.

— Qual é o problema? — Pergunta contorno rapidamente o carro.

— Ela estava fazendo isso esta manhã. — Digo quando percebe a mesma coisa.

— Sim, os médicos disseram que está no processo de dentição. Tudo o



que li sobre isso diz a mesma coisa, mas ainda me preocupa. — Ela me diz, me movendo para o lado para soltar Imogen.

— Aqui, eu cuido disso. — Digo, movendo-a para fora do caminho, a minha mão em seu quadril. Endurece sob meu toque e me pressiono contra ela para testar as águas, amando a sensação de seu traseiro contra mim. Ela se derrete contra meu corpo como manteiga e não posso evitar sorrir com isso.

Depois de um segundo ou dois de desfrutar de tê-la pressionada contra mim, Imogen, mais uma vez começa a chorar e nós dois nos movemos para esquerda para deixar o outro passar e apenas acabamos batendo. Fazemos o mesmo novamente, só que desta vez, nos movemos para a direita. Rindo, seguro os quadris de Kennedy e ergo-a, virando-me e colocando-a atrás de mim como se não pesasse nada. Seus olhos estão arregalados e cheios de desejo, sua boca deliciosa está aberta em estado de choque.

Pego Imogen e sua bolsa de fraldas da parte de trás do carro antes de trancar e caminhar em direção a casa. Kennedy já tem a chave reserva pronta e está abrindo a porta quando chego lá.

Vejo sua bunda balançar de lado a lado em seu jeans justo e estou determinado a não ficar duro com minha filha em meus braços. Olho para cima quando entro e rezo para que possa passar a noite sem saltar sobre ela e tomá-la, fazendo-a totalmente minha. Agora que tive um gosto, meu corpo já anseia mais dela.



No minuto em que a porta se fecha atrás de mim meu telefone começa a tocar no bolso de trás. Pegando-o, olho para a tela e gemo.

Ela não podia manter sua boca fechada.

— Ei, vovó! — Respondo incapaz de esconder meu desconforto.

— Você tem algo a me dizer, meu jovem?

— Não posso acreditar que ela teve a coragem de ligar para você. Queria contar eu mesmo.

— Ela me ligou completamente em lágrimas. Agora, quero ouvir de você. — Diz com firmeza, não é um tom que estou acostumado a ter minha avó usando comigo.

— Resumindo, no meu último trabalho, antes do caso de Denny, estava drogado e fui molestado. Pouco mais de um mês atrás, a irmã da mulher que me usou veio bater na minha porta para me contar sobre Imogen, meu bebê de cinco meses de idade. A princípio, não acreditei, mas ela veio com um teste de DNA. Nós o enviamos para um laboratório e bam! O bebê é meu. As duas estão vivendo comigo e a mãe biológica está morta. — Digo apressadamente, odiando que esteja tentando me repetir. Ainda tenho que dizer ao meu pai, mas sei que Denny provavelmente telefonou para ele também agora. O pensamento me irrita. Ela sabia que eu gostaria de dizer aos outros, mas depois de sua reação, iria me afastar até que ela se acalmasse.

— Oh meu deus, docinho. Você foi estuprado? — Ela engasga e ouço lágrimas em sua voz.



— Não, vovó. Não vejo desta forma. Sim, fui molestado, mas não me sinto como uma vítima. — Digo, olhando para Kennedy e revirando os olhos. Ela me dá um pequeno sorriso antes de se acomodar no sofá com Imogen e uma mamadeira. Sinto-me como merda porque está alimentando a bebê. Ela precisa de uma pausa. Ainda parece cansada, desgastada e dolorida da porra do ataque. Mesmo depois de dormir a maior parte do dia de ontem.

— Você está me ouvindo? — Minha avó pergunta, fazendo-me saltar.

— Desculpe olhe eu preciso ir, tenho outra ligação. — Minto.

— Estou indo para aí esta semana. Não pense em inventar desculpas. Chegarei quando você menos esperar. — Avisa.

Sim, provavelmente chegará às cinco da manhã, só para garantir que não escapemos ou inventemos alguma desculpa esfarrapada.

— Ok, eu te amo. — Digo a ela.

— Também te amo. E Evan?

— Sim?

— Mal posso esperar para conhecer Imogen. — Ela diz baixinho. Um sorriso irrompe em meu rosto por ter sua aprovação. Ela termina a ligação e olho para o telefone, ainda sorrindo. Apenas minha avó poderia me fazer sorrir quando ainda estou irritado com Denny e a merda que saiu de sua boca.



Quando meu telefone toca novamente acho que é minha avó de novo, mas quando olho para o telefone é William e meu coração para.

— Sim?

— Você precisa vir, agora! — É tudo o que diz, antes de terminar a ligação.

Meu olho imediatamente volta-se para Kennedy. Ela está aqui e segura. Mas a sensação na boca do meu estômago me torce por dentro dando-me um mau pressentimento sobre todos esses negócios de Damon.



CAPÍTULO DEZ

KENNEDY

A casa está tranqüila agora que Imogen está dormindo e que Evan foi à central para resolver este negócio em que minha irmã me envolveu. Não vou mentir, estou com muito medo. Com medo de que isso piore as coisas para mim e Imogen, mas então percebo que nada poderia ser pior do que ele a tirar de mim. Damon White é definitivamente uma má pessoa e se Evan está preocupado, então estou apavorada. Ele não parece ser o tipo de pessoa que fica preocupada por nada. É forte, de boa aparência e beija muito bem. Também é incrivelmente atencioso com Imogen e tem sido generoso e bom para mim. Mencionei que é um beija bem?

Fico impressionada com o fato de que ele beija muito bem. Ainda posso senti-lo em meus lábios. É incrível como um momento e um beijo, fazem meu mundo inteiro mudar em um instante. Soube naquele momento que Evan significava algo para mim, mais do que pai da minha sobrinha, não, pai da minha filha.



Evan

Ainda estou em choque com toda a conversa que tivemos anteriormente em seu carro. Suas palavras, o significado por trás delas, sempre ficarão guardadas em minha memória. Ele pensa em mim como sua mãe... Vamos apenas dizer que nunca me senti tão oprimida em toda minha vida. Estou muito feliz e quero gritar *é minha* o mais alto que meus pulmões conseguirem, mas em seguida, por outro lado, quero me esconder no quarto de Evan e chorar até que o sol se levante de manhã. Tudo parece estar acontecendo tão rapidamente e isso está me aterrorizando.

Minha vida era chata antes de Vicky aparecer grávida. Nós quase não falávamos uma com a outra. A única vez que respondia às minhas ligações ou me chamava era quando estava com problemas e precisava da minha ajuda. Nunca lhe dava dinheiro. Sabia para onde iria. Não queria ter participação na morte dela.

Faço para Evan e para mim um jantar enquanto espero por ele. Quando não chega às seis como disse, como sozinha, mas meu apetite parece sumir com minha preocupação.

São quase oito horas quando a porta finalmente se abre e ele entra com um olhar severo e acabado. Imediatamente senta-se no sofá onde estive descansando durante a última hora assistindo alguns seriados.

— Está tudo bem? — Pergunto meu coração batendo rápido. O olhar que me dá diz tudo que preciso saber. Isso não será uma boa notícia.



— Tem algo que preciso te dizer. — Diz sombriamente, sentando-se no sofá ao meu lado.

— Ah não! O que foi? O que aconteceu?

— Damon foi solto. Ele tem um álibi que a polícia confirmou e sem qualquer outra evidência, não podem mantê-lo preso.

— Oh meu Deus. O que vai acontecer? Não menti para você, Evan. Era ele. — Choro, sentindo as lágrimas caírem em minhas bochechas. Continuei chorando. É tudo que pareço fazer ultimamente.

— Eu sei que não está mentindo. A polícia sabe que está dizendo a verdade, mas Damon é convincente. Ele sabe como manipular todos ao seu redor. Sempre conseguiu manter-se um passo à frente da polícia. Acho que sabia que você iria à polícia.

— Então, o que acontece agora? Espero ele fazer alguma coisa comigo e Imogen? — Choro. — Poderia ficar pior. — Soluço em minhas mãos.

— Hum sim, poderia. Isso não é tudo o que precisava falar com você. Poderia ou não ter ficado quieto, mas ele sabe que você está aqui, comigo.

Minha cabeça se vira para Evan e suspiro. Seu olhar é de arrependimento e sei que é sincero, mas tenho que levar Imogen para algum lugar seguro.

— Preciso manter Imogen segura. Ele pode fazer o que quiser comigo,



mas não posso arriscar Imogen, Evan. — Digo freneticamente. Levanto-me pronta para ir, mas me puxa de volta para baixo e me coloca em seu colo. No início, não registro, estou muito ocupada tendo um ataque de pânico sobre Damon e pensando em deixar Imogen segura. Então, quando o sinto endurecer debaixo de mim me mexo, minha respiração saindo curta e rápida. — Oh Deus. — Sussurro, mas sai como um gemido.

Evan solta um gemido que vem do fundo de sua garganta, o som envia um formigamento entre minhas pernas. Passou-se um longo tempo desde que estive com alguém sexualmente. Tê-lo tão perto, estar excitada, não faz nada para manter minha mente focada.

— Não vou deixá-lo machucar você ou Imogen. Acho que ele sabe disso e esperamos que recue. Deve saber que não pode foder com ninguém da minha equipe. — Ele diz com convicção.

Viro-me, olhando em seus olhos bonitos. — Mas e se você não puder? Honestamente não me importo com o que acontece comigo, mas se alguma coisa acontecer com Imogen, nunca seria capaz de me perdoar.

Seu rosto se aproxima sua respiração soprando em meu rosto, fazendo com que minha respiração fique pesada. — Não sei o que o futuro nos reserva, Kennedy, mas você e Immy, desde que chegaram, passaram a significar algo para mim. Pode não se importar com o que acontece com você, mas eu me importo.



Sento em seu colo surpreendo-o completamente sem falar uma palavra. Nunca tive ninguém falando assim comigo ou me dizendo que iria cuidar de mim do jeito que ele fez.

— Nós não sabemos nada um do outro. — Sussurro honestamente. Embora, não possa negar o fato, sinto que o conheço durante toda minha vida. O homem bonito, robusto e tatuado, me deixou de joelhos. Não deveria estar tão chocada. Chamou-me a atenção no segundo em que coloquei os olhos nele.

— Sabemos o suficiente, isso é tudo o que importa. — Diz, mas depois faz outra coisa que me choca ainda mais, me beija. E assim como no início, meu corpo se aconchega ao seu abraço e se agarra a ele bem apertado. Seus lábios são mais cheios do que os meus e o cubro com beijos profundos, sua língua sensualmente se move em sincronia com a minha.

Meu corpo se move quando suas mãos tocam meus quadris e em vez de sentar em seu colo, estou montando-o, ambas as pernas dobradas nos lados dele. Ele se encosta para trás contra o sofá e o sigo, meus lábios não se afastando. Isso é tão bom.

Minhas mãos movem-se sobre os ombros fortes, grandes e não posso deixar de admirar a força e dureza deles. Parece de pedra, juro. Já sabia que tinha os músculos bem definidos, mas senti-lo com minhas próprias mãos provoca um fluxo de umidade entre as minhas pernas.

— Nós não deveríamos fazer isso. — Murmuro quando me afasto, meus



olhos nunca se desviam de seus lábios inchados. Seu olhar é convidativo e me vejo aproximando mais uma vez para tocar os lábios dele. Não posso ter o suficiente. Nunca senti essa satisfação apenas beijando alguém, não que tivesse muita experiência, mas o pouco que tive, beijando, sempre me entediou. Até agora.

Meu último namorado fumava e achava que eu gostava. Isso era o quão ruim a minha experiência com o beijo era.

Ele se afasta, os olhos cheios de desejo e encobertos com luxúria me olhando. — Esta é uma idéia brilhante. — Sorri um pouco antes de se mover, tocando meus lábios novamente. Suas mãos deslizam dos meus quadris para minha camiseta, as pontas ásperas dos seus dedos correrem contra minhas costelas, até que seus polegares estão tocando levemente abaixo dos meus seios. Minhas costas formam um arco com seu toque, querendo puxá-las para baixo, para as taças do meu sutiã e parar a dor que causou aos meus seios.

Imaginá-lo me tocando tão intimamente provoca um jorro de umidade entre as minhas pernas e começo a esfregar meu sexo contra sua ereção quando a dor se torna demais para suportar.

— Temos que pensar em Imogen. Se der errado ela pode se machucar. — Digo a ele com nossos lábios colados. Ele se afasta e sinto meus ombros curvarem. Mesmo sabendo que está se afastando por Imogen, não posso deixar de sentir a tristeza que se arrasta dentro de mim. Nós não nos conhecemos há muito tempo. Quem dorme com alguém que mal conhece? Mas então penso sobre as pessoas que ficam



juntas por uma noite. Quer dizer, a maioria dos casais não conhece uns ao outro quando se unem fisicamente, o que não quer dizer que começaram muito rápido. Todo mundo tem que começar seu relacionamento por algum lugar.

— Sim, *nós* temos Imogen e como disse antes, não posso prever o futuro, mas posso prometer, não importa o que aconteça, nós dois estaremos na vida de Imogen. Você está pensando demais. Basta sentir, Kennedy. Não se afaste pensando que irei jogar um pouco mais com você. E se acontecer de não dar certo, é porque foi destinado para ser assim? E se isso acontecer e tudo funcionar muito bem? Há sempre outras opções para seguir Kennedy, mas preciso que você faça a sua escolha e diga qual é. Estou duro como pedra e tenho estado desde o momento em que bateu na minha porta mais de um mês atrás. — Ele sorri, olhando para mim.

Fico olhando para ele, chocada com sua honestidade. Quem teria pensado que Evan iria querer uma garota como eu. Mas é mais do que isso. Está disposto a lutar por nós. Posso dizer que sentiu cada palavra. O olhar em seus olhos é pura honestidade. E está certo. Eu poderia optar por não ver aonde nossa atração vai e perder o que poderia ser a melhor coisa que já aconteceu ou poderia me perder em nossa atração e acabar com tudo o que quero.

Aceno com a cabeça concordando e rezo para não estragar tudo, independente do que seja isto que está começando entre nós. Não é como se ele realmente mencionasse um relacionamento, mas não posso me esconder de tudo. Minha necessidade



por ele está apenas aumentando a cada toque de seus dedos.

Beijando-o profundamente, suspiro em sua boca. Preciso de mais. Penso que estamos indo para mais do que beijar, fico surpresa quando Evan se afasta de mim, olhando com uma expressão suave. Beija a ponta do meu nariz antes de se afastar e ficar me admirando.

— Como está se sentindo? — Pergunta com preocupação.

— Com tesão. — Digo, então gemo, inclinando-me para frente e escondendo o rosto na curva do seu pescoço. — Não posso acreditar que disse isso em voz alta.

Ele ainda está rindo quando levanta a mão, levantando meu queixo para que possa olhar para ele. — Nunca tenha vergonha de me dizer o que está pensando. Amo poder fazer você ficar confusa. — Ri e meu se rosto aquece. — Estou perguntando sobre este assunto de Damon.

— Oh... — Rio, sentindo minhas bochechas ruborizarem. — Acho que estou bem. Estou chateada e com medo de que ele fuja depois do que fez e me preocupo com o que fará a seguir, mas também sei que não há nada que possa fazer. Não tenho o dinheiro que quer, mesmo que vendesse tudo que possuo. Tudo o que posso fazer é esperar e ver o que acontece. Se ele é tão ruim quanto você diz, então espero que seja pego por outra coisa e fique longe por um longo tempo.

— Apenas me prometa que sempre se manterá atenta a tudo ao seu redor. Você não foi trabalhar nos



últimos dias, então imagino que voltará em breve.

— Oh, tenho a semana de folga. Pensei que tivesse mencionado isso para você. — Digo, pensando em algumas das conversas que tivemos, mas não fui capaz de me lembrar de ter dito.

— Ah, então tenho você para mim por mais alguns dias? Quer fazer algo com Immy? Sei que ela é novinha, mas vamos tirar fotos para que possa vê-las quando for mais velha. — Sorri como uma criança e não posso deixar de sorrir de volta. Aceno minha cabeça. — Sim. — Mas antes que tenha chance de fazer qualquer outra coisa, ele me agarra pela cintura e me move tão rápido que nós dois estamos deitados lado a lado olhando a televisão. — Agora, vamos ver algo antes que Immy acorde.

Em silêncio, porque estou muito atordoada por estar em uma posição tão íntima, pego o controle remoto e clico no cardápio para ver o que está passando. Quando me deparo com CSI clico sobre o canal. Evan aperta meus quadris, se inclina e me beija no pescoço antes de se afastar contra o sofá.

Pode parecer estranho para alguns, mas relaxar e ver televisão com Evan pode ser minha nova coisa favorita para fazer. Seu corpo grande envolvendo o meu, me faz sentir pequena, segura e protegida. Ele parece um gigante. É um sentimento que poderia me acostumar, depois de viver por conta própria por tantos anos, sentindo medo do que poderia acontecer comigo. O bairro onde vivo - *vivia* - não era o mais seguro. Isso causou certa ansiedade ao longo dos anos.



Três dias depois, apenas um dia antes de ter que voltar ao trabalho, ouve uma batida na porta.

Fico atordoada por um segundo, preocupada por alguém estar disposto a sair com este tempo. Está chovendo, trovoando e com relâmpagos soando nos últimos dois dias. É por isso que não fui capaz de ir para o jardim zoológico como planejado com Imogen. Ele foi fechado devido ao clima.

Não que fosse levá-la com este tempo, morreria se saísse. Estava congelando lá fora e os ventos eram terríveis. Soprava do lado de fora espalhando o lixo por toda a rua.

Evan foi à loja comprar fraldas, lenços e outros itens essenciais que precisaríamos para os próximos dias, então não tiveram que sair com ele.

Batem na porta novamente e eu a abro, algo que não fico muito feliz em fazer depois de tudo que aconteceu com Lexi.

Quando abro, uma mulher pequena de cabelos brancos está lá segurando algumas sacolas. Ela está ficando molhada e me sinto mal, mas não sei quem é.

— Hum, posso ajudá-la? — Pergunto gentilmente.



— Bem, você não está com boa aparência. — Ela me diz, deixando-me atordoada. Que porra está acontecendo? Olho em volta procurando câmeras escondidas ou talvez Damon. Ele poderia usar esta velhinha gentil para me atrair para fora e iria funcionar porque sei que não iria dizer não a ela. Mas sua atitude? Deixa-me com vontade de rir. Você nunca esperaria que uma mulher da idade dela soltasse um comentário tão brusco.

— Desculpe-me? — Pergunto apesar da chuva. Imogen começa a chorar em seu berço e olho para a mulher, pensando sobre o que fazer. Não quero fechar a porta com ela fora e neste tempo. Mas como disse, não sei quem é para deixá-la entrar.

— Essa é minha neta? — Murmura, passando por mim. As pilhas de sacolas que está carregando me atingem no estômago, onde ainda estou machucada pelo ataque de Damon e estremeço de dor.

— Sinto muito, mas quem é você? — Então faço uma pausa, suas palavras me atingindo como um caminhão. É a avó de Evan. Oh meu Deus. E não a convidei para entrar. Foi terrível da minha parte. Ela vai me odiar ainda mais agora, pensando que sou mal-educada.

— Deixe-me ir buscar... — Começo, mas ela joga suas sacolas e se vira para mim.

— Não querida, você vai sentar, colocar os pés para cima enquanto vou buscá-la. Aposto que meu neto



está acabando com você no quarto. — Ela pisca antes de me deixar olhando para suas costas.

Ela acabou de dizer o que acho que disse?

Oh meu Deus! Ela acha que estou dormindo com Evan. Caramba. Pensa que sou uma vadia. Endireito minhas roupas e desejo ter feito um esforço maior esta manhã quando me vesti. Acabei puxando minha calça e meu grande pulôver creme que cai de meu ombro. Meu cabelo está preso em um coque bagunçado e não me incomodei em passar uma maquiagem. Quase não uso de qualquer maneira.

Besteiras.

Ela deve ter visto os hematomas que ainda são visíveis no meu rosto. Evan jurou que vai desaparecer em breve, mas continuam fortes para mim. A cor é a única coisa que mudou. Estou feliz que o inchaço diminuiu. Sinto-me um pouco melhor.

Quando a ouço falando com Imogen sinto um estalo em meus pensamentos e corro para frente do sofá. Evan e eu estávamos assistindo alguns filmes e comendo porcarias antes que ele saísse, todos os sacos estão espalhados pelo chão.

Rapidamente pegando os sacos vazios, empurro-os dentro do pacote de Doritos. Em seguida, pego os copos e levo para a cozinha. Retorno a tempo de ver a senhora descer o corredor carregando Imogen. Estou surpresa por ela ter parado de chorar. Ela dormiu por meia hora, mas não quis acordá-la. Além disso, aprendi no tempo que passei aqui



que Evan adora alimentá-la. Adora fazer tudo na verdade, mas vejo aquele olhar em seus olhos sempre quando pensa que não estou olhando, quando estou alimentando-a. Parece que quer tirá-la dos meus braços, mas na maior parte é como se ele se sentisse sozinho por não a ter em seus braços. Rio só de pensar nisso.

Rapidamente coloco a mamadeira na água quente para aquecer quando batem na porta da frente. Olho para a senhora que ainda não sei com certeza se é a avó de Evan e sorrio.

— Você pode olhar a mamadeira apenas por um segundo, por favor? — Peço timidamente.

— É claro. — Sorri de volta e começa a falar com Imogen sobre algo.

Abrindo a porta, vejo a vizinha de Evan parada sob um guarda-chuva. Não é a primeira vez que aparece desde o dia em que descobriu sobre Imogen. Na verdade, se eu fosse honesta, acho que ela fazia isso de propósito.

— Um ei. — Sorrio, não sei o que dizer. Ela está sempre falando com Evan quando aparece então me sinto desconfortável parada aqui.

— Evan está? — Pergunta e parece que está com problemas, me deixando curiosa.

— Não, ele saiu. Posso te ajudar? — Pergunto, então olho para baixo para encontrá-la usando um vestido.



Tentando não parecer uma cadela, mas porque na terra você usaria um vestido neste tempo? Teria sorte de não pegar um resfriado ou uma pneumonia.

— Não. Pode dizer-lhe que preciso falar com ele, logo que voltar, por favor? É uma emergência. — Pede gentilmente e sorrio acenando com a cabeça. Quando ela se vira grito seu nome, chamando-a de volta. Em vez voltar, sendo educada, simplesmente para e vira, olhando-me com curiosidade.

— Se é uma emergência tem certeza que não posso ajudar?

— Confie em mim, você não pode. — Responde antes de sair.

— Gostaria de ver sua conversa com aquela. Ela está, obviamente, tentando roubar seu homem. — A senhora fala atrás de mim, me fazendo saltar e gritar.

— Desculpe você me assustou. Sou Kennedy a propósito. — Digo a ela, apresentando-me, esperando que se apresente também.

— Eu sou a avó de Evan. — Diz e gemo interiormente. Não posso chamá-la de avó de Evan. Preciso saber o nome dela. Estou prestes a perguntar-lhe o nome quando ela olha para cima de Imogen e sorri. — Você pode me chamar de vovó ou Mary. Ambos são bons para mim.

— Prazer em conhecê-la, Mary. — Sorrio, agradecendo a Deus por responder às minhas orações. Fecho a porta atrás de mim e vou para a sala, seguindo Mary.



— Não quero parecer rude querida, você parece uma menina doce e tudo, mas está usando Evan?

— O quê? Não! Por que acha isso? — Pergunto, sentindo minha garganta se fechar. Será que toda sua família fez suposições sobre mim apenas por causa da minha irmã?

— Porque querida, você tem contusões em seu rosto que me dizem que está em apuros e parece muito coincidência que aconteça ao mesmo tempo em que Evan descobre sobre Imogen.

— Oh... Hum... Não! Não sou assim. — Mas senti que precisava me afastar. Digo a ela com firmeza. Minhas mãos estão tremulas, mas limpo minha garganta e sigo em frente. — Quando Imogen nasceu não sabia nada sobre Evan, quem era, onde morava ou qualquer coisa. A única coisa que minha irmã disse sobre ele é que era um rato e não queria saber do bebê. Não tinha razão para duvidar da minha irmã. — Meio que menti. Tudo o que saia da boca da minha irmã não dava para acreditar. — Apenas descobri seu nome quando minha irmã morreu e procurei por ele. Então enviei uma carta. Imogen ainda estava no hospital e todo meu tempo era dedicado a ela. Escrevi mais de uma vez, nunca tive uma resposta. Então vim aqui. Você sabe o resto. Ele fez o teste de DNA que pedi o que devo acrescentar, eu paguei. Quando apareceu no meu apartamento foi no mesmo dia em que fui atacada, ameaçada e estava com medo, não apenas pela vida de Imogen, mas também pela minha. Parece que minha irmã me deixou com mais do que Imogen quando morreu, agora estou pagando



por uma dívida dela. Se não pagar, ele venderá Imogen. Essa é a razão pela qual estou aqui e a única razão. — Digo a ela, mas quando as palavras deixam minha boca sei que são mentiras. Estar aqui pode ter começado porque queria proteger Imogen, mas agora também fico para descobrir aonde isto vai nos levar.

Realmente gosto dele. E passar os últimos dois dias com ele apenas intensificou esse sentimento.

— Bem, não acredito que essa seja a única razão pela qual você está aqui. — Ela pisca, me deixando receosa novamente.

Sério! Ela basicamente me acusou de estar aqui por razões alternativas, mas em seguida, quando explico, responde com isso? Ela está fora de seu juízo.

Felizmente batem na porta novamente, mas desta vez ela é aberta segundos depois. Sigo para minha cadeira vendo um Evan molhado entrar. Não vejo nada mais do que isso porque estou muito ocupada o olhando. Seu cabelo preto está todo molhado e as gotas escorrendo pelo rosto, ao longo de seus lábios antes de cair no chão. Meus olhos são capturados por uma única gota que está escorrendo de seu lábio superior. Tenho que lutar contra o impulso de ir até ele e lamber as gotas de chuva que caem. Seu olhar é quente para caramba e não posso deixar de olhar.

Ele limpa a garganta, ganhando minha atenção e me dá um sorriso e uma piscadela. Abre a boca e espero que diga algo sexy, no mínimo, mas então se vira e franze a



testa ao ver sua avó sentada alimentando Imogen.

— Vovó, o que você está fazendo aqui? — Pergunta, mas não espera por uma resposta antes de se voltar para mim. — E eu queria alimentar Immy. — Faz um beicinho. Sim, uma falsificação de beicinho. Muito bonito.

— Bem Evan, é bom vê-lo, também.

— E quem é este? — Pergunta ele, apontando o polegar para trás. Meus olhos se voltam para trás e encontram um homem parado na porta olhando envergonhado. Esta com um sorriso em seu rosto, seus olhos olhando para Mary.

— Nós somos amigos de sexo. — Ela ri e Evan geme cobrindo o rosto com as mãos.

Eu olho de boca aberta para Mary para ver se está brincando, mas o olhar em seu rosto enquanto olha nos olhos do homem atrás de Evan diz que não está.

Sinto-me mal por ele. Ninguém da sua idade deveria ter relações sexuais. Não é certo. Odiaria ser Evan agora. Ela é sua avó. Mas mesmo assim, não posso evitar e segurar a risada que escapa da minha boca. Evan me envia um olhar de advertência que me faz sorrir mais ainda.

— Por favor, vovó. Apenas... Simplesmente não fale sobre qualquer coisa a ver com outros homens.

— Bem, só tive um caso com uma mulher uma única vez, mas eu



estava bêbada demais para lembrar, por isso não posso falar sobre mulheres. — Ela encolhe os ombros.

— Jesus. Porra, vovó. — Seu tom abaixou antes de assustar a pobre Immy e eu.

— Bem. Agora você pode se sentar e me dizer como está ajudando a minha menina. — Exige toda séria.

— Que porra você está falando? — Pergunta pegando sua jaqueta e sentando-se no braço da minha cadeira. Afastei-me um pouco e ele percebeu. Em vez de sentar-se ao meu lado, desliza para mais perto, me levanta e me coloca sobre seu colo. Sou tímida. Quer dizer, sua avó está bem na nossa frente.

— Peter, venha querido e sente-se. — Diz para ele tocando no sofá. O homem, que deve ser da mesma idade de Mary, se não mais jovem, senta-se ao lado dela e coloca a mão sobre sua perna.

— Oi, guarde as mãos para si mesmo. — Evan fala fazendo Mary rir. Apenas fico quieta, fascinada por tudo. Isto é muito estranho e não parece com a família na qual cresci.

Peter move as mãos com o cenho franzido e as coloca em seu próprio colo. Mary dá a Evan um olhar, mas não discute com ele.

— Agora vovó, explique. — Ele exige.

— Bem, estava falando com Kennedy e ela explicou sua situação. Agora quero saber o que você está fazendo para manter nossa menina e minha



netinha segura. — Explica e meu peito se expande, ela está fazendo um show para Evan, porque alguns minutos atrás não davam para ter certeza se gostava de mim, agora está me chamando de sua menina?

— Estamos lidando com isso. — Ele geme e olha para mim com um olhar que não consigo identificar. Provavelmente, está me dizendo silenciosamente que deveria ter ficado quieta, mas em seguida, se soubesse o que ela me perguntou, provavelmente iria entender. Não que eu diria, pois já discutiu com um membro da família para me defender, não estou falando mais nenhum outro argumento. Acredite ou não, realmente quero que Imogen cresça tendo uma família amorosa ao seu redor. É algo que nunca tive. A família em que cresci depois que meus pais morreram foi boa o suficiente. Mas no minuto em que eu fiz dezesseis anos estava por conta própria.



CAPÍTULO ONZE

EVAN

De todos os dias que minha avó tinha para aparecer, tinha que ser no dia em que decidi fazer um movimento em Kennedy. Eu dei uma desculpa para ir buscar alguma merda na loja, que precisava, mas queria comprar preservativos.

Ela estava lentamente me deixando louco ao longo dos últimos dias com suas curvas, pequeno corpo, os seios dela, o cabelo, o jeito que ela falava tão baixinho e o jeito de mãe com Imogen. Algo sobre vê-la cuidar de Imogen me excita. Isso me faz querer vê-la com uma barriga arredondada, pés descalços e cozinhando em nossa cozinha.

Estou oficialmente louco.

É a única explicação lógica que eu posso ter para todos esses pensamentos correndo pela minha mente.

Estive preparado para pular nela assim que entrei pela porta, não sendo capaz de me conter mais um



segundo. Mas então voltei para a casa e tudo foi direto pela janela. Um homem bateu na porta quando entrei. Ele estava lá com minha avó. Mas ainda assim, num primeiro momento, me vi perguntando quem ele era e por que estava ali.

Em seguida, ainda por cima, minha avó não só estraga o meu momento para seduzir Kennedy, mas arruína a minha vida sexual para sempre quando menciona a sua própria. Ela sempre foi assim. A mulher não tem filtro. Eu a evito a todo o custo, mas ela é a pessoa mais gentil, mais amorosa e leal que jamais poderia conhecer e eu a amo. Ela sempre esteve lá para nós, especialmente para Denny, já que éramos pequenos. Ela sempre podia ver através de tudo o que acontecia em casa e sabia que eles fizeram um inferno a vida de Denny, embora vivesse a horas de distância, ainda tentou o seu melhor para fazer as coisas melhor para nós dois.

— Então ele não vai machucá-la? Porque estou te dizendo agora, Evan Smith, se ela se machucar... Novamente, vai me matar. Meu coração não aguenta mais. Após o ataque de Denny eu não sou a mesma. — Vovó me fala com uma cara triste e eu oficialmente me sinto como merda. Sempre esperei que minha avó sobrevivesse a todos nós.

— Vovó prometo isso está sobre controle. E você já checou seu coração? — Pergunto gentilmente e Kennedy dá a minha coxa um aperto. Eu viro dando-lhe um sorriso encorajador antes de voltar para minha avó.

— Acredite em mim, sua avó tem anos sobrando nela, filho. Ela tem



mais resistência do que qualquer mulher que eu conheci quando tinha sua idade. — Peter se gaba, piscando para mim.

Porra piscou para mim.

Ela é minha avó, imbecil.

Eu rosno de raiva, mas vovó ri e coloca a mão na porra coxa de Peter, dando-lhe um aperto. — Por que você não pega as sacolas, querido, elas estão perto da porta. — Ela diz sorrindo.

Ele se levanta como um bom cão de colo, agarrando uma centena de sacolas do hall.

— Que porra? — Eu pergunto, vendo marcas de bebê na maioria das sacolas.

— Por que você não termina de alimentar Imogen enquanto eu mostro o que tenho? Ela precisa ser distraída. — Vovó pergunta, sorrindo para Kennedy. Kennedy se levanta e eu a sigo, rapidamente agarrando-a pelos quadris para fazê-la se sentar de volta. Chuto com o pé o lado da cadeira onde está sentada antes de caminhar, rapidamente agarrando Immy.

— Ei princesa, você gostou do encontro com a vovó? — Eu murmuro, sorrindo para ela.

Ela não faz um barulho, mas isso não me incomoda. Ainda é tão pequena e eu sei que está um pouco atrasada em seu desenvolvimento. Não me importo embora, sei que terá sucesso no futuro. Com muito



trabalho e bons pais ela vai fazê-lo. Estou certo disso.

— Agora, trouxe isso para Kennedy. — Vovó começa a puxar para fora alguns tampões de ouvido.

— Vovó! — Eu grito ofendido. — Ela não vai ignorar Immy quando chorar.

— Esse não é o motivo porque darei a ela. Eles são para que ela não tenha que perder o sono ouvindo você roncar. — Ela se remexe, mas parece divertida. Olho para Kennedy para obter ajuda. Para ela contar a minha avó que eu não ronco, mas apenas ri mais forte. Eu lhe envio um olhar e volto para vovó. Não posso deixar de me perguntar se o faço. Não é como se eu pudesse saber. Mas ainda assim, Kennedy e eu tivemos que dividir a cama por causa do frio na sala nas últimas duas noites. O aquecedor quebrou então apenas os dos quartos funcionavam.

— E isto é para você, mal-humorado. Esperemos que o animem. — Vovó pisca, em seguida joga uma caixa aos meus pés. Eu olho horrorizado e peço a Deus para poder escondê-los antes de Kennedy ver. Eu sei que é muito tarde, quando ela engasga com a risada.

— Fico feliz que alguém ache engraçado. — Eu resmungo olhando horrorizado para a caixa de preservativos, mas apenas a faz rir mais forte.

— Peter disse para que você consiga algum lubrificante. Que os jovens de hoje amam totalmente os negócios na porta de trás. — Ela afirma e eu



engasgo com suas palavras. Engasgo tão forte que Kennedy tem que pegar Immy de mim para terminar de alimentá-la.

— Jesus, vovó. Você não poderia ter me comprado um relógio? — Eu gemo. Ela costumava comprá-los para mim como se eu fosse uma criança, até mesmo quando eu já era detetive bem-sucedido, o que é fodão se eu for falar de mim mesmo, ainda me daria em aniversários e Natais. E cada um teria algum personagem de desenho animado estúpido sobre ele, algum sábio ditado no visor ou na parte de trás do relógio.

— Desculpe. Denny me disse para ir mais devagar, mas eu só quero ficar *com* a multidão. Não quero ser uma daquelas velhas mal-humorada, tricotando, senil, que precisam de ajuda para limpar sua própria bunda e descobrir o que de novo está acontecendo no mundo, lendo um jornal chato.

Ela está tentando amenizar e vou dar isso a ela. Quero rir, mas só vai lhe dar mais munição, como Kennedy está fazendo agora, rindo. Dou-lhe um olhar, mas só fica vermelha, olhando para seu colo.

— Vovó, um dia você vai estar em uma casa... — Eu começo, precisando que ela entenda.

— Oh jovem garotinho, vá lavar sua boca. Se estiver em uma casa de repouso, você e meus netos irão comigo e seus cônjuges, seus filhos e cada filho da puta que eu conheço. A única maneira de me levar para uma daquelas casas para velhos é quando meu corpo for pedra fria e a sete palmos do chão e mesmo



assim será contra a minha vontade.

— Sério, apenas pare. — Rebato, sentindo uma dor de cabeça se formando.

Ouço-a falar sobre tudo o que comprou, explicando cada roupa e brinquedos para nós. Isso está me deixando louco, mas Kennedy não parece se importar. Quando ela começa a falar sobre Imogen ser batizada, eu sei que é hora de dizer adeus.

Se e quando nós decidimos batizar Imogen, quero que seja uma decisão minha e de Kennedy, não porque a minha vó está nos forçando.

— Foi muito bom conhecer você, querida. Prometo entrar em contato com Denny e explicar tudo. — Ela sussurra para Kennedy, pensando que não posso ouvir. Dou-lhe um grunhido e a empurro mais para fora da porta.

Quando eles saem, fecho a porta atrás de nós e me inclino para trás contra ela, respirando fundo. Parece como se eu estivesse prendendo a respiração desde que o assunto da caixa de preservativos saiu.

A porta bate atrás de mim e olho para Kennedy com os olhos arregalados.

— Talvez se nós fingirmos que não estamos aqui ela vá embora. — Eu sussurro para Kennedy, me perguntando o que a traria de volta aqui.



Kennedy ri e me empurra para fora do caminho para abrir a porta, mas logo para quando ela vê quem está do outro lado.

Que porra é essa?

Olhando através do batente da porta, minhas mãos vão automaticamente para a cintura de Kennedy. Lexi está lá na chuva. Ela parece triste, perdida e eu não posso pensar diferente, mas não sinto pena dela. Sinto que me empurrou como um amigo, quando começou a namorar. Desde que Kennedy se mudou, Lexi tem vindo por aqui mais e mais, me pedindo para consertar algo em sua casa. Mesmo que eu não seja o proprietário, ainda o faço, mas não sou um idiota completo e é o suficiente. O que mais poderia quebrar em sua casa?

— Oh, oi Lexi.

— Você não foi. — Ela afirma infeliz e eu olho confuso quando ouço um sussurro; - *falsa* - diz Kennedy. O fato dela não xingar é muito quente, mas substituir a palavra é hilário. Quando ela diz *OH MEU DEUS* eu tenho que lutar contra as lágrimas de tanto rir.

— Desculpe, tivemos visitas. Eu ia falar para ele. — Kennedy explica brilhantemente, mas posso perceber a acidez em seu tom.

Essa é minha garota com ciúmes? Estou sorrindo por dentro só de pensar.

— Não tem problema. — Lexi responde e eu desvio o olhar de Kennedy para perceber o olhar



engraçado que estava dando a Kennedy. Parece que perdi alguma coisa durante a semana passada que não deveria ter perdido.

— O que você precisa? — Eu pergunto, mantendo a voz agradável, mesmo quando quero gritar com ela para sair. Fizemos Immy dormir dez minutos antes de vovó e seu amigo saírem, então nós temos algumas horas, no máximo, antes que ela acorde. Eu não quero ter que gastar esse tempo com a fixação de um trinco de uma janela suja. Quero passar com minha mulher debaixo de mim gritando meu nome.

— A hum, a pia está vazando. Eu não posso fazê-la parar. — Ela me diz sorrindo, mas parece mais com um encolher de ombros.

A mudança no seu estado de espírito me surpreende e eu rapidamente olho para o relógio percebendo que ainda é antes das cinco. A loja ainda estará aberta. — Eu tenho o número de um encanador local. Ligue para ele e vou pagar a conta. — Digo a ela, prestes a me virar para pegar o cartão da minha carteira.

— Tenho certeza que não é nada. — Ela sai correndo. — Você pode levar cinco minutos para olhar? — Pergunta ela, seu tom suplicante. Olho para Kennedy apenas olha para mim encolhendo os ombros.

Ela não me dá nenhuma ajuda.

Eu gemo.

— Ok, mas se isso for dar trabalho eu mesmo vou chamá-lo.—



Digo a ela. Eu me movo para longe da porta deixando Kennedy de pé lá enquanto pego meu casaco e carteira, apenas no caso de que precise ligar. Kennedy ainda está de pé ao lado da porta quando eu volto e me inclino dando-lhe um beijo na testa antes de abaixar sob a chuva e correr para a casa de Lexi.

Entramos depressa no apartamento, a chuva já encharcando minha pele. Não querendo lidar com gentilezas ando em linha reta até a pia da cozinha, notando que não há um vazamento.

— Lexi, não há nada de errado com a pia. — Digo a ela, me virando. — Que porra? — Eu grito, virando de volta e cobrindo os olhos. Lexi está de pé na porta fechada vestida com nada além de uma calcinha. Sim, eu notei, me processe, eu sou um homem.

O que eu não esperava era esse tipo de ousadia vindo dela.

Especialmente dela.

Esta não se parece em nada com a Lexi que eu conheço. Se isso tivesse acontecido há alguns meses atrás, eu provavelmente estaria duro como uma rocha agora e pularia para a chance, mas não é. Agora tenho Kennedy na minha vida e não sou tolo o suficiente para comprometer isso. Ela é especial, mas o mais importante é alguém com quem eu posso ver-me tendo um futuro. É apenas um bônus que ela seja a mãe da minha filha, quer tenha dado à luz ou não.

— Você me quer ainda? Eu cometi um erro, Evan. Quero você. —Diz ela sedutoramente, sua voz soando mais perto. Eu contorno o balcão e vou até



a porta da frente. Estou surpreso por fazer isso em segurança com as minhas mãos ainda cobrindo meus olhos.

— Lexi, você não me quer. Deixou sua escolha clara como cristal. Tenho Kennedy e Imogen agora.

— Então por que não pode olhar para mim? Você me quer, admita. — Ela diz alta e me viro irritado.

Como ela ousa?

Olhando diretamente em seus olhos, aciono a minha máscara de interrogatório, querendo que ela saiba que estou mortalmente falando sério. — Lexi, não olho devido ao respeito que tenho por você e por Kennedy, que por sinal está na casa ao lado com minha filha. Eu não sei por que essa mudança repentina, mas você não me quer e se for honesto, eu nunca quis você. Queria o que a minha irmã tinha. Tenho isso agora. Com Kennedy. Você precisa parar com o que for que seja e seguir em frente. — Aceno para ela.

Eu suspiro, sentindo nojo de ficar o tempo que estou lá. Virando eu saio, batendo a porta atrás de mim e bloqueando os soluços de Lexi. Há uma coisa pela qual tenho uma enorme fraqueza é ver mulheres chorando. Odeio vê-las chateadas e magoadas. Eu sempre quero tentar consertar.

Caminhando de volta para minha casa, dou uma olhada para Kennedy que está enrolada no sofá e me inclino com alívio. Ali é onde eu quero estar, onde preciso estar e com Kennedy eu sei que estarei ali até



que ela me diga para sair.

— Ei, o que há de errado? — Ela pergunta expressando sua preocupação quando me sento depois de tirar o meu casaco molhado.

— Lexi. — Gemo, querendo saber como dizer a ela.

— Suponho que ela disse que queria você? — Diz ela, me chocando.

— O quê? Hã?

— Oh, vamos lá, a mulher está ansiando por você desde que cheguei. Ela me quer fora, isso é óbvio. Então, como foi? — Pergunta ela, com a voz e expressão facial caindo no final.

— Ela ficou nua. — Eu deixo escapar.

Kennedy se levanta do sofá e eu a sigo.

Merda.

Quando seus olhos começam a lacrimejar eu me sinto como um merda e começo a desejar nunca ter dito nada. Como eu disse, odeio ver mulheres chorando, mas ver o choro de Kennedy está partindo meu coração.

— Por favor, não chore. Eu não a quero, eu quero você. Juro que nem sequer olhei para ela. Eu saí de lá o mais rápido que pude. —Digo a ela rapidamente, precisando que saiba o quanto significa para mim.



— Então você não... Nada aconteceu? — Ela murmura.

— Não. Nunca! Eu juro. Eu nunca faria isso com você, amor.

— Cristo! Estamos mais íntimos, nem mesmo uma semana e eu já estou sendo toda territorial em sua bunda. — Ela geme me fazendo rir. Se soubesse como incrivelmente quente é observá-la irritada sobre tudo isso.

— Eu acho que você é radiante quente e sexy. — Sussurro para ela, abaixando a cabeça para dar-lhe um beijo. Ela fica na ponta dos pés, me encontrando para o beijo.

No minuto que meus lábios tocam os dela estou perdido. Perdido nela e no beijo. Que porra de mulher. Ela pode me deixar de joelhos com um simples toque.

Minhas mãos vão para seu suéter e eu lentamente me afasto quando começo a levantá-lo de seu corpo. Ela está tremula e posso ver arrepios aparecendo por toda sua pele e no peito.

No segundo em que seu suéter cai no chão minha boca toca a dela novamente em um beijo quente, apaixonado.

Estou prestes a tirar minha própria camiseta que está úmida de ir até Lexi e voltar, quando Imogen começa a chorar. Eu gemo no beijo esperando que ela pare, mas quando seu choro fica mais alto eu me afasto de Kennedy me sentindo frustrado para caralho. Nunca quis estar dentro de uma mulher tanto quanto quero com ela.



— Acho que minha filha é uma empata foda. — Eu lamento.

Kennedy ri suas bochechas coradas e seus lábios inchados. Ela se abaixa para pegar seu suéter e tento impedi-la de colocá-lo de volta.

— Eu vou pegá-la.

Ela ri olhando para minha virilha. — Hum. Eu acho que *você* deve recompor-se primeiro. — Com isso, caminha pelo corredor em direção ao quarto de Imogen, ainda rindo.

Pequena atrevida.



CAPÍTULO DOZE

KENNEDY

Servir mesas era a última coisa que eu queria fazer quando acordei esta manhã. Especialmente desde que poderia estar em casa com Imogen e Evan, mas meu tempo livre, incluindo Evan, chegou ao fim.

Ao passar tanto tempo juntos durante a semana passada, nós três ficamos muito mais próximos. Eu sei que Imogen é muito jovem para perceber qualquer grande mudança, mas até mesmo ela se apegou demais a Evan.

Evan também já pegou o jeito para cuidar de Imogen, o que ela gosta ou não e como acalmá-la. Eles são tão unidos como eu esperava que fossem. E não deveria ter me preocupado.

Evan e eu também nos conhecemos em um nível mais profundo. Falamos sobre o nosso passado, nossas famílias e infância. Sobre as coisas que mais gostamos o que detestamos e nos aproximamos mais ao longo da



Evan

semana. Parece que nos conhecemos há muito mais tempo e ele mesmo admitiu que eu soubesse mais sobre ele do que qualquer um de seus amigos.

Pensar em Evan, seu corpo e sua personalidade, me lembra o quão sortuda sou por tê-lo em minha vida. Nunca em um milhão de anos eu teria pensado que um homem como ele alguma vez iria olhar para mim. Mas por alguma razão olhou. Nunca entenderei como aconteceu e se fosse honesta comigo mesma, ainda não acredito, mas por alguma razão sei que viverei com ele. É tudo o que uma garota poderia desejar em um cara.

Evan é o primeiro homem com quem já vivi intimamente e leva um tempo para se acostumar a isso. Não da maneira que se pensa. Acho que estou acostumada com minha privacidade, o meu próprio espaço. Quando tive uma dor de barriga por causa do jantar, que achei que foi quem fez, mas em vez disso, ele pediu fora, senti tanta dor que soube que precisava ir ao banheiro. Fiquei completamente mortificada. Não sei sobre qualquer outra pessoa, mas essa é a pior parte de um relacionamento para mim. Mas isso mostra o quão confortável estou com ele, porque me desculpei e fiz o que precisava ser feito. Veja bem, apenas estive nessa situação uma vez antes e foi quando estava na casa do meu ex-namorado. Peguei uma bactéria estomacal e precisei desesperadamente usar o banheiro. Mesmo que estivessemos namorando há mais de um ano eu ainda não me sentia confortável o suficiente para ir ao banheiro perto dele, então acabei saindo às pressas para chegar a casa.



Acho que estou tentando dizer que não sinto uma visita indesejada, sinto-me confortável. Eu sei que não agiria de forma imatura e faria uma cena apenas para me envergonhar. Não é como se as mulheres não fossem ao banheiro, é que não se trata de algo muito elegante ou sedutor. A outra parte é que não me importo de mexer nas coisas quando limpo ou me sentir à vontade como se fosse minha própria casa. Na verdade, parece que estamos trabalhando muito bem juntos, como se estivéssemos fazendo isso há vinte anos.

A única coisa que ainda não me acostumei é ter que abaixar o assento do vaso quando ele deixa levantada. Não é muito bom ir ao banheiro nas primeiras horas da manhã, meio sonâmbula, apenas para cair dentro do vaso, porque ele se esqueceu de abaixar o assento.

O outro grande ponto é a idéia dele de limpeza. Ele empurra as coisas nos armários sem nenhum cuidado, nunca passou cera no chão e tenho certeza que não sabia ter um aspirador de pó. A maior queixa, entretanto, é que passo horas engomando as roupas dele, para simplesmente jogá-las em seu guarda-roupa, sem se preocupar em pendurá-las ou mesmo dobrá-las antes de colocar em suas gavetas? Tivemos uma conversa sobre isso. Foi mais ou menos como pensava que fosse. Ele me beijou, me fazendo esquecer sobre o que estávamos falando em primeiro lugar.

Mas o que descobri ser o mais difícil de me acostumar é dividir a cama. Mesmo que ainda não fizemos nada



sexualmente, a tensão está presente e pode ser sufocante. Tem sido difícil dormir por causa disso, mas também há outras razões. A principal é porque gosto de dormir no meio da cama. Estou acostumada a dormir como uma estrela do mar, não importando se minha boca está aberta ou se estou babando durante meu sono. Agora, tenho que ceder um lado da cama e estou constantemente tentando cobrir a boca com o cobertor apenas no caso de acidentalmente afastá-lo e ter a minha boca aberta como uma tonta.

Ei, isso acontece.

— Pedido pronto. — Howard grita da cozinha, me tirando dos pensamentos. Eu me apresso com as bebidas, estava abastecendo a mesa antes de passar para pegar os pratos quentes. Arranco o papel com o pedido e suspiro quando encontro a comida da mesa quatro. Três homens entraram há mais de uma hora atrás e pediram apenas comida. Quando eles chegaram algo no ar mudou. Eu normalmente não julgo os outros, mas os três homens tinham a palavra problema estampada na testa. E você sabe o que dizem se cheiram como um, se parecem com problemas, então é muito provável que sejam e estes três homens definitivamente eram. É como se estivessem esperando por algo ou alguém e isso me deixou nervosa, especialmente quando encontrei o mais velho deles olhando para mim mais de uma vez. Cada vez que sentia os olhos dele em mim, um arrepio frio percorria minha espinha.

Se eles estão aqui para traficar drogas para alguém, então ficarão extremamente decepcionados. Mark,



sócio de Molly, era um policial. Ele ainda leva o termo *servir e proteger* a sério, mesmo que esteja aposentado. Ele não vai tolerar... Você sabe... Uma bagunça como essa acontecendo em seu café.

Felizmente eu saio em algumas horas e não terei que me preocupar com eles. Meus pés estão me matando desde as nove da manhã. Agora são cinco da tarde e ainda tenho que pegar Imogen com Melanie em breve. Com o tempo ficando tão ruim, a creche me ligou esta manhã dizendo que estavam fechados hoje. Aparentemente, a maioria de sua equipe vem de uma pequena aldeia a meia hora de distância e o caminho está todo inundado. Eles se desculparam e explicaram que o prazo era extremamente curto para conseguir quaisquer outros professores substitutos para cobri-los.

— Desejam mais alguma coisa? — Pergunto assim que sirvo os pratos, tentando não praguejar. Normalmente apenas carrego dois pratos de cada vez, mas como não queria ficar ao redor deles mais tempo do que o necessário coloquei um dos pratos no meu braço e como estava quente acabou queimando minha pele, deixando uma marca vermelha.

— Sim, qual o seu número? — O mais velho dos três ri batendo na minha bunda. Eu grito, saltando para longe e enviando um olhar fulminante, mesmo que meu coração esteja disparado no meu peito.

— Se isso é tudo, vou deixá-los com sua refeição. — Digo não me importando se entrar em apuros. Não mereço ser assediada. *Os clientes têm sempre razão* uma ova.



— Ei, não tão rápido. Que tal se juntar a nós? — O mais novo deles piscou me fazendo estremecer.

— Não, obrigada. — Digo a ele com firmeza antes de sair. Enquanto voltava para o balcão, deixo alguns guardanapos extras para uma família quando ouço os três homens dizer algo grosseiro pelas minhas costas.

— Kennedy, você tem uma ligação. — Um vozeirão grita através do restaurante. Pulo onde estou parada antes de olhar e encontrar Molly agitando o telefone no ar. Vou até ele e pego o telefone da mão dele, dando-lhe um sorriso de satisfação.

Ele está sempre reclamando que ninguém liga para ele. Sempre que o telefone toca é para reservas ou para um dos outros funcionários. Como eu apenas recebi ligações algumas poucas vezes devido a situações de emergência, sendo uma delas, quando a minha irmã foi encontrada morta. Então, receber uma ligação faz com que os cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantem. Nada de bom pode vir de um telefonema no trabalho.

— Alô?

— Kennedy?

— Melanie? É você? Imogen está bem? — Pergunto em pânico, uma sensação horrível se afundando na boca do meu estômago.

— Sim, ela está bem. Fui até a sua casa para pegar o cercado musical dela para acalmá-la um pouco. Ela



ficou irritada durante a tarde toda. Acho que são os dentes novamente. Mas quando eu fui... — Ela para de falar, como se estivesse debatendo se me contava ou não.

— O que aconteceu? Fale. — Incentivo, precisando que ela apenas fale logo. Seja o que for posso lidar com isso. Nada poderia ser pior do que o que aconteceu comigo na semana passada ou a ameaça contra a vida de Imogen.

— Sua casa está completamente destruída. Sinto muito, querida.

Tento respirar, as lágrimas enchem meus olhos. Não querendo chorar até que saiba qual foi o dano, eu me ajeito, não querendo ter um colapso no trabalho. Mas não importa o quanto eu tente, o nó na garganta aumenta. Tudo em que posso pensar é quanto dinheiro vai custar. Não importa quantas horas no trabalho que eu faça, nunca serei capaz de substituir tudo no meu apartamento. Eu já tenho sorte de ter tudo o que tenho lá dentro. Não é muito, mas comprei tudo com o dinheiro que ganhei trabalhando arduamente. Agora parece que terei que fazê-lo novamente. Não posso esperar que Evan sustente a mim e Imogen para sempre. O cara nem mesmo me deixa comprar comida pelo amor de Deus. Se descobrir sobre isso, sei que vai exigir substituir tudo e eu não posso... Não, não irei permitir isso. Não preciso de um homem para cuidar de mim. Ok, isso é uma mentira. Posso não precisar de um homem para cuidar de mim, mas quero que Evan cuide de mim.

— Deixe-me falar com Mo. Vou tentar chegar lá o mais rápido possível. Está muito movimentado



aqui hoje. — Não era uma mentira também. Meus pés estão me matando por me movimentar sobre eles durante o dia todo e depois de ter ficado uma semana de folga, fazendo quase nada, eles não estão mais acostumados a se movimentar tanto tempo. Acho que uma semana de folga realmente faz maravilhas para uma pessoa.

— Você quer que chame a polícia?

Eu penso por um segundo antes de responder. Honestamente, não poderia me importar menos sobre o apartamento. Sei que eles nunca pegarão alguém para pagar pelos danos e substituir tudo, mas ainda assim, era minha casa. — Deixe-me avaliar os danos, senão, nunca entrarei lá se a polícia estiver envolvida. Vou ligar para Evan no caminho, ver o que ele diz.

— Certo docinho. Apenas verei se o cercado dela está utilizável antes de sair. Tenha cuidado nas estradas, o tempo está ficando pior lá fora. Mais cedo pensei que a janela iria se quebrar de tão forte que estava chovendo.

— Eu terei . Vejo você daqui a pouco. — Disse a ela. Eu espero ela dizer adeus, mas a linha já estava muda. Pensando que a ligação deve ter caído devido ao mau tempo, caminho até a cozinha para falar com Mo.

— Mo? — Chamo quando eu chego à cozinha. Ele me dá um olhar que diz: *eu sei o que quer*. Dou-lhe um largo sorriso, sabendo que ele não consegue resistir ou dizer não para mim.



Mo é um grande e amável homem, sem ele eu nunca seria capaz de criar Imogen por conta própria, especialmente sem ter que depender de apoio do governo. Ele fez questão de ser justo em relação às minhas horas de trabalho e sempre, deixa que eu fique com minhas gorjetas. O restante da equipe coloca a gorjeta deles em um pote e no final de cada mês é repartido igualmente entre todos. Eu tentei recusar, não querendo ser especial, mas porque todos os outros membros da equipe são mais velhos ou não têm família, disseram que era justo. Eles até me dão uma porcentagem de suas gorjetas se as minhas próprias são muito baixas no final de cada semana.

— Vá. Faça o que precisa fazer, mas menina, você me deve algumas horas. Deus, você é uma dor na minha bunda. — Ele me repreende segurando uma espátula.

— Ok você realmente me ama. — Eu rio.

— Vá embora! — Ele grita seus lábios se contraindo.

Rindo, sigo para a sala dos funcionários para pegar minhas chaves e casaco no meu armário. Pela primeira vez, sou grata por ter um carro, mesmo que seja uma porcaria. Evan me levou para pegá-lo esta manhã, quando ele veio comigo para deixar Imogen com Melanie.

Lembrar-me desta manhã quando nós deixamos Imogen me traz de volta ao momento de Evan saindo para o trabalho. Ele descobriu o quanto é difícil deixar Imogen, foi tão



bonito. Algumas vezes até considerou ligar e apenas ficar em casa com Imogen. Ele até tentou me subornar para ligar e dizer que estava doente, mas sabia que não podia tirar mais um minuto de folga. Eu não disse isso a ele, embora. E não quero que ele saiba o quanto eu me esforço. Provavelmente já tem uma idéia, mas não quero acenar com uma bandeira de pobreza em seu rosto. Continuo me esquecendo de que ele viu a bagunça onde vivo. Ninguém com dinheiro escolheriam viver naquele lugar.

Aceno um adeus quando saio, andando através da cozinha. Estacionei meu carro na parte de trás hoje, não querendo ter que estacionar muito longe como normalmente precisa fazer.

Correndo através da chuva até onde meu carro está estacionado, acabo encharcada. A chuva está caindo mais pesada e fico preocupada em sair dirigindo com esse tempo. Meu apartamento é a apenas quinze minutos de carro, mas com este tempo, ficaria feliz se chegasse lá em trinta. Meu carro não é o melhor para lidar com essa tempestade e o vento não está exatamente do meu lado esta noite também.

Tremendo, ligo o carro e o aquecedor no máximo. Quando o vento frio sopra através das aberturas de ventilação estremeço incontrolavelmente. Realmente deveria começar a poupar para comprar um carro novo. Sento-me por mais alguns minutos esperando que o aquecedor funcione.

Quando está quente o suficiente, manobro e saio do meu lugar com facilidade. As ruas estão



escorregadias quando saio para a estrada principal. Não há muitos carros ao redor, o que minimiza a minha preocupação sobre a condução. Não estou surpresa que ninguém esteja dirigindo neste mau tempo. Você teria que ser louco. Como eu.

Tirando meu celular do bolso aperto o número de Evan para atualizá-lo sobre o que está acontecendo. Evan parece ser um homem que ficaria irritado se eu não contasse sobre algo tão importante como isso. O telefone toca e toco, eu deixo cair no correio de voz antes de terminar a ligação. Decidindo esperar mais alguns minutos, ligo o rádio para me distrair do desastre que estou prestes a encontrar.

A minha única preocupação sobre me deslocar até meu apartamento é que descobrirei que tem algo a ver com Damon. Talvez ele saiba que não estou ficando lá no momento e destruiu tudo. Na realidade, poderia ser apenas alguns garotos punks que vivem no mesmo bloco de apartamentos e perceberam que não tinha ninguém lá, então decidiram ver o que poderiam roubar. Estou rezando para ser a última opção, mas não importa o quanto eu diga para mim mesma que é apenas um bando de adolescentes, um sentimento profundo na boca do meu estômago está me dizendo que tem a ver com Damon e preciso estar preparada para o que está por vir.

Ligo para Evan novamente, espero ele atender, mas cai direto no correio de voz. Desta vez, decido deixar uma mensagem na esperança de que eles a ouçam-na antes que eu chegue



ao apartamento.

— Ei Evan, sou eu, Kennedy. — Começo, resmungo com o quão idiota eu pareço. Realmente odeio deixar mensagens de voz. Minha voz não soa como eu mesma e odeio isso. Pareço mais como uma garota que aspirou gás hélio. — Estou indo para o meu apartamento. Melanie ligou e disse que houve um arrombamento, o lugar está um lixo. Ligue-me quando você puder.

Assim que eu termino a ligação, meu telefone começa a vibrar na minha mão fazendo-me saltar. Não costumo falar ao celular quando estou dirigindo, mas quando vejo o nome de Melanie piscando na tela, atendo.

— Oh Kennedy! Kennedy! — Ela soluça e meu coração para. — Sinto muito.

— Melanie! Melanie! Calma. — Eu grito, o sinal fica fraco quando começo a travessa um pequeno túnel.

— Ela se foi. — Ela chora ao telefone.

— Quem se foi? — Pergunto com o medo evidente em minha voz. No meu coração, sei o que ela vai dizer e meu coração já está se partindo, mas minha cabeça se recusa a acreditar que isso está acontecendo.

— Imogen! — Ela soluça e seus gritos ecoam pela linha. E de repente todo meu mundo para. Olhar para frente é tudo o que eu consigo fazer, nem mesmo respiro. Minha



mente está gritando: *não, não é verdade, isso não está acontecendo.* — Ela é um bebê. — Com as mãos trêmulas termino a ligação sem dizer uma palavra, nem mesmo para confortar Melanie ou fazer qualquer pergunta. Nada parece real. Nem a chuva batendo no pára-brisa ou o som dos pneus espirrando água. Até mesmo o rádio que ainda está ligado é um simples ruído.

Outra motorista buzina para mim, o som me tira do entorpecimento. O carro estava desviando para a direita, então eu rapidamente endireito antes de respirar profundamente.

— Imogen! — Choro e um soluço atravessam a minha garganta, lágrimas caem livremente pelo meu rosto. Eu as limpo furiosamente. Agora não é o momento de ficar abalada. Ela precisa de mim.

Meu coração se parte um pouco mais e eu sei que não posso fazer isso sozinha. Preciso de Evan. Ele é a única pessoa que pode me ajudar. Que pode salvar Imogen.

Oh Deus. Ele acabou de encontrá-la e agora alguém a levou para longe dele por minha causa. Por causa das mentiras da minha irmã. Deveria saber que algo estava para acontecer. Não deveria ter ido trabalhar como Evan me pediu. Isto é tudo culpa minha.

Batendo as mãos no volante, grito de frustração e dor. Pisando no acelerador, o carro lentamente começa a acelerar o motor gemendo em protesto. Minha mente grita para diminuir a velocidade, para pensar com clareza, mas preciso chegar até Imogen. Preciso fazer alguma coisa. Ela não pode ir embora. É



minha. É meu bebê. Não é verdade. Não pode ser.

Agarrando meu telefone novamente, ligo para Evan mais uma vez, precisando dele mais do que já precisei de alguém em toda a minha vida ferrada. Se alguém sabe o que fazer é ele. Apenas por discar o número dele me relaxa um pouco. Eu sei que fará tudo o que estiver ao seu alcance para ter Imogen de volta. Apenas espero que não me odeie quando descobrir que ela se foi.

— Porra, Evan! — Eu grito ao ouvir cair no correio de voz de novo. — Evan. — Choro, esperando que ele possa me ouvir mesmo que o meu telefone continue apitando, me alertando que estou perdendo o sinal. Sinto que estou a ponto de perder minha mente. Minhas mãos estão tremulas descontroladas enquanto dirijo o mais rápido que posso pelas ruas. — É Imogen, ela se foi. Melanie disse que ela se foi. — O telefone desliza dos meus dedos, porque minha mão treme muito, então não consigo terminar o que estava dizendo. Ele cai sobre a minha coxa antes de deslizar para o vão entre o banco e o freio de mão, um soluço escapa da minha garganta.

Assustada, desesperada e precisando dele, tento recuperar meu telefone, não estou pronta para desistir. É quando tudo acontece. Quando toda minha vida passa diante de meus olhos e eu grito em pânico.

O carro desvia para o lado esquerdo da estrada e em pânico para tentar controlar a direção, acidentalmente piso mais fundo no acelerador. Tudo acontece tão rápido e antes que tenha tempo para reagir, sinto o



impacto. O som do metal sendo esmagado, o vidro quebrando e o som dos meus próprios gritos enchem o carro. Cacos de vidro cortam meu rosto e braços. Em pânico, vejo o sangue pingando no meu colo. Isso faz com que eu tenha outro ataque de pânico. Lentamente, com as mãos ainda trêmulas, passo pela minha cabeça, fazendo uma careta quando sinto um corte lá.

De repente, tudo ao redor de mim está parado, o ruído ensurdecedor de buzinas e pessoas gritando: *pare*. O único som que podia ouvir era a chuva batendo no teto do carro.

Olho atordoada à minha volta e tento pensar sobre o que aconteceu. Tudo parece se mover lentamente. Meus olhos se movem para o pára-brisa e os fecho, quando as luzes brilhantes atravessam, o vidro me cegando.

Leva-me alguns segundos para perceber o que está para acontecer meus olhos se arregalam por uma fração de segundo e me preparo para o impacto, cobrindo minha cabeça com os braços. Eu mal tenho tempo para concluir essa ação antes que o horrível barulho de metais sendo retorcidos atinja meus ouvidos. Meu corpo inteiro é empurrado para o lado direito do carro, minha cabeça é esmagada contra a porta. Imagens de Imogen e nossa vida passam pela minha mente como uma apresentação de slides logo antes de tudo ficar preto, silenciando todo o caos que está acontecendo ao meu redor.



CAPÍTULO TREZE

EVAN

— Você realmente precisa tirar sua cabeça da bunda. — Harris resmunga ao meu lado. Estamos atualmente nos esgueirando em alguns arbustos espinhosos e está frio para caralho. Para não falar que está caindo uma tempestade e nós dois estamos encharcados. Ele me diz para tirar a cabeça da minha bunda, mas o que eu realmente preciso é das minhas meninas, um jantar quente e uma cerveja gelada. Mas neste momento, nem mesmo uma xícara de chocolate quente eu iria perder.

— Vá se foder. — Digo, apertando os dentes. Foda-se o frio.

— Vamos, filho da puta. Mostre sua cara. — Murmura Harris quando desliza seu corpo no ponto mais distante do arbusto. Uma vez que ele está na posição, puxa a câmera de trás das costas. Eu sigo o exemplo agarrando a minha. Nós esperamos que esta nova posição fosse, finalmente, ser capaz de nos dar uma visão clara de quem é o traficante.



Um pai nos contratou para conseguir provas contra a pessoa que assassinou sua filha de 13 anos, que morreu de uma overdose. Ele esteve em nosso escritório tentando nos dar todas as informações que pudesse encontrar para descobrirmos quem é o traficante, nos dizendo que a polícia precisava de mais provas antes de fazer uma prisão. A maioria das informações que ele tinha eram apenas boatos, mas ajudava nos apontando na direção certa. Afinal, nós podíamos fazer coisas que a polícia não poderia.

Temos uma equipe de agentes em espera, para quando chegarmos à foto, mas até então, estamos congelando nossas bundas no frio. Se não conseguirmos esta foto, então estamos basicamente ferrados.

— Então, quando irei conhecer este novo pedaço de bunda? — Harris sorri e viro dando-lhe um olhar.

— Nunca, você é a porra de um imbecil. E ela não é um pedaço de bunda, idiota. — Sussurro de frente a ele. Apertando os dentes, aviso. — E se você chamar disso de novo, vou socar seus dentes até os engolir.

Ele ri não se preocupando com a minha explosão. — Oh sim? Portanto, não há chance de parceria? — Pergunta ele e eu perco a cabeça. Estou prestes a colocá-lo em seu lugar, ficando de pé para que eu possa derrubá-lo, quando ele me dá o sinal, suas feições ficando sérias. Olhando através da lente da



minha câmera, prendo a respiração antes de tirar foto após foto, querendo garantir que tenho todo o encontro.

— Caralho. — Respiro.

— Puta merda! — Amaldiçoa Harris. Sem perder tempo, ele pega seu telefone e liga. Assim que abaixa o telefone, o meu vibra no bolso, lembrando-me que tenho uma mensagem de voz que foi deixada sem resposta. Ela foi deixada cerca de meia hora atrás. Estive muito ocupado com o trabalho até para olhar a tela para ver quem era, por isso espero que não seja nada importante.

— Peguei. — Sorrio enquanto tiro outra foto, pensando na cara do pai que o está acusando de vender drogas para sua filha.

Estou prestes a virar-me para chamar Harris, mas o desgraçado me surpreendeu em vez disso. Acabamos batendo nossas mãos e sorrindo como dois idiotas do caralho. É trabalhos como este que me ajudam a lembrar por que faço o que faço para ganhar a vida. Odeio vermes como este caloteiro que vende drogas para crianças, como se fosse uma vida respeitável. Não se importando com as conseqüências de suas ações ou se o comprador é menor de idade. Eles são o mais baixo dos baixos.

— Vamos. — Ele sorri.

Eu sorrio de volta, grato por ser capaz de chegar em casa para minhas meninas. Pensando nelas tiro o telefone do meu bolso.



Nunca considero ninguém quando estou trabalhando. Sempre que eu fiz ligações ou enviei mensagens durante um trabalho, me certificava que fosse meu chefe ou outra pessoa sobre o caso. Com as garotas morando comigo, deveria ter passado pela minha cabeça que poderia ser Kennedy ligando.

Olho para o telefone, que pisca com duas chamadas não atendidas de Kennedy e uma de um número desconhecido.

Caralho. Primeira vez voltando ao trabalho, ela me liga e eu não dou a porra de uma resposta. Ela poderia precisar de alguma coisa e eu não estava lá para ela. O que é uma forma de mostrar que não sou confiável.

Caminhando para o carro, ouço o correio de voz que Kennedy deixou-me, sorrindo quando ouço sua voz. Meu sorriso logo cai quando ouço o que ela diz.

— Ei, Evan, sou eu, Kennedy. — Diz ela parando e tenho que rir de quão estranho ela soa. — Estou indo para o meu apartamento. Melanie ligou e disse que houve um arrombamento, o lugar está um lixo. Ligue-me quando você puder.

— Porra! — Digo. Melhor não ter ido lá. Poderia ser uma armadilha ou pior, um aviso. Ela não precisa ver a bagunça que sua casa está ou quaisquer surpresas que poderiam ser deixadas. Sinto-me como um grande idiota agora por não atender.

— O quê? — Harris pergunta, olhando-me com curiosidade.



— Nós precisamos ir. A casa de Kennedy foi arrombada e ela está indo para lá. — Digo a ele rapidamente. Estou dividido sobre ouvir o próximo correio de voz ou ligar para dizer-lhe que me espere chegar. Mas então, ela poderia ter deixado outra mensagem voz me dizendo que tudo está bem.

A sensação de mal-estar que me agitou toda a porra da manhã voltou, então apertei o número um no meu telefone para ouvir a mensagem seguinte.

— Evan. — Kennedy chora freneticamente ao telefone e a porra do meu coração para. Estou correndo para o carro tão rápido quanto minhas pernas podem me levar, quando suas próximas palavras me fazem desmoronar no chão. — É Imogen, ela se foi. Melanie disse que ela se foi. — É tudo o que ela consegue dizer antes da buzina tocar me ensurdecendo, o vidro ser esmagado e pneus chiarem através do telefone.

Porra, não! Por favor, caralho, não!

— Kennedy! Porra, Kennedy. — Eu grito, não ligo que ela não possa me ouvir. O correio de voz corta deixando-me com nada mais.

Saindo do chão corro para o carro, agradecido por Harris não ter visto minha queda e ido para o carro. O carro está funcionando quando pulo no banco do passageiro. Não é até estar sentado na frente que percebo que não tenho idéia do que porra eu estou fazendo.

Kennedy se envolveu em um acidente, aquilo foi um acidente e



Immy desapareceu. Desejo mais que tudo poder dividir-me em dois. Então, poder correr para Immy e chegar à Kennedy.

— Precisamos ir para o hospital. — Digo a ele tentando manter a calma. Sinto seus olhos em mim, então me viro para ver o seu olhar de preocupação. Ele deve ter percebido que estou falando sério, porque estou colocando o cinto de segurança enquanto ele acelera.

Fico contente por ter programado o número de Melanie no meu telefone esta manhã. Queria ter certeza que ela teria uma maneira de entrar em contato comigo ou Kennedy se alguma coisa acontecesse. Realmente, apenas queria checar Immy durante todo o dia, mas não fui capaz de conseguir cinco minutos. Gostaria de ter feito esses cinco minutos acontecerem, pelo menos assim poderia ter feito algo.

Apenas espero que Kennedy esteja errada e Immy não esteja desaparecida, mas sinto que é verdade. Posso de alguma forma sentir. É o mesmo sentimento que tive desde que acordei esta manhã. Pensei que fosse sobre o trabalho de hoje. Se soubesse que minhas meninas estariam em risco, não teria deixado qualquer um de nós sair de casa.

— Oh meu Deus, Evan. Kennedy ainda não chegou e estou começando a me preocupar. Ela deveria estar aqui. A polícia continua me fazendo todas estas perguntas e eu não sei de nada. — Melanie chora sua voz rouca. — Sinto muito. Sinto muito.

— Senhora, nós precisamos que você responda mais algumas perguntas. — Alguém no fundo pede rigidamente.



Prick.

Ele poderia ser mais simpático. A criança foi levada e é claro que Melanie está histérica e precisa se acalmar. Fazendo-a responder às mesmas perguntas várias vezes apenas fará sua ansiedade aumentar.

— Não. Preciso responder às perguntas do pai. Ele precisa ter sua menininha de volta. — Ela funga. Encontro-me respeitando-a naquele momento, mas ouvi-la dizer - *pai e sua menininha* - faz meu peito se apertar.

Estou tentando o meu melhor para manter a calma, realmente estou, mas porra, ela é minha menina. Ela está lá fora, com estranhos e vai saber o que eles estão fazendo, porra. Esta manhã ela não estava no melhor dos humores, porque seus dentes estavam incomodando. O fato de que está de mau humor e com pessoas que não sabem nada sobre ela me deixa puto.

— Melanie, eu preciso que você se acalme. O que aconteceu?

— Fui até o apartamento de Kennedy para pegar o cercado musical de Imogen, na esperança de acalmá-la e quando cheguei lá estava uma bagunça completa. Rapidamente liguei para a avisar e ela disse que estava a caminho. Fui ver se o cercado ainda estava em condições de funcionamento. Juro. Levei dois minutos no máximo. Quando voltei para casa Imogen não estava. Desapareceu.

Meu coração se afunda e fecho minhas mãos em punhos apertados. Quero matar alguém. Sei quem fez



isso, mas preciso de algum tipo de prova. Começo a bater no painel, mas ele não é capaz de segurar minha raiva por muito tempo. A dor em meu punho não faz nada para liberar a agressão dentro de mim, apenas aumenta mais.

— Evan! Porra! Acalme-se, porra. — Harris grita do outro lado do carro, seu braço me batendo no peito e me segurando. Respiro profundamente, meu peito sufocando. Melanie diz algo no telefone que não consigo ouvir bem, mas é o suficiente para me trazer de volta ao presente.

— OK. Ok. — Digo balançando a cabeça e passando as mãos pelo meu cabelo molhado. — Você viu alguém incomum? Alguém que não tenha visto antes, que parecia curioso com você ou com a casa de Kennedy? — Pergunto meu treinamento na academia, finalmente aparecendo.

— Eu... Não... Oh não... Espere. Havia um cara ontem batendo à sua porta por uns bons vinte minutos. Ele tinha uma cicatriz em seu rosto. Notei também esta manhã, pouco antes de vocês apareceram. Não pensei nada sobre isso. Deus é tudo culpa minha. Esse pobre bebê. O que eu fiz? — Ela soluça e meu coração se parte, sabendo muito bem de quem ela está falando.

— Não é culpa sua, Melanie. Você tem sorte por não estar lá, para ficar no caminho. Ele a teria matado. — Digo a ela honestamente, pensando no histórico dele. Ele é brutal. Nós nunca fomos capazes de conseguir qualquer acusação para prendê-lo. Quando fui para a



delegacia ele estava todo presunçoso. Sabia que não podia acusá-lo por causa de seu álibi perfeito.

— Você o conhece? Pode trazê-la de volta? Onde está Kennedy? — Ela pergunta um pouco mais calma.

— Acho que ela sofreu um acidente. — Digo a ela, apertando a ponta do meu nariz. Estou dividido sobre o que fazer. Encontrar a minha menina ou ir para minha mulher. Assim que tiver certeza de que ela se envolveu, de fato, em um acidente e está tudo bem, vou para casa e encontrar tudo o que puder sobre o filho de uma cadela. Ele vai desejar nunca ter mexido com Kennedy ou Imogen quando eu terminar com ele.

— Meu Deus. Onde? Eu estarei lá...

— Senhora, você não pode sair. — Um oficial diz.

— Melanie, eu tenho que ir. Nós estamos indo para o hospital agora. Fique onde está e eu vou ligar quando encontrar alguma coisa. — Digo a ela.

— Ok, ok. — Ela diz e desligo. Harris se vira para mim com olhos preocupados, mas não espero por seu questionamento. O carro ainda está se movendo quando solto meu cinto e salto para fora do carro. Harris buzina e grita obscenidades para fora da janela, mas ignoro, saltando sobre o capô e correndo pelas portas de emergência.

— Oi, sou o detetive Smith. Minha noiva, Kennedy, sofreu um acidente cerca de meia hora atrás. Você pode



me dizer se está aqui? — Pergunto a recepcionista freneticamente. Ela olha para mim com um sorriso triste e quero gritar com ela para se apressar, não tenho tempo a perder.

— Qual é seu nome, senhor?

— Kennedy. Kennedy Wright.

Ela digita rapidamente no computador, mas em seguida, um homem com um jaleco branco passa ao redor da mesa olhando para mim. Meus olhos se encontram com os seus e eu sei que que é ruim.

— Tem uma relação com a srta. Wright? — Pergunta ele, colocando a mão na recepcionista para impedi-la de procurar.

— Sim, sou seu noivo. — Minto com facilidade e faço isso, porque sei que não vai demorar muito até que ela tenha um anel em seu dedo e esteja recebendo meu sobrenome.

— Sua noiva foi levada não muita tempo atrás, com traumatismo craniano grave e múltiplas lesões. — Ele começa e o sigo quando me leva por um longo corredor. Do nada Harris está ao meu lado e para ser honesto, sou grato que ele esteja aqui. Não há muita coisa que possa segurar antes de explodir novamente.

— Ela está bem? — Pergunto quando ele para de repente.

—É muito cedo para dizer. Ela tem uma perna quebrada, costelas fraturadas e muitos cortes e contusões. Neste momento estamos nos concentrando em seu ferimento na cabeça. Sua perna quebrada não



será engessada até que o inchaço diminua consideravelmente. Conseguimos limpar todos seus arranhões e imobilizar suas costelas. Sua cabeça é outro assunto no momento. Estamos esperando abrir a sala de Tomografia para que possamos enviá-la para lá. Quando tivermos os resultados, seremos capazes de lhe dizer mais sobre seu diagnóstico.

Gemo em minhas mãos, de repente, me sentindo mal. Ela precisa ficar bem. Precisa. Ela tem Imogen para cuidar. Eu preciso dela. Imogen também precisa.

Porra! Imogen.

O médico abre a porta para uma sala privada e acena para que eu entre. Gostaria que ele tivesse-me preparado mais para o que estava prestes a ver, porque assim que vejo seu pequeno corpo frágil, deitado na cama, quebrado e machucado, caio no chão de joelhos. Eu vi crimes que podem fazer as pessoas vomitarem, fui chamado para cenas horríveis, mas nada poderia ter me preparado para ver alguém que comecei a amar deitada na cama, impotente, sem saber se ficará bem.

Nunca a vi tão vulnerável. Nem mesmo quando apareci em seu apartamento e ela foi atacada.

A cabeça dela está inchada, cortes e contusões inchando ainda mais seu rosto. Ela está irreconhecível. O bater no meu peito aperta e sinto como se estivesse sufocando.

— Ela está com dor? — Sussurro, meu coração ferido por ela.



— Nós a deixamos, confortável. — O médico responde ao final da cama de Kennedy.

Não me importando com quem veja, soluço em minhas mãos, minha cabeça abaixada, me sentindo derrotado. Deixei isso acontecer. Deveria estar lá para ela. Deveria tê-la deixado levar a merda do meu carro, sabendo que apenas precisava dele para chegar ao nosso prédio. Deveria ter feito muitas coisas de forma diferente esta manhã, mas o meu maior arrependimento foi não dizer a Kennedy que a amo. Em apenas uma semana, eu dei a mulher o meu coração e minha alma. Morreria por ela.

Por que porra isso está acontecendo? Ela é uma boa pessoa. Merece uma vida longa, completa e feliz. Não merece a vida que tem, de modo nenhum. É injusto.

Levantando-me, caminho até à beirada da cama e a minha raiva chega ao ponto de ebulição quando a vejo de perto. Tomando a sua mão delicada na minha, silenciosamente prometo-lhe que irei fazer tudo dar certo. Afastando-me, aperto os punhos e a mandíbula.

— Companheiro, você precisa de um momento para se controlar. — Exige Harris, tirando-me dos meus pensamentos.

Enxugando as lágrimas do meu rosto, olho para ele, sabendo que está certo. Não há nenhum ponto em ficar ali, sentindo raiva e esperando que os médicos me digam alguma coisa, quando tenho a minha menina para encontrar. E sei que quando Kennedy acordar e descobrir que Imogen ainda está desaparecida,



comigo ao lado de sua cama, ela vai me odiar para sempre. Não posso ter isso.

— Doutor, eu preciso que me faça um favor. Sei que você está ocupado, mas nossa filha, ela foi raptada. Foi como Kennedy se envolveu em um acidente. Preciso ir e encontrar a nossa menina, mas não gosto de deixá-la sozinha. Pode me chamar neste número, se houver qualquer alteração, por favor? — Peço entregando-lhe o meu cartão. — Qualquer coisa, não importa quão pequena.

Ele caminha até mim com uma expressão séria. Dando-me tapinhas nos ombros, ele responde. — É claro. Tenho alguns outros pacientes que preciso ver, mas vou mantê-lo atualizado.

— Obrigado. — Sussurro, sentindo gratidão.

Caminhando de volta para Kennedy meu coração começa a bater freneticamente ao vê-la. Ela está pálida, contusões e cortes marcam seu rosto. Eu me curvo, coloco meus lábios em seu ouvido antes de sussurrar. — Vou encontrá-la, prometo. Apenas certifique-se de lutar e estar acordada para quando voltarmos. Eu te amo, Kennedy. — Ergo minha cabeça, dando-lhe um beijo suave nos lábios antes de sair. Harris caminha atrás de mim, sem dúvida. Ele não me fez qualquer pergunta. Está cegamente me seguindo, apenas olhando e esperando eu dizer algo. Suponho que esteja pensando sobre o que está acontecendo e é por isso que não fez perguntas.

— Qual é o plano? — Pergunta quando estamos no carro, fazendo a primeira pergunta desde que eu ouvi



o recado de Kennedy.

— Nenhum plano. Vou encontrá-lo e fazê-lo pagar.

Pelo olhar no rosto Harris, ele não está totalmente de acordo com a idéia. Está pensando seriamente em como me impedir de fazer algo estúpido. Qualquer coisa que ele esteja pensando não vai funcionar. Estou determinado a encontrar aquele filho da puta e fazê-lo pagar.

De volta para casa, eu não perco tempo, entrando pela porta e não a fechando atrás de mim. Harris está no telefone dando ordens para as pessoas. Colocamos um free lance na cola de Damon, querendo pegá-lo no ato, quando fizesse algo, mas por alguma razão, o cara decidiu tirar o dia de folga. Hoje, de todos os dias do caralho.

Eu não me importo quem porra está trabalhando em outro caso. Quero todos que eu conheço neste. Preciso ter a minha menina em casa. Trazê-la de volta para sua mãe, de volta para mim, é a minha prioridade.

Papeis estão espalhados por todo o chão na sala e por uma vez estou feliz por ter vencido a discussão com Kennedy sobre mantê-los aqui. Não tendo um escritório, precisei mantê-los na sala, atrás da cadeira. Quando ela descobriu o que eram, os queria fora da casa. Não podia culpá-la. Se ela soubesse metade da merda que estava escrito nesses arquivos, ficaria enjoada. E também estou disposto a apostar que a luz inocente que constantemente brilha em seus olhos a cada dia iria desaparecer lentamente. Ela é pura, inocente e não merece ser confrontada com a merda que está



nessas caixas. As imagens nos arquivos não são muito melhores. A maior parte é sobre o caso envolvendo sua irmã, mas quando descobri que feriram Kennedy, também peguei tudo o que a polícia tinha sobre Damon White, copiei e enviei para mim. Uma das vantagens de ainda ter companheiros lá dentro.

— Caralho! — Grito, me sentindo frustrado. O tempo está passando e quanto mais tempo me leva para encontrá-lo, é mais tempo que Imogen tem que passar longe de sua mãe e pai.

— Oi Evan. Você tem um minuto? — A voz de Lexi pede suavemente.

— Foda-se, Lexi. Não tenho tempo para a sua merda. — Eu grito, jogando um arquivo na parede perto de onde ela está. — Porra!

— Qual é o problema? — Ela pergunta, não desistindo.

— Sério Lexi, a minha mulher está no hospital e minha menina foi raptada por uma porra de um psicopata. Eu realmente não tenho tempo para a sua merda agora. — Grito, olhando para ela. Eu a vejo recuar, seu corpo tencionando como se eu a tivesse atingido. Nunca gritei com uma mulher como fiz com ela e me sinto um merda ou eu deveria, se eu não estivesse tão preocupado com Kennedy e Imogen.

Caralho. Ela está sozinha naquele hospital, sem família sentada ao seu lado para mostrar apoio. A minha filha está lá fora, Deus sabe onde e fico apavorado só de pensar em que situação ela pode estar.



— Oh, Evan. O que aconteceu? Quem está com Kennedy? — Pergunta ela, apenas preocupação em sua voz.

— Ninguém. — Sussurro, caindo no chão.

Não há nada nestes arquivos que vá me dizer algo que eu já não saiba.

Ele foi morar com seu pai e madrasta quando tinha cerca de quatorze anos, por causa de sua mãe viciada. Eles são os únicos parentes vivos que ele tem. A polícia e meus colegas de trabalho já verificaram seus contatos habituais e tenho pessoas procurando por aí. Mas nada surgiu. Não há nenhum relacionamento romântico ou mulheres regulares e depois da última semana de nosso contratante seguindo-o, nós sabemos que ele não tem uma rotina padronizada.

— Vou para o hospital ficar com ela. Direi que sou sua irmã. — Lexi diz, mas a ignoro quando a ouço falar com Harris. Algo neste arquivo tem que me ajudar a encontrar onde porra ele levou minha filha. Deve ter outro lugar para ir, um lugar onde não visita regularmente ou não tem estado no radar da polícia.

Harris diz a Lexi que é uma boa idéia, mas não tenho noção do que estão falando. Um nome se destaca em um arquivo. A mãe biológica. Em seguida, isso me bate. Temos acompanhado seu pai e a casa da madrasta quando deveríamos ter olhado para sua mãe e sua história. Pelo que diz, ela não tinha o direito de visitar Damon, mas quando completou dezoito anos, encontrou-a e eles mantiveram um relacionamento. A especulação no



arquivo diz que ela é a razão pela qual ele começou a vender drogas. O veneno de sua mãe é a heroína, que é o que a polícia acha que Damon vende, entre outras merdas. Ele é conhecido por outros crimes também, qualquer coisa para colocar as mãos no dinheiro.

— Porra! — Grito, levantando-me do chão. Aaron entra naquele momento, olhando para os papeis jogados em toda a sala.

— Você encontrou alguma coisa? — Pergunta ele, olhando preocupado para mim. Provavelmente questionando minha sanidade. Sinto que realmente estou a perdendo, mas se perder as duas pessoas mais importantes da minha vida, a minha sanidade mental será a menor de suas preocupações.

— Sim. Você copiou e enviou todos os arquivos para mim? — Eu pergunto, apontando para a bagunça.

— Sim, por quê?

— Acho que sei onde ele a levou. Harris, você vem comigo? — Eu grito antes de me virar para Aaron, perguntando-me pela primeira vez quem lhe disse para vir aqui. A última coisa que ouvimos era que ele estaria enviando a imagem de Damon para as delegacias locais. — Por que você está aqui? Não que eu me importe, poderia usar toda a ajuda que conseguir.

— Eu vim pegar Lexi para levá-la ao hospital. — Ele me diz, olhando para a direita, onde Lexi está com uma sacola de coisas. Por que porra ela está arrumando suas coisas? Minha raiva sobe novamente, mas então,



percebo que ela está embalando alguns dos pertences de Imogen também. Olho para ela confuso, perguntando o que porra ela está fazendo. Ela deve ter sentido meu olhar, porque para o que está fazendo e se vira para mim.

— Você vai encontrá-la. Está indo buscá-la e quando o fizer, ela terá o conforto de suas próprias coisas. Tenho algumas coisas para Kennedy também. Eu sei que tenho sido uma amiga de merda e fiz as coisas ficarem estranhas entre nós. Eu vim para dizer que sinto muito. Mas depois que isso aconteceu, eu... Apenas quero estar aqui para todos vocês.

Dou-lhe um pequeno sorriso, grato que ela esteja aqui e pensou em tudo isso. Kennedy não tem ninguém, assim como Lexi. Toda a sua família a deserdou ou faleceu. Seu ex não era a melhor das pessoas e sua família também não eram os mais brilhantes. Kennedy, porém, me tem. Ela sempre terá a mim. E não vou a lugar nenhum.

— Obrigado. — Murmuro. — Por favor, ligue-me se souber de alguma coisa. — Digo a ela. Vou até ela e beijo sua testa, antes de pegar minhas chaves.

— Eu vou dirigir. — Harris grita. Eu paro, virando-me, não tenho tempo para esta merda.

— Eu tenho o assento de carro de Imogen. — Grito de volta.

— Você também está bloqueado. — Ele diz e é quando noto que um carro parou atrás do meu, me deixando



sem espaço para sair.

— Caralho. — Rosno, chutando o pneu do carro infrator. Esse filho da puta precisa de lições de estacionamento.



CAPÍTULO QUATORZE

EVAN

A estrada para a casa da mãe de Damon parece estar demorando uma eternidade. Mas esse tempo de merda que está não é a razão principal para nosso atraso.

Todos os semáforos que nos deparamos estavam vermelhos, a cada cruzamento tinha crianças ou outras pessoas atravessando. Finalmente, saímos para a estrada secundária que conduz à casa dela. Estou literalmente pulando no meu assento pronto para terminarr com essa merda.

Tomando uma curva acentuada o carro patina para o lado. Harris tenta endireitá-lo, mas é tarde demais. O carro acaba ao lado da estrada. Ele tenta puxar para fora, mas os pneus derrapam na lama, afundando. Colocando o carro em marcha, ele tenta avançar, mas o carro faz o mesmo.

Estamos presos.



— Isto é uma merda, ótimo! — Grito, batendo as mãos no painel.

As rodas traseiras estão girando como lama voando por toda a lateral do carro. Harris e eu trocamos olhares antes de eu ir para a chuva torrencial, correndo para a traseira do carro.

— Um, dois, três. — Harris grita, acelerando o carro. Respingos de lama caem sobre mim. Assim, não apenas estou todo molhado, mas agora estou coberto de lama, porra.

Empurro com força, a força proveniente de toda a raiva reprimida que venho abrigando durante as últimas horas. Estou perto. Porra estou tão perto de conseguir Imogen de volta e isso acontece.

Meu coração ruge à vida quando empurro o carro para frente, o movimento quase me fazendo voar junto. Eu me estabilizo antes da minha cara encontrar o chão e corro, saltando de volta para o banco do passageiro.

Meu pé bate nervoso no chão do carro e estou pronto para saltar para fora quando paramos acima em sua rua. A tensão no carro é sufocante, mas não me importo, apenas quero a minha garota de volta.

— Acalme-se. Se ela estiver lá você não quer chegar com tudo e colocá-la em perigo. Vamos dar uma olhada na parte de trás. O reforço está a caminho. Eles estão cinco minutos atrás de nós. — Harris me avisa. Eu sei todas as regras, todas as orientações e tenho a minha própria maneira de fazer merda, mas esta noite? Está apenas indo para os



ares. O céu está completamente escuro, a lua coberta pelas nuvens negras enquanto a chuva ainda cai pesada. Ele coincide perfeitamente com o meu humor.

Há um carro parado na garagem quando passamos e paramos algumas casas abaixo. Há mais carros na rua, mas não há como dizer se eles estão em casa. Quando dou uma olhada na casa, as luzes estão brilhando em cada janela.

— Bem, eles definitivamente estão lá. — Murmuro.

— O que você quer fazer? — Harris pergunta olhando a vizinhança barra pesada ao redor.

— Espere. — Digo a ele, segurando a minha mão para cima. Eu leio a mensagem no meu celular, batendo para fora uma resposta rápida antes de colocá-lo de volta no bolso. — Andrews está aqui. Ele vai vigiar a frente. Nós não queremos dar uma chance dele escapar.

— Então vamos pela parte de trás. Vamos lá.

Nós saltamos para fora do carro, andando até garagem do vizinho. Espero que o filho da puta esteja muito perdido para vigiar. Eu não quero que ele nos perceba até que seja tarde demais. Eu não quero que nos veja chegando.

Nós deslizamos até o jardim da parte de trás da casa. O jardim é cercado, então, pulamos a cerca para o que deve ser um lixão. Não, estou falando sério. Qualquer coisa, tudo



enche o jardim: carrinhos de compras, geladeira, freezer, sofás, um forno e outros tipos de lixo e sucata.

— A mulher precisa de um lugar para despejar o lixo. — Murmura Harris em desgosto.

— Acho que esse é o lugar. — Respondo antes de me dirigir lentamente para a porta dos fundos.

Nós chegamos mais perto da porta dos fundos, ambos agachados sob a janela da cozinha. Lentamente deslizo para cima da parede para dar uma olhada, mas o choro de um bebê me para no caminho.

— Porra. — Sussurra Harris. Apenas então a gritaria começa na casa e minha espinha endurece.

— Cale a porra da boca dessa criança. — Uma mulher grita sobre a música e outras vozes.

— Você, cubra a boca dela. Se eu tocar essa coisa vou arrancar seus pulmões. — Um homem diz, ganhando risadas de quem mais está na casa. Não paro para pensar. Fico de pé, a perna levantada e chuto a porta.

A primeira coisa que vejo quando entro na cozinha é que a sala está cheia de fumaça. Existem alguns outros caras que estão em volta, mas um olhar para a minha expressão e eles saem da porta da cozinha.

O que acontece em seguida acontece rapidamente. Um minuto Damon está de pé do lado oposto da



mesa, então no próximo, ele está saltando por ela. Ambos avançando para o outro com força total e acabamos colidindo com a mesa, a madeira se quebrando ao redor de nós.

— Onde está a porra da minha filha? — Eu grito, erguendo o punho em seu rosto. Seu sorriso malicioso incendeia minha raiva e o sangue vermelho revestindo seus dentes não faz nada para satisfazer a minha necessidade de machucá-lo, fazê-lo pagar.

Soco após soco levanto meu punho, querendo matar o filho da puta. Tudo o que vejo é vermelho. Eu não me importo com meu trabalho, sobre ir para a prisão ou qualquer coisa. Apenas quero que ele pague pelo que fez.

— Você vai morrer. — Damon diz cuspindo sangue em seus pés.

Um chute no meu estômago me faz voar para trás e Damon está sobre mim em um segundo. Bloqueio cada golpe, como fui treinado, mas não o impedi de acertar alguns socos.

Mais barulho da casa me atinge, mas nenhum deles se registra. A única pessoa que posso ver agora é *ele,* a única pessoa em minha mente é *ele* e eu não vou parar até que esteja implorando por misericórdia.

Tirar as pernas de debaixo dele me dá uma vantagem. Estou em cima dele em um segundo e o aperto com força pelo pescoço.

— Eu não serei o único a morrer esta noite. — Aperto os dentes, sentindo minhas mãos se moverem com mais



força. Seu rosto começa a ficar vermelho e encontro satisfação em uma fração de segundo. Então ele me agarra pela cintura com as pernas, o braço em meu pescoço e nos torcendo pelo lado. Aterrisso com um baque contra um armário, uma leve dor disparando no meu lado.

Mais gritos enchem a cozinha junto com o som de vidro quebrado e outros ruídos. Tento ouvir Imogen, mas Damon usa essa fração de segundo de distração para me dar um soco na orelha, fazendo-me perder o equilíbrio por um segundo.

Alcançando-o, bato a palma da minha mão tão forte quanto posso em seu nariz. O sangue jorra em todo lugar e ele uiva de dor antes de me chutar novamente, acertando meu tornozelo. Seus gritos ecoam em meus ouvidos enquanto tento me equilibrar.

Fodido medíocre.

Tenho de repente alguém nas minhas costas, minhas pernas me levando para trás pelo peso repentino. Quem porra está em mim desfere alguns socos na minha cabeça antes de eu bater as costas contra a pia, seus gritos de agonia vêem do outro lado da cozinha. Eu o jogo pelo meu ombro sobre Damon, que acaba de se levantar e empurra os dois para o chão. Minha respiração é irregular, suor cobrindo minha testa e corpo.

Quando Damon chuta o cara, estou pronto para ele. Eu consigo lhe dar alguns chutes nas costelas, antes de perder o fôlego. Em sua mão Damon mantém a grossa perna



quebrada da mesa, com o foco na minha lateral. Meus reflexos estão se tornando lentos e ele consegue me derrubar no chão.

Ele se levanta, assim que o som de mais vozes enche a casa. Seus olhos assustados saltam para mim antes de correr para a porta dos fundos. Posso ver a decisão em seus olhos e antes que ele possa fazer chegar até ela, chuto seus pés de novo o derrubando no chão.

Deitado, de costas, levanto os braços acima de mim, as palmas das minhas mãos tocando o chão antes de levantar os joelhos tão perto quanto posso da minha cabeça. Flexiono um pouco as costas, lanço meus pés com força antes de impulsionar minha parte superior do corpo para frente, os músculos do meu abdômen e costas se esticando. Quando estou na vertical e firmemente sobre meus pés, me movo para a esquerda, circulando Damon. Ele não desiste. Assim que as pontas de seus pés estão tocando o chão da cozinha, ele tenta passar por mim para a porta de trás. Ele não vai muito longe antes de eu esticar meu braço, pegando-o no peito. Ele grunhe com o contato e dou-lhe um sorriso.

— Brincando com fogo, policial. — Ele diz. Com uma força que eu não pensei que ainda tivesse nele, ele me tem pelos ombros e está me puxando do outro lado da cozinha, meu corpo batendo com força na pia. Talheres caem ao meu redor, pratos e canecas se quebrando no chão.

Rolo para o lado, para longe da pia e me endireito. Grunhindo, corro para frente, socando o lado de seu estômago. Ele assobia de dor, ao



mesmo tempo ele joga mais um golpe para meu queixo, derrubando-me alguns passos. Logo ganho compostura e o empurro contra a bancada do outro lado da cozinha, minhas mãos segurando seu pescoço em outro aperto forte. Apenas que desta vez eu não lhe mostro clemência.

Ver a cicatriz em seu rosto é apenas mais um lembrete de quanto medo Kennedy sentiu dele. Imagens de seu rosto e corpo machucados brilham através minha mente e isso só faz minha raiva aumentar.

— Você vai pagar pelo que fez à minha mulher e filha. — Eu digo. O sabor de sangue invade minha boca e é pior do que o cheiro de sangue enchendo o ar na pequena cozinha.

— Vá se foder. — Ele engasga tentando cuspir em mim.

Eu riu jogando minha cabeça para trás e sei que soa como maníaco. Estou louco. Com certeza. Ouço Harris gritar alguma coisa, para mim, mas o zumbido nos meus ouvidos para todos meus sentidos de audição, controle e raciocínio.

Quando olho para dentro dos olhos do homem sem alma que fez isso com a minha vida, meu mundo finalmente sai dessa. Ele precisa pagar. E não me refiro a pagar comigo acabando com sua vida. Isso é muito fácil para ele. Apenas vai me fazer pagar por seus erros cometidos. Ir para a cadeia por causa de uma porra de um perdedor como ele não vai me ajudar a conseguir Imogen de volta para sua mãe. Não vai mudar o que aconteceu e como



eu disse, seria muito fácil para ele se o deixasse morrer.

Eu jogo Damon para longe de mim, empurrando seu corpo inerte de volta para o balcão com um baque forte. Virando-me estou prestes a questionar Harris quando vejo algo prata refletir à luz da cozinha. Cega-me momentaneamente, o tempo suficiente para eu perceber Damon levantar a mão.

Mesmo exausto, emocionalmente esgotado e só levado pela minha raiva, movo-me rapidamente. Minha mão dispara agarrando seu pulso em um aperto forte. Avanço, curvando-o para trás antes de bater sua mão contra o armário da parede alta. Levam-me algumas tentativas antes da faca cair no chão. Uma vez que é seguro, dou um passo para trás e antes que ele possa avançar em mim outra vez, recuo meu punho para trás, dando um último golpe e o nocauteio.

Ele cai no chão em uma pilha e eu não me incomodo em verificar se está bem. Eu apenas giro para pegar minha filha.

Harris está lá, seu pé nas costas de uma senhora enquanto ele segura uma Imogen gritando em seus braços. Ela parece nojenta. Os filhos da puta nem sequer se preocuparam em trocá-la. Ela está em uma fralda cheia de merda, molhada, o mau cheiro quase me faz vomitar. Está vazando através de suas roupas, as manchas são visíveis e meu coração se aperta.

Ela ainda está gritando com toda a força de seus pulmões, seu rosto está vermelho brilhante na fronteira com roxo, mas exceto isso não consegui ver quaisquer cortes ou



hematomas. Mesmo assim, ainda não significa que não tenha algum sobre ela ou que não a tenham machucado.

Eu fixo meus olhos em Harris enquanto agarro Imogen dele. No segundo que pego em meus braços estou segurando-a forte. Ela chora mais, o som partindo meu coração. Eu a verifico, visualmente não tem sinais de qualquer lesão, o que me faz relaxar um pouco. Mas o cheiro de ervas em suas roupas faz o meu corpo ficar tenso mais uma vez.

Preciso saber se a ambulância está a caminho, então quando abro minha boca para perguntar, um tumulto no chão me faz olhar para baixo. Harris ainda tem o pé pressionado firmemente para baixo em quem presumo ser a mãe. Acabo dando-lhe um olhar estranho pela lateral dos olhos e de volta para a mulher lutando no chão.

— Ela resistiu à prisão. — Ele encolhe os ombros e posso dizer que não está me dizendo algo quando seus olhos desviam levemente para a esquerda.

— O que ela fez? — Grito, desejando poder desfazer a minha política de não bater em mulheres apenas por um segundo. A mulher está usando roupas sujas que são muito grandes para ela. Posso ver ossos saindo em todos os lugares que olho e quando meus olhos chegam aos dela parecem apenas frio e áspero como sua expressão.

— Olha, a ambulância deve chegar em um segundo. — Diz ele,



assim quando ouço as sirenes se aproximando. Eu movo para a porta enquanto ele fala. — Não perca a cabeça agora. Eles vão dizer-lhe ou você vai me ouvir informar ao paramédico, mas ela tinha as mãos ao redor do pescoço de Immy, então se certifique que os paramédicos a olhem mais adequadamente. — Acrescenta rapidamente, parecendo pronto para me forçar se for necessário.

— Porra. — Sou rasgado com a possibilidade de bater numa mulher pela primeira vez na minha vida, mas ter Imogen gritando em meus braços me lembra que ela precisa chegar ao hospital. Precisa ser mais verificada e certamente precisa vir antes de uma porra de babaca desprezível. A mãe de Damon vai pagar pelo que ela fez, assim como seu filho.

Saindo pela porta, dois oficiais vêm correndo pelo jardim da frente. — Eles estão na cozinha. Um está desmaiado, um está sendo contido. — Digo a eles enquanto ando direto para a ambulância. Estou prestes a chegar à parte de trás quando o paramédico me para.

— Desculpe senhor, mas terá que esperar. Temos um paciente que está inconsciente com o qual precisamos lidar primeiro. — Ele diz e eu vejo vermelho.

— Não, você não vai fazer isso. — Digo. — Você tem um bebê de cinco meses que foi sequestrado, estrangulado e está imundo, ela está coberta de merda e urina. Agora entre no banco da frente e nos leve para a merda do hospital.



Ele abre a boca e embora pareça apologético, parece o tipo de cara que odeia ter suas bolas arrancadas. Resmunga baixinho.

— Vou ligar para outro paramédico, mas darei uma olhada nele antes de voltar. — O paramédico diz. Quero puxá-lo para trás, dizer-lhe que o filho da puta merece apodrecer.

A paramédica estica seus braços para Imogen e eu hesito por um segundo antes de entregá-la. Ela ainda está se contorcendo, seus pulmões protestando contra seus gritos roucos. Quando descobri sobre Imogen, sabia que me preocuparia cada segundo de cada dia. Eu seria esse pai super protetor, não deixando ter encontros e dando-lhe um toque de recolher. Estaria em cada peça da escola, cada desempenho de dança e todos os dias dos esportes. Mas nenhuma vez quando pensei sobre o nosso futuro, considerei sentir este tipo de dor. Perdê-la nem sequer passou por minha cabeça, nunca me preparei para isso, porque nunca senti como uma possibilidade. Morreria antes de deixar algo ou alguém machucá-la.

Mas hoje eu falhei.

Eu não a protegi.

Agora ela está ferida, está gritando, passando Deus sabe o que e não há nada que eu possa fazer.

Nem mesmo uma semana como seu pai e falhei da pior maneira possível.

— Você pode nos dizer se ela tem quaisquer condições médicas? — A



paramédica pergunta gentilmente, colocando Immy na maca.

Minha mente está em branco. Eu não sei nada. Não sei nada além do que Kennedy me contou sobre as condições médicas do seu nascimento. Ela não disse nada sobre quaisquer condições de longa duração.

Olhando para a paramédica, esfrego minhas mãos pelo rosto antes de responder, dando-lhe tudo o que sei. — Ela nasceu de uma viciada. Eu sei que teve alguns problemas depois de nascer, mas não acho que ainda interfere. Apenas estou em sua vida por um curto tempo. — Minto, não querendo parecer um canalha. Tenho medo de dizer que estou em sua vida por uma semana e queiram me tirá-la.

— Você é o pai da menina?

— Sim. — Aceno observando-a atentamente esperando o julgamento, mas quando não vejo nenhum, relaxo um pouco. É óbvio que estou envolvido na lei e o fato de acabar de anunciar que Immy nasceu de uma viciada, apenas posso imaginar o que eles estão pensando.

Eu me aproximo de Imogen e imediatamente ela envolve a mão no meu dedo e sorrio para ela, meu coração se parte.

— Posso trocá-la? — A mulher pergunta e aceno com a cabeça, sentindo lágrimas encherem meus olhos. Eu poderia tê-la perdido. Poderia tê-la perdido e sua mãe no mesmo dia. Ainda não sei o que está acontecendo com Kennedy no hospital, ninguém entrou em contato comigo desde que



saí e eu não sei se isso é bom ou ruim. Apenas pensar em Kennedy sozinha, machucada e sofrendo naquele hospital faz meu coração bater mais rápido e provoca uma preocupação na boca do meu estômago.

Eu vejo como ela gentilmente tira sua roupa, usando lenços umedecidos para limpar seu corpo. Quando ela começa a fixar almofadas ao peito eu faço um som asfixiado, minha garganta se fechando.

— Pode segurar o braço dela para mim?

— O quê? Por quê? — Pergunto em pânico.

— Eu preciso para colocar um IV em sua filha. Ela precisa de fluidos. — Ela explica enquanto mexe em seus equipamentos.

Tomando um fôlego enorme eu pego o minúsculo braço de Immy na minha mão, sentindo-me mal do estômago quando ela grita com a agulha perfurando sua pele. A paramédica trabalha de forma rápida e fluente. Quando acaba, se vira para frente da ambulância.

Viro na mesma direção notando pela primeira vez que o outro paramédico voltou.

— Estamos prontos para ir. —Ela grita agarrando algumas outras coisas ao lado.

— Ela ficará bem? — Pergunto-lhe quando o carro começa a se mover.

— Vou deixá-la sem roupas por enquanto e envolvê-la em um



cobertor térmico. Esperamos que agora que está fora de suas roupas sujas e recebendo alguns fluidos, seja capaz de se acalmar. Ela tem alguns hematomas no lado de seu pescoço, marcas de dedos claramente. Os médicos do hospital vão olhar quando chegarmos. Sua freqüência cardíaca está um pouco alta no momento, mas é mais provável devido ao estresse sob qual seu corpo está. Uma vez que estabilizar e descontrair, serão capazes de lhe dizer mais. Não há outros sinais claros de lesão, mas temos os melhores médicos de plantão à espera no pronto-socorro.

— Obrigado. — Digo, observando-a mover Imogen sem esforço aparente enquanto o carro se move constantemente através de tráfego.

Estamos chegando ao hospital quando Imogen finalmente cai no sono por exaustão, com a mão minúscula ainda segurando meu dedo com toda sua força.

Quanto mais nos aproximamos, mais rezo para que quando eu entrar no hospital Kennedy esteja já acordada e pronta para nos receber. Precisamos dela. Imogen precisa dela.

De uma forma ou de outra, não sairei deste hospital, sem as minhas duas meninas em meus braços. Na verdade, assim que estivermos em casa, não há nenhuma maneira de deixá-las que saiam novamente.



CAPÍTULO QUINZE

KENNEDY

Minha nossa, minha cabeça dói. O que está acontecendo? Que barulho é esse? Abro os olhos com uma luta. Eles estão pesados como se estivessem colados. Dentro de mim estou entrando em pânico, imaginando porque não sinto que tenho controle sobre o meu corpo. Levanto minha mão, mas também está pesada. Meus olhos têm água por trás das pálpebras. Minhas lágrimas parecem tornar mais fácil abrir os olhos e quando o faço, fico surpresa quando descubro que estou deitada em uma cama de hospital, tubos ao redor de meus braços e mãos.

Minha cabeça está muito pesada para movê-la mais e olho para o maçante teto creme perguntando por que estou aqui. O que eu fiz? Vários cenários passam pela minha cabeça, mas nenhum faz sentido. Minha imaginação está correndo solta com explicações horríveis, mas a dor batendo na minha cabeça está impedindo qualquer coisa real de se formar.

Isso é quando a dor começa a ser registrada. Na primeira, é apenas o bater na minha cabeça, como se



alguém tivesse um martelo lá dentro tentando esmagar tudo. Minha perna, peito, Cristo todo meu corpo está latejando com uma dor excruciante. Tocando a mão na minha cabeça eu sinto uma bandagem ao redor e começo a entrar em pânico. Precisando me levantar, me viro na cama, gritos de dor deixam minha boca.

Mesmo que meu corpo esteja a ponto de desistir, eu não estou. Preciso de respostas. Apenas quando estou prestes a abrir a boca para gritar, a porta se abre e uma mulher que reconheço entra. Ela deve ouvir o som que escapa a minha boca, porque levanta a cabeça e ofega. Ela está olhando para mim com uma mistura de horror e preocupação.

Em pânico abro minha boca para implorar por respostas. Mas em um ataque de cegueira tudo vem à tona dolorosamente.

Imogen.

Mel me ligou. Houve um arrombamento. Em seguida, Imogen foi levada. Alguém sabe? Mel chamou a polícia? Será que eles a pegaram? Ah não! E se ela ainda estiver lá fora e ninguém sabe? Um grito estrangulado sai da minha boca.

Jogo as cobertas de cima de mim, ignorando a dor que salta do meu corpo machucado, dolorido. Em qualquer outro momento eu me sentiria envergonhada, por saber *que ela* estar me vendo no meu momento mais vulnerável. Não é um sentimento ao qual estou acostumada também. Especialmente com alguém que não gosta de mim.



Sentar é uma tarefa dolorosa e miserável. O vestido que eles me colocaram é aberto na parte de trás e sinto a brisa bater na minha pele nua fazendo-me tremer. Nada vai me impedir de ficar com minha filha. Mesmo se eu tiver que vagar por estas salas ou nas ruas vestida em apenas isso.

— Ei Kennedy, sou eu. Você se lembra de mim? Sou Denny, a irmã de Evan. — A garota diz suavemente e olho para cima para encontrar lágrimas em seus olhos. Porque ela está chorando? Aconteceu alguma coisa com Imogen? Será que ela sabe alguma coisa?

— Você precisa... Você precisa me ajudar. Imogen... Eu preciso encontrar Imogen. — Choro. A dor que sinto na minha garganta é tão crua, tão dolorosa, que é além de qualquer dor de garganta que eu tenha sofrido no passado.

— Fique calma, Kennedy. Vamos lá, volte para a cama. Precisa descansar. Eu sei sobre Imogen. Evan foi buscar sua filha, eu juro. — Ela diz com convicção, sua voz é cheia de promessas.

— Por que você está aqui? — Pergunto me acalmando. Faço o que me disse, deitando-me na cama. O olhar em seus olhos não deixa espaço para discussão e não há nenhuma maneira que tenha forças para lutar com ela. Não quando preciso poupar minhas forças para Imogen. Ela precisará de mim.

— Lexi, a vizinha do lado de Evan, me ligou. Ela está lá fora. Não acha que você a queira aqui, mas não a



deixou. Está preocupada com você. — Denny fala. Lexi? Do lado de fora? E Denny está aqui. Nada disso parece real. Não Denny, não Lexi e não estar no hospital.

— Isto é real ou estou sonhando? — Pergunto séria. Ela ri assim que a porta se abre.

— Há algum sinal de consciência? Oh, oi, vou esperar lá fora. — Lexi murmura baixinho, seu rosto corado.

— Lexi? — Eu a chamo, querendo saber o que ela está fazendo aqui. Será que sabe sobre Imogen ou onde Evan está?

— Ei. — Ela diz de volta andando até mim lentamente. Parece cansada e preocupada, sua preocupação me choca depois do que fez com Evan. Mas sei que se alguém tem respostas, é ela.

— Onde está Evan? — Pergunto com lágrimas na minha voz.

— Ele foi buscar sua menina. — Diz dando-me um pequeno sorriso.

— Ele a encontrou? — Pergunto, meu coração se enchendo de esperança.

— Não tenho certeza. Quando saí, estava inflexível sobre ela estar na casa da mãe de Damon. — Diz honestamente.

Suspiro. Minha preocupação no carro sobre Damon estava certa. Que a situação foi criada, uma armadilha para pegar minha menina. Mas como ele sabia que estaria com Mel? Não é como se Mel e eu



saíssemos por aí juntas. Tudo o que sei é que, se está com aquele monstro, não é seguro.

Suas palavras ecoaram mais e mais na minha cabeça, a promessa que fez de vender Imogen, minha visão fica embaçada.

Tento levantar-me novamente para saber o que Damon pretende fazer com ela. Disse que iria vendê-la. Ele se preocupa apenas com seus três mil de volta. Três mil que voluntariamente deu a uma viciada em drogas, em primeiro lugar. Não se importa com o que meu bebê vai passar. Que esteja arruinando sua vida ou a minha, que esteja destruindo as vidas de duas pessoas inocentes.

— Ei, ele vai encontrá-la. Ele te ama, Kennedy, te ama tanto. Não vai parar até a encontrar. — Ela me diz e posso ouvir a sinceridade em sua voz. Não parece triste por isso, apenas certa disso.

— Ele vai vendê-la. — Eu grito, a dor no meu corpo tornando-se demais. Denny ajuda-me a deitar de novo, mas meu corpo permanece rígido e minhas lágrimas continuam fluindo pelo rosto.

— Quem, Evan? — Denny pergunta confusa.

— Não. Minha irmã estava em uma situação ruim. O homem que ela devia dinheiro veio até minha casa e me bateu. Ele ameaçou levar Imogen e vendê-la.

— Oh, Deus. — Denny chora, cobrindo a boca. — Você teve que passar por tanta coisa. Eu não sabia. Sinto muito pela maneira como agi. Estava sendo teimosa e estúpida.



Nunca quis dizer qualquer uma das coisas que disse. Nada disso era ainda sobre você. Meu ciúme estúpido assumiu. Apenas sinto falta do meu irmão. —Ela admite e seguro sua mão.

— Está tudo bem. Entendi sua intenção. Apenas não quero que vocês briguem um com o outro por minha causa. — Digo a ela, sentindo meus olhos lacrimejarem. — Ele te ama.

— Eu sei. Apenas queria que naquele dia tivesse lidado com tudo isso de uma forma diferente. Ser mãe me mudou de tantas maneiras, mas acho que no fundo, ainda sou um pouco imatura. Tenho muito a aprender. — Ela admite triste.

— Você estava sendo uma irmã super protetora. — Sorrio, mas oscila enquanto mais lágrimas caem livremente. — Sinto muito também, por jogar tudo isso em você sem nenhum aviso.

— Já que estamos todos no bonde das desculpas, quero pedir desculpas também, Kennedy. O que eu fiz foi desnecessário, sinto muito, principalmente porque estava errada. Eu o vi feliz e quis atraí-lo até mim, porque não podia encontrar *a minha* felicidade. No fundo sabia que nunca iria encontrá-la, mas quando notei que ele a tinha, acreditei que poderia ter isso junto dele também. Foi errado da minha parte. Apenas lamento que a tenha machucado. Você não fez nada, além de ser gentil comigo, ao passo que, se eu fosse você, teria batido a porta na minha cara agora. — Ela ri, mas é forçado, o sorriso não atinge os olhos.

Lembro-me de todas as vezes que ela me julgou quando eu abria a



porta. O olhar que tinha em seus olhos. Nem uma vez achei que estivesse com ciúmes da situação. Apenas a vi com ciúmes de meu relacionamento com Evan.

Saber que ela ficou nua na frente de Evan ainda me irrita um pouco. Mas vendo Lexi agora, tenho que perceber que realmente não conheci a verdadeira Lexi. Ela parece sinceramente preocupada com meu bem-estar e parece ser uma pessoa genuína. Talvez se eu não tivesse aparecido, ela e Evan poderiam ter se entendido. O pensamento provoca uma dor aguda no meu coração. Pensar nele com outra mulher me faz sentir doente. Mas o pensamento de que estaria melhor sem mim passou pela minha cabeça mais de uma vez desde que Lexi entrou na sala.

— Por favor, não. Eu não aguento mais. Às vezes acho que todo mundo estaria melhor sem mim e a minha chegada. — Choro, sentindo pena de mim mesma. A vida de Imogen está arruinada e a de Evan será destruída se ele não conseguir pegá-la de volta, a minha? A minha foi condenada no instante em que recebi aquela ligação me dizendo que estava desaparecida. A única razão por Evan ainda estar interessado em mim é por causa de Imogen. Sem ela não há dúvida de que estaria com outra pessoa agora. Ele nunca olharia duas vezes para uma mulher como eu.

Meus sentimentos por Evan cresceram ao longo da semana e a cada dia se tornaram mais fortes. Lá no fundo eu sei que se não fosse por Imogen não estaríamos juntos.



Denny deve ter visto a dúvida em meu rosto, porque ela aperta minha mão.

— Não. Não faça isso. Pensei que Mason estivesse comigo por causa de Hope, mas estava errada. Muito, errada. — Ela suspira, sorrindo melancolicamente. — Ele me ama pelo que sou, Hope foi apenas um bônus adicional. Evan te ama. Ele nunca levou uma garota a casa para nos apresentar antes... Nunca. Nem mesmo na escola. Não deixe que sua cabeça a leve para esse lado, Kennedy. Eu posso não te conhecer, mas pelo que vovó disse você é a melhor coisa desde o pão fatiado. — Ela ri piscando para mim.

— Obrigada. — Eu disse, antes de me virar para Lexi. — E obrigada. Por vir aqui e ficar. — Digo a ela, em seguida, um pensamento me ocorre. — Como você sabia que estava aqui? — Eu pergunto a Denny.

— Lexi me ligou. Fiquei com Evan durante um tempo no ano passado e Lexi limpou a casa antes de eu chegar. Ela ainda tinha o meu número em seus contatos. Minha avó está a caminho também. Ela ficou presa em alguma ponte. O rio transbordou ou algo assim, então ficou esperando que todos retornassem para que pudesse sair. Ligou há vinte minutos me dizendo que estava a caminho.

— Eu não mereço qualquer um de vocês. — Digo assim que a porta se abre outra vez.

Um homem que não conheço entra, seguido por outro que eu sei que é Mason. Ninguém poderia esquecer



aquele rosto. Ele ainda é tão bonito como quando o vi pela primeira vez. Lembro-me de Evan me dizer que ele tinha quatro irmãos, mas olhando para o homem de pé na frente dele, sei que não é um deles. Tem o cabelo louro arenoso bagunçado e despenteado. Ele é mais alto que Mason, mas apenas um pouco. Ele também se movimenta com importância, uma confiança que você não vê em muitas pessoas. Também tem uma energia letal ao redor dele. Algo me diz que não gostaria de despertar o lado torto dele. Pelo olhar no rosto de Lexi quando se aproxima, diria que ela não se importaria com o lado que tivesse. Tenho que abafar uma risadinha. Quer dizer, quão inapropriado seria eu começar a rir agora. Minha filha se foi, Evan se foi e eu não tenho idéia do que está acontecendo.

— Ei, eu sou Aaron. Sou o ex-companheiro de Evan. — O homem na frente se apresenta. Olho para ele e aceno com a cabeça, mordendo meu lábio. Deve ser as drogas, porque eu não posso evitar a próxima coisa que desliza da minha boca.

— Eu não sabia que ele era gay. — Murmuro em voz alta. Quando percebo que disse isso em voz alta, começo a rir. Eu rio com tanta força que começa a doer meus lados. Minha risada se transformar em gargalhada, alta, histérica.

Num minuto estou rindo, rindo tão forte que tudo ao meu redor desaparece. Em seguida, se transformam em soluços. O primeiro que rompe é doloroso e ecoa em todo o pequeno quarto do hospital agora em silêncio.

Denny me pega nos braços, deixando-me chorar em seu peito. —



Eu preciso dela de volta. — Choro, minhas emoções em todo o lugar. Tento me recompor. Estar neste estado não vai ajudar ninguém.

— Eu quis dizer companheiro de trabalho. — Ouço Aaron dizer antes de ouvir Lexi rir.

— Onde ele está? — Pergunto virando minha cabeça, ainda fungando. Não me movo, mantendo-me nos braços de Denny, precisando de conforto.

Mason contorna a cama, olhando entre nós e quando olha para trás até Denny, seus olhos são suaves.

Isso é tão doce, penso quando ele a alcança, inclinando-se para beijar sua testa. Se ao menos eu tivesse Evan aqui. Ou até melhor, Imogen. Meu coração está partido por não ter nenhum aqui comigo. Eu preciso deles. Sempre vou precisar deles.

— Ele está lá embaixo esperando que examinem melhor Imogen. — Afirma Aaron e não devo tê-lo ouvido direito, então eu me sento melhor, fazendo uma careta quando a dor se torna demais. Minha perna dói mais. Apenas tenho que virar minha cabeça e uma dor irradia da minha perna até os dedos dos pés.

— Desculpe, mas poderia repetir isso, lentamente. — Digo a ele, olhando para sua boca, certificando-me de não perder nenhuma palavra.

— Ele está lá embaixo esperando que examinem melhor Imogen. — Diz ele e seus lábios se contorcem olhando



para meu estado imóvel.

— Oh meu Deus. — Eu grito minhas mãos voando para a boca. — Ela está bem? Onde ela estava? Está machucada? Ficará bem? Diga-me! — Eu grito com ele, sentindo-me histérica, fazendo uma enfermeira vir correndo.

— O que está acontecendo aqui? — Pergunta ela com firmeza, olhando para os homens no quarto com cautela.

— Nós estamos bem. — Aaron diz a ela piscando, antes de voltar para mim. — Ela está bem. Apenas precisa esperar o médico para lhe dar o ok para sair antes que ele possa subir. Ele quer subir e vê-la, mas não quer deixar Imogen. Eu me ofereci para vigiá-la, mas ele quase me bateu. — Ele brinca.

A enfermeira se aproxima e começa a verificar as máquinas. Eu acho que estou em estado de choque, porque não consigo dizer nada. Ela foi encontrada. Está segura. Está bem. Evan está seguro. Meu coração bate rapidamente e a máquina ao meu lado começa a apitar como uma louca. A enfermeira se aproxima e diz algo, mas minha mente está paralisada.

Minha filha.

Minha filha está segura.

— Senhorita precisa que você se acalme.

— Ela está segura. Ela está segura. — Choro, Denny me abraça. Eu choro em seu ombro assim que a



porta se abre outra vez.

Esperando que seja outra enfermeira ou talvez um médico, eu me afasto. Mas quando um grande homem passa pela porta, minha respiração fica presa.

— Evan. — Digo e tudo o que eu estava sentindo segundos atrás começa a se dissolver.



CAPÍTULO DEZESSEIS

EVAN

Os médicos finalmente liberam Imogen.

— Basta ficar de olho nela. Se alguma coisa mudar, não hesite em ligar para o número na folha que lhe dei. — A médica me diz.

— Tem certeza de que ela está bem? — Pergunto novamente. Se há uma chance dela não ficar bem, então por que não estão fazendo-a ficar em observação?

— Sim. A pressão arterial voltou ao normal e ela está hidratada. Não há inchaço dentro de sua garganta, mas o inchaço ao redor de seus hematomas levará alguns dias para sumir. Pode levar a sua filha para casa, Sr. Smith.

Aceno, segurando uma Immy dormindo em meus braços. Depois de estar aqui por algumas horas, finalmente serei capaz de verificar minha mulher. Ninguém foi capaz de me dar qualquer nova informação. Tudo o que me disseram é que ela está estável, mas ainda inconsciente.



Como se isso me fizesse sentir melhor.

Aaron veio não muito tempo atrás para me manter atualizado. Ele se ofereceu para cuidar de Immy enquanto ela estava dormindo, mas o olhar nos meus olhos deve ter lhe dito que não iria acontecer. Sinto como se tivesse que escolher entre a mulher que amo e a menina que amo e odiei cada segundo disso. Até perguntei em certo momento se poderiam tratar Immy no andar de cima, onde sua mãe estava, mas eles me disseram que não.

Babacas.

Estamos andando pelo corredor quando ouço passos atrás de nós, correndo em nossa direção.

— Oh meu Deus, aí está você. Minha menina. — Minha avó exclama e olho em volta imaginado de onde porra ela veio. O corredor estava vazio quando virei à esquina. Ela deve ter corrido para nos alcançar assim tão rapidamente.

— Ei, vovó. — Cumprimento, sentindo-me cansado. Estou muito preocupado com Kennedy e ainda não tenho certeza se deveria tê-los deixado liberarem Immy. Não importa quão sincera a médica pareceu quando falou comigo.

Estamos no andar em que Kennedy está agora, que é uma ala diferente da qual ela estava mais cedo. Quando paro de andar para cumprimentar a minha avó, ela estende as mãos para pegar Immy, mas a seguro mais apertado contra meu peito. Ela ainda está em um cobertor, mas felizmente



agora está com uma fralda graças a uma das enfermeiras.

Lembrei-me de Lexi ter embalado roupas para ambas as meninas. Apenas espero que tenha algo quente, porque não quero que a minha menina sinta frio. Ela sofreu o suficiente hoje.

— Oh, vamos lá, Evan. Estive presa em um trânsito infernal, doente de preocupação pelas minhas duas meninas. Deixe-me segurá-la.

— Sinto muito, vovó, não é nada contra a senhora, mas eu não vou deixá-la sair de perto de mim. Ela apenas sairá dos meus braços para ser colocada com sua mãe. — Digo a ela e seus olhos ficam gentis uma fração antes dela começar a chorar.

— Você é um menino tão bom, Evan. Vamos. Vamos ver como a minha neta está reagindo. — Ela sorri. — Você já sabe de alguma coisa? — Pergunta ela, mas minha mente ainda está focada em *neta*.

— O quê? — Eu pergunto surpresos, meus olhos estalando para os dela com admiração. Como porra ela sabe que estou pensando em pedir Kennedy em casamento? Não que esteja dando muita escolha a Kennedy. Depois de hoje eu sei que não serei capaz de viver sem ela ou Imogen. Não há nenhuma maneira de deixá-las escapar.

— Oh dá um tempo, meu rapaz. Eu vi o jeito que você olhou para ela quando vim conhecê-la. Mas naquela época você não tinha sinos de casamento brilhando em seus olhos. Agora tem. — Ela me diz. Dou-lhe um encolher de ombros, sem me preocupar em negar. Irei me casar



com ela, mesmo se recusar. Vou arrastar sua bunda gostosa pelo corredor, chutando e gritando.

Chegamos à porta do quarto de Kennedy e eu imediatamente ouço vozes vindas de dentro antes de soluços altos ecoarem pelo quarto. Seus gritos batem no meu peito com uma dor aguda e eu tenho que me recompor antes de abrir a porta. Kennedy está chorando no peito da minha irmã. A imagem me choca. Quando me preparava para entrar nesse quarto, imaginei encontrá-la sozinha. Não posso acreditar que ela, de todas as pessoas, está aqui consolando minha mulher. Mason está ao lado de Denny parecendo desconfortável e riria se não fosse pelo fato da minha garota agora estar olhando para mim como se tivesse visto um fantasma.

— Evan. — Ela diz.

— Ei baby. — Sorrio e entro. Lexi e Aaron saem do caminho, Aaron colocando o braço ao redor dela enquanto eles vão em direção à janela.

Ela começa a chorar novamente, com os olhos fixos nos meus sua mão alcançando Immy.

— Você fraturou algumas costelas, baby. Tenha cuidado. — Eu a aviso e minha irmã se afasta, mas não muito. Olho para cima e dou-lhe um sorriso agradecido. Suponho que Aaron ligou para ela.

— Lexi me ligou. — Ela sussurra, lendo minha mente. Ela olha de volta para Kennedy, que agora está segurando uma Immy dormindo em seus braços



enquanto soluça. Os olhos de Denny amolecem,lacrimejando enquanto olha para Kennedy, compreendendo somente como uma mãe poderia.

Olhando para Kennedy, verifico para ver se está bem, posso dizer que ela está sentindo dor por segurar Immy, mas também sei que andaria no fogo para estar com ela.

Viro a cabeça para Lexi e sussurro. — Obrigado. — Antes de acariciar o rosto da minha mulher, a parte que não está cheia de cortes e contusões.

— Como está se sentindo? — Pergunto muito feliz ao ver as minhas meninas novamente juntas.

— Muito melhor agora que vocês estão aqui. — Ela me diz, dando-me um sorriso aguado. Eu me inclino para baixo beijando o topo de sua cabeça. — Ela está bem? O que aconteceu?

— Ela está bem. Eles a examinaram e liberaram.

— Ela está machucada. — Diz, lágrimas ainda escorrendo pelo seu rosto enquanto suavemente acaricia a mão de Immy onde o IV foi colocado.

— Sim, baby. — Digo a ela, sem saber o que falar. — Os paramédicos tiveram de colocar um IV. — Eu começo, mas paro sem saber como contar a ela sobre os hematomas no pescoço de Imogen. Kennedy estende a mão para apertar a minha e eu dou-lhe um pequeno sorriso.



— O que aconteceu?

— Ela foi levada por Damon. Nós a encontramos na casa de sua mãe. Os dois foram presos e não vão sair com as acusações. Há muitas contra eles.

— É por isso que você está coberto de hematomas e tem um lábio inchado? — Pergunta ela, sem tirar os olhos de Immy.

— Sim. — Rio e quando ela move o cobertor percebe os hematomas no pescoço de Immy. Ela suspira, olhando para mim horrorizada.

— O que aconteceu? Oh meu Deus, por que a liberaram? Ela está bem? Você tem certeza? — Ela chora, esfregando levemente as contusões.

— Sim, ela é uma guerreira. Certifiquei-me de que outro médico checasse seus ferimentos. Acho que no final eles queriam me sedar. — Eu rio, tentando aliviar o clima.

Todo mundo ouve atentamente no quarto, mas eu os ignoro, meu foco está inteiramente em minhas duas meninas.

— Por que ela está nua? — Ela pergunta, franzindo seu nariz.

— Ela estava suja por não terem trocado sua fralda, baby. Não vamos nos preocupar com isso agora. Ela está segura, de volta conosco, onde ela deveria estar. Eles não podem nos machucar mais, está bem?

Ela sorri, mas não alcança seus olhos e posso ver a preocupação



brilhando neles por sua filha. Eu me inclino e dou-lhe outro beijo quando a enfermeira fala. Eu nem sequer percebi que ela estava no quarto.

— Sinto muito, mas o horário de visitas terminou. Eu sei sobre a sua situação, então falei com a enfermeira responsável da ala e ela disse que era bom ficarem apenas duas pessoas. Então temo que tenha que pedir para o restante de vocês saírem. — Ela nos diz com tristeza.

Nós acenamos com a cabeça, Aaron, Lexi, Mason e Denny dizendo que iriam sair. Precisando de um segundo para ter uma palavra com a minha família, olho para Kennedy antes de falar. — Deixe-me falar com eles do lado de fora e já volto. Vovó, você pode ficar aqui e cuidar delas por um segundo?

— Claro. — Diz ela, acenando para eu sair da extremidade da cama.

Denny se inclina e sussurra algo a Kennedy antes de abraçá-la suavemente. Mason se move e o pobre garoto não sabe como se dirigir a ela. Ele acaba apenas acariciando seu ombro algumas vezes antes de se inclinar e beijar sua bochecha. Eu não vou mentir noivo da minha irmã ou não, eu quero arrancar seu rosto do dela.

Denny deve ter notado minha expressão, porque começa a rir. Pegando a mão de Mason, dá um passo para trás antes de sair do quarto, deixando todos os outros se despedindo. Eu sigo atrás deles ouvindo Lexi dizer adeus juntamente



com Aaron, antes que eles também, nos sigam para fora.

Quando estamos todos do lado de fora eu me viro primeiro para Lexi. Seus olhos se alargam quando sente a minha atenção sobre ela. Antes que possa abrir a boca eu avanço rapidamente, puxando-a contra mim para um abraço apertado. Eu sei que não estava esperando isso quando sinto seu corpo ficar tenso, mas eu preciso que saiba como estou agradecido. Como estou feliz por ter colocado tudo o que aconteceu de lado e ser uma amiga para mim. A amiga que perdi nos últimos meses. Sem sua ajuda hoje, Kennedy estaria deitada naquele quarto, sozinha, apavorada e preocupada. Por isso, serei eternamente grato.

— Obrigada Lexi. Por tudo. — Sussurro em voz rouca. — Matou-me saber que ela estava sozinha. Você sabia disso e veio. Mesmo depois de tudo. — Digo.

— Não se preocupe com isso. — Ela me diz, se afastando. Dou-lhe outro aperto antes de me afastar. Olha para mim com um sorriso triste. — Espero que tudo fique bem com todos vocês. Estou apenas ao lado se precisar de alguma coisa, sempre. Sinto muito pela maneira como tenho agido. Não fui eu mesma e estou muito envergonhada.

— Não vamos nos preocupar com nada disso mais. Podemos começar de novo? — Pergunto, dando-lhe um sorriso genuíno.

— Sim. Gostaria disso. Ah e as bolsas com as coisas que eu trouxe comigo para Imogen e Kennedy estão



nos armários ao lado da cama. A enfermeira disse para deixá-las lá. Se eu soubesse que você estava no hospital mais cedo eu as teria levado para você e Imogen.

Aceno com a cabeça. — Obrigado. Por tudo.

— Ligue se precisar de alguma coisa. — Ela me diz.

— Prometo. — Sorrio, inclinando-me e beijando sua testa. Sorri para mim antes de passar para o lado.

Aaron dá um passo à frente e ao lado, me dando tapinhas no ombro. — Você precisa de mais tempo na academia, companheiro. Ele realmente fez um estrago em você. — Ele brinca, mas noto a maneira como seus olhos escurecem.

— Você não viu o outro filho da puta. — Eu rio.

— Espero que tenha feito um estrago muito maior nele. — Ele pisca antes de me dar o aceno de cabeça. — Estou contente que sua mulher e sua filha estejam bem.

Ele vai embora e suas palavras brincam na minha cabeça. Damon realmente fez um estrago em mim. Em mais de um sentido. Mas uma coisa que ele não conseguiu fazer é me destruir. Tudo o que tenho que fazer agora é ter certeza que não destruiu a minha mulher. Mas não importa a resposta para isso, com certeza vou passar o resto da minha vida reparando o estrago que ele fez.

Vejo como ele pega o braço de Lexi antes de caminhar pelo corredor. Vê-los juntos é outro lembrete de que



preciso juntar esses dois. Isso é, se eles já não o fizeram. Esta não é a primeira vez que eu os vejo juntos, mas não pensei sobre isso.

Virando meu corpo, enfrento minha irmã. Culpa e vergonha me bate quando olho para a lágrima correndo por seu rosto.

— Sinto muito. — Eu e Denny dizemos ao mesmo tempo. — Realmente sinto muito. — Nós dois começamos a dizer antes de ficarmos sérios. Sem esperar, eu a envolvo firmemente em meus braços, em um abraço de urso. Sinto muito a falta dela. Parece que me distanciei dela desde que sai de casa. Uma das razões que o fiz foi por causa de nossa *mãe*. Eu me senti culpado por deixá-la lá sabendo o monstro que era. Não foi até o sequestro, sabendo do envolvimento de nossa mãe nele, que realmente me senti envergonhado. Estava tão focado no meu trabalho, em progredir, que não a procurei com frequência. Estou feliz por temos essa segunda chance.

— Obrigado por ter vindo. — Digo a ela com a garganta seca. Deve ter custado muito para vir aqui pela forma como se sente sobre Kennedy. — Eu sei como você se sente sobre Kennedy, mas ainda veio. — Eu começo.

— Ela é da família. — Ela diz, me interrompendo. — Estava sendo egoísta e infantil, nunca deveria ter reagido da maneira que o fiz. Foi atípico. Eu disse a Kennedy que sinto muito e sinto. Mas também estou triste por você. A maneira como me comportei. — Ela diz balançando a cabeça como se



estivesse lembrando seu comportamento.

— Está tudo bem. Acabou agora. Estou muito feliz que você esteja aqui. — Digo antes de agarrá-la em outro abraço.

Ela ri no meu ouvido antes de sussurrar. — Tome conta delas.

— Eu vou, sempre. — Sorrio, beijando sua bochecha e me afastando.

— Estamos hospedados em um hotel não muito longe daqui. Inundou a ponte e as estradas ainda estão ruins. Eu não quero correr o risco de nos envolver em um acidente. — Ela me diz e começo a sentir-me mal por ela ter que passar a noite longe de Hope. Eu sei que deve ser difícil para ela. Iria me matar ter que passar uma noite longe de Immy agora que a tenho em minha vida. Agora posso entender por que minha irmã lutou tão ferozmente para ter Hope. Eu faria exatamente a mesma coisa por Imogen.

— Vá descansar um pouco. Falarei com você amanhã. — Sorrio pronto para voltar para dentro, para Kennedy e Immy.

Vejo-a caminhar pelo corredor nos braços de Mason. É então que percebo como tenho sorte por ter a irmã que tenho. Ela poderia ser irritante como as outras irmãs que conheço através dos meus companheiros, mas não é. É tudo menos isso. Sempre foi compreensiva e madura para sua idade. Passou por alguns momentos difíceis e realmente a admiro por isso.



Quando eles não estão mais à vista, volto para a porta que detém meu futuro.

Entrando no quarto, vejo que vovó encontrou a bolsa de roupas que Lexi embalou e está cantando para Immy enquanto a troca no final da cama de Kennedy. Nenhuma delas me ouviu entrar, então, eu aproveito para assimilar tudo. Como minha vida tornou-se isso em tão pouco tempo é uma loucura, mas uma coisa é certa, não mudaria por nada nesse mundo.

A porta se abre atrás de mim me tirando dos meus pensamentos. Vovó e Kennedy se assustam com o barulho e ao ver-me já de pé ali. Sorrio timidamente antes de sair do caminho da enfermeira. Ela entra carregando uma mamadeira e empurrando um berço, eu sorrio.

— Peguei isso da maternidade. Imogen pode ficar aqui com você e seu noivo. — A enfermeira sorri e olho para Kennedy, preocupado sobre como ela vai reagir a me ouvir sendo chamado de noivo. Ela está prestes a abrir a boca para contar à enfermeira que não vai se casar. Então, antes que ela possa dizer alguma coisa eu rudemente a interrompo.

— Obrigado. Isso é muito gentil e bondoso. Nós agradecemos, não é querida? — Eu digo antes de avançar em direção Kennedy. Ela está me olhando de boca aberta, mas não há como negar a faísca em seus olhos ao ouvir ser chamada de minha noiva. Deixa-me realmente muito satisfeito ao ver que não está irritada com isso.



Tomando um assento na cadeira ao lado da cama, eu a puxo tão perto quanto posso em direção a Kennedy, pegando sua mão na minha. Quando vovó contorna a cama e me entrega uma Immy vestida, sorrio. Ela está totalmente acordada agora e seus grandes olhos estão em mim.

— Eu tenho que ir para o hotel, fazer o check-in. O rádio foi dando avisos de enchentes durante todo o dia, então não vou dirigir de volta esta noite. Darei a entrada, em seguida vou comer alguma coisa. Quer que traga algo para vocês? A comida de hospital não é tão boa. Minha amiga Doris teve que retirar sua vesícula biliar não há muito tempo aqui e disse que a comida era o suficiente para te deixar internado. — Diz ela, parecendo enojada com a comida.

— Por favor. — Sorrio grato por ter pensado nisso. Ignoro o seu comentário sobre a comida do hospital, não querendo ouvi-la entrar em outro de seus discursos retóricos. Em vez disso, eu pego a mamadeira que a enfermeira deixou no colo de Kennedy e começo a alimentar Immy.

Agora banhada e vestida com roupas limpas Immy está mais feliz. Ela toma sua mamadeira como se não tivesse sido alimentada todo o dia, mas então aperto os dentes quando percebo que ela não foi. A única fonte de alimento que teve foi o que Mel lhe deu e o IV em que ela foi colocada. Poderia ter morrido de fome.

Porra! Nós realmente poderíamos tê-la perdido hoje. O pensamento me irrita.



A porta se fecha atrás da enfermeira e olho para Kennedy perguntando se ela dormiu. Ela tem estado muito tranquila desde que voltei para o quarto e pergunto se me culpa por tudo, mas em vez disso, eu a encontro me olhando com um olhar que eu não posso decifrar.

— Por que eles pensam que sou sua noiva? — Ela pergunta em voz baixa. Um rubor rosa sobe em suas bochechas e ela olha para longe por uma fração de segundo antes de seus olhos alcançarem os meus novamente.

— Porque você é baby. Você não tem uma escolha nesse assunto, gostaria muito que concordasse e assim que estiver bem o suficiente, nós vamos nos casar.

— Vamos? — Ela respira e seus olhos começam a lacrimejar.

— Sim, querida. Vamos. —Digo-lhe mais suavemente desta vez, deixando-a ver quão honesto estou sendo agora. Quero que ela pertença a mim em todos os sentidos possíveis.

— Mas... Mas nós não nos conhecemos há muito tempo. — Ela me diz, tentando protestar. Suas palavras não são calorosas, então eu sei que ela quer isso tanto quanto eu.

— Baby, eu soube no dia em que a conheci que iria me casar com você. Levou-me apenas até hoje para perceber isso.

— Eu te amo. — Ela exclama, um soluço escapa enquanto tenta me dar um pequeno sorriso.



— Eu também te amo, baby. Agora descanse um pouco. Nós temos a eternidade.



Epílogo

KENNEDY

Aqui está uma prévia do que está por vir no romance de Max, o livro quatro da Serie Carter Brother, mas no POV de Kennedy.

Deus, que som horrível é esse? Meus ouvidos estão zumbindo, ou poderia ser um telefone, não tenho certeza.

O que eu sei é que eu nunca vou beber novamente. Nunca! E quero dizer nunca, nunca. Odeio álcool e a partir de hoje nunca mais vou encher a cara ou até mesmo socialmente. Álcool e eu não somos amigos.

A noite de ontem é um borrão completo. Pequenas partes vêm à minha mente, mas nada que explique por que sinto que estou morrendo. Sinto como se fosse atropelada por um caminhão mais uma vez.



Evan

— Baby, você vai acordar Immy com seus gemidos. — Meu marido ri e eu enterro a cabeça ainda mais no travesseiro. E sim, eu disse marido.

Evan manteve sua palavra e assim que melhorei arrastou-me para um cartório de registro onde nos casamos. Eu ainda estava com gesso nas minhas fotos do casamento, mas não me importei. A única coisa que importou para mim naquele dia foi casar-me com Evan. Colocamos seu nome na certidão de nascimento de Imogen também e conseguimos mudar seu sobrenome.

Tudo é perfeito.

Nunca estive tão apaixonada por alguém, como estou por ele.

Mas agora quero chutá-lo para fora da cama. Eu já tirei meu gesso, porque senão eu poderia usá-lo para expulsá-lo.

— Pare de falar. — Eu resmungo, fazendo beicinho no travesseiro.

— Baby. — Ele ri, sacudindo meus ombros. A sensação provoca uma onda de náusea em meu estômago e eu rosno.

Depois que tudo foi resolvido entre mim e Denny, Evan e Denny, ela tornou-se um novo desafio em minha vida. Declarou-me sua irmã, mas pela maneira como estou me sentindo nesta manhã, não é minha irmã.

Fui à festa de Denny ontem à noite, daí a razão para a minha grande ressaca. Evan não foi, se recusando



teimosamente, porque não queria deixar Imogen com ninguém.

Mesmo que nenhum de nós culpasse Melanie por Imogen ter sido raptada, nós dois concordamos em cuidar dela nós mesmos. Apenas até que a lembrança do que aconteceu com Immy não esteja tão fresca em nossas lembranças e nos sentirmos confortáveis em deixá-la com outra pessoa. Melanie sente remorso pelo que aconteceu, mas concorda que não conseguiria a olhar novamente. O que aconteceu a assustou mais do que percebemos. Está ficando melhor agora, mas mesmo após oito semanas, eu esperava que nos visitasse mais ou nos deixasse visitá-la.

O toque começa a voltar e resmungo no travesseiro, desejando que o barulho pare.

— Baby, é Denny. Ela já ligou umas mil vezes esta manhã.

Movendo minha cabeça, estremeço com a luz no quarto e estreito meus olhos em Evan enquanto ele me dá o telefone. Ele ri, beijando minha testa.

— Vou pegar um café. — Ele sussurra antes de sair da cama. Observo distraidamente sua bunda firme em sua boxer, enquanto se afasta.

Puta merda, meu marido é gostoso.

— Nós não somos mais amigas. — Eu resmungo para o telefone, sentindo o quarto girar ainda.

Denny grita ao telefone e o levo para do meu ouvido, fazendo uma



careta ao ouvir o som ensurdecedor. — Acalme-se e pare de gritar. — Eu grito, mas estremeço com a dor disparando em meu crânio.

— Preciso de sua ajuda ou a ajuda de alguém. Acho que trai Mason. — Ela chora.

No começo minha mente está chocada por ela tê-lo traído, mas então eu me lembro vagamente dela, ser levada para algum lugar pelo próprio Mason.

— Não, você não traiu. Ele levou você para casa, não foi?

— Eu não sei. Ele não está aqui. Estou indo para Joan agora. Não posso acreditar que o traí. Eu nunca faria isso. Eu nem me lembro da noite passada. Que porra aconteceu? Por que acordei vestindo metade de uma roupa de couro de prostituta e como é que tenho uma porra de tatuagem. — Ela grita histericamente.

Eu gemo no telefone, sem me lembrar de nada. Toda vez que uma imagem aparece na minha memória é borrada. Eu não sei o que é real e o que não é.

— Você tem uma tatuagem? — Digo minha voz seca e rouca.

— Sim, é realmente muito impressionante, mas esse não é o ponto. Não me lembro de ter feito a coisa do caralho. Por favor, o que fizemos na noite passada?

— Eu honestamente não sei Denny. Lembro-me de desafiar. —Digo a ela e não posso deixar de rir de sua declaração de prostituta. — Você



realmente tem uma roupa de prostituta?

— Kennedy, não é engraçado. — Ela chora. — Estou vestindo couro. Couro, porra. Sou uma mãe pelo amor de Cristo. Que porra fará? Espere, eu recebi uma mensagem.

Eu a ouço pressionar os botões em seu telefone antes que comece a rir.

— Meu Deus. Você nunca vai acreditar nisso. — Ela ri.

— O quê? — Pergunto, imaginando o que poderia ser pior do que fazer uma tatuagem e acordar vestindo roupas de couro.

— Max... — Ela ri, lutando para respirar. — Ele foi preso... Mais uma vez. Ele foi encontrado nu atravessando a Hawthorn Farm. — Ela ri e eu começo a rir com ela.

Que porra nós fizemos na noite passada?

Descubra o que eles fizeram no romance de Max, o quarto livro da série.



Nota da autora

Nunca tive a intenção de escrever o livro de Evan. Quando comecei a planejar a série Carter Brother, Evan nem passou pela minha cabeça.

Então lancei Mason e tantas pessoas me perguntaram se Evan teria seu próprio livro. Isso me fez pensar imediatamente. Nós já sabíamos que havia algo entre Evan e sua vizinha do lado Lexi, mas queria algo mais para ele.

Então Kennedy chegou.

Ela veio até mim em um sonho e amei a personagem tanto que decidi dar-lhe a Evan.

Depois toda a história praticamente se reuniu por si só.

Eu não queria escrever um romance completo para Evan devido ao fato de que esta é a Série Carter Brother então acabou indo para uma novela.

Sinceramente espero que meus leitores desfrutem de seu livro e estejam ansiosos para ler Max. Esses personagens tornaram-se uma parte tão grande da minha vida que me sinto vivendo com eles algumas vezes. Mesmo meus filhos me perguntam o que planejei para eles.



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão!

Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).